

6 JOGOS DA PRIMAVERA DE SERGIPE: O RETORNO (1979-1995) ... OU DE COMO SE ESPORTIVIZOU A ESCOLA!

*"Quem tem um sonho não dança."*¹

As duas últimas décadas do século XX foram decisivas na radicalização da sociedade do espetáculo, sobretudo pela derrocada do socialismo existente e a aparente vitória do capitalismo como modo de produção mundializado. Aparente vitória, pois em seu intestino continuam efervescendo idéias, práticas, criações e recriações culturais sob outras bases, que apontam projetos históricos possíveis.

O último sopro do combalido socialismo se deu, então, no campo esportivo. A realização dos Jogos Olímpicos de 1980 em Moscou, o boicote aos Jogos de Los Angeles, em 1984, e a última disputa, com vitória, contra os EUA em palcos sul-coreanos, no ano de 1988, fizeram o mundo acreditar na longa vida da “guerra fria”. Tais eventos uniram, graças à explosão massiva dos meios de comunicação via satélite, o planeta em torno da beleza atlética de superação dos limites humanos e das aspirações que a mercadorização do esporte possibilitou. Contudo, oportunizaram o desencantamento pelos freqüentes usos de doping e a percepção de seu uso político e mercadológico indiscriminado. Definitivamente, ao contrário do que professava o discurso midiático (ele mesmo, político e mercadorizado), nada era puro e intocável, nem mesmo o esporte.

No Brasil, a juventude começava a retornar às ruas em meio aos pedidos de redemocratização. Muitos jovens que haviam "partido num rabo de foguete" regressavam como senhores e senhoras para alimentar a possibilidade de um novo país. Nesse novo país, ainda sob a sombra da tortura, dos assassinatos e da repressão, perceberam-se avanços em todas as esferas sociais. Ao longo da década de 1980, as lutas pelas "Diretas" e pela nova Constituição Federal não foram suficientes para conter a reordenação política aparente, quando os velhos políticos da ditadura transmutaram-se em "novos" garantidores da democracia, inclusive para a educação e o esporte.

¹ FREJAT, R. e CAZUZA. Bete Balanço. Intérprete: Barão Vermelho. In: BARÃO VERMELHO. **Barão Vermelho ao vivo**. Rio de Janeiro: Gala, 2003. 1 CD. Faixa 8. Remasterizado em digital.

No campo esportivo-educacional, os JEBs estavam consolidados, mas como toda prática e instituição social herdada da ditadura, estavam sob críticas ferozes quanto à sua estrutura, objetivos e alcances democráticos. Diante das críticas e em meio à euforia democrática, tendo Bruno da Silveira à frente da Secretaria de Educação Física do MEC, os XIV JEBs, realizados em São Paulo no ano de 1985, foram organizados de modo a repensar seus objetivos e garantir o esporte como direito social, partindo de novos princípios: diferenciação do esporte "escolar" do "federado" ou de "rendimento"; interiorização dos Jogos para incluir as periferias; repúdio à utilização de resultados esportivos para avaliação de escolas e alunos. Revelando casuísmo político, nas edições seguintes dos JEBs, os princípios não foram acatados e sequer retornaram à discussão².

Após a promulgação da Constituição em 1988, que prescreveu o esporte como direito de todos, principalmente seus elementos formativos como esporte-educação, foram realizados os XVIII JEBs em 1989, na capital federal. Nesse momento o titular da Secretaria de Educação Física do MEC era Manoel José Gomes Tubino que propôs a realização da “*Conferência Brasileira do Esporte na Escola*”, de onde foi gestada a “*Carta Brasileira do Esporte na Escola*”. A “*Carta*” afirmava que:

O Esporte na Escola, cedendo lugar ao esporte de performance e permitindo o direcionamento de suas competições à busca do alto rendimento e de uma frágil revelação de talentos, distanciou-se dos princípios e valores inerentes à manifestação Esporte-Educação³.

Fundamentando-se em princípios de participação, cooperação, integração, co-educação e co-gestão, os JEBs reestruturaram sua organização, seus rituais, a premiação e contato entre as delegações. Ao final dos Jogos e da Conferência, estudantes, professores, árbitros e dirigentes fizeram indicações importantes para o desenvolvimento do esporte na escola, tais como: estender os debates a todas as instituições escolares do país em todos os níveis de ensino; cada estado deveria organizar suas competições esportivas com base em suas próprias características; propunha-se oportunizar a participação de todos os alunos, independente de seus talentos, inclusive nas diversas funções de organização e direção. Duas indicações são essenciais a uma perspectiva de “escolarização” do esporte: que o esporte deve ser regido por princípios pedagógicos da educação física, e o apoio dos estados aos Municípios, para garantir as condições de desenvolvimento do esporte na escola com a

² BORGES, E. C.; BUONICORE, A. **Memória do esporte educacional brasileiro**: breve história dos Jogos Universitários e Escolares. op. cit.

³ CARTA Brasileira do Esporte na Escola. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Esporte na escola**: os XVIII Jogos Escolares Brasileiros como marco reflexivo. Brasília: MEC/SEED, 1989. p. 1.

participação de todos e que os professores possam “ensinar esporte fazendo esporte-educação”⁴.

Um outro extremo de casuísmo político, são relativas às indicações da “Conferência Brasileira do Esporte na Escola” que jamais foram implementadas ou acatadas, seja no âmbito nacional ou local, resultando no seu desaparecimento nas edições subseqüentes dos JEBs. As propostas da “*Conferência*” resultaram de uma das grandes características da redemocratização: a tentativa de servos políticos da ditadura, em permanecerem no centro da cena política brasileira, principalmente nas instâncias decisórias, da Presidência da República à direção das federações esportivas, passando pelas secretarias de educação e direção escolar.

Foi nesse ambiente — considerando o avanço que Sergipe conheceu em todos os setores sociais, inclusive no educacional e esportivo, considerando a reorganização política de fachada em torno da redemocratização — que ressurgiram os Jogos da Primavera. O objetivo deste capítulo é identificar como se consolidou a “esportivização” da escola na prática, notadamente pela faceta mercadológica incorporada pelo ensino privado, e a “esportivização” da escola ao menos na aspiração, no desejo, geralmente irrealizável, dos alunos da escola pública. Os *Jogos* se aperfeiçoaram e conquistaram a possibilidade de desenvolverem (ou treinarem) todas as suas potencialidades. Todavia, em situações de treinamento, os adversários são mais fortes e resistentes. Enquanto os Jogos avançavam, professores, alunos e esportistas apontavam suas mazelas, seu descaminho em relação à formação da juventude, bem como tentaram e/ou erigiram novos horizontes pedagógicos.

6.1 Jogos da Primavera: o retorno

Após nove edições dos JES, nas quais foram otimizados os espaços de prática esportiva, estruturadas as modalidades em termos técnicos mais elaborados, foi ampliada a participação da capital e do interior, essa iniciativa foi abruptamente interrompida. Não obstante o projeto de reprodução local dos JEBs e a tentativa de “esportivização” da escola não terem dado resultado, o fato é que os JES vinham paulatinamente conquistando espaço na tradição esportivo-estudantil sergipana.

Refletindo tradições oligárquicas históricas, no governo de Augusto Franco, o secretário de Educação Antônio Carlos Valadares encerra os JES e propõe a recriação dos Jogos da Primavera. Ao longo dos anos subseqüentes, criar-se-ia uma personificação do secretário Valadares como “idealizador/criador” e principal incentivador dos *Jogos*. As

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Esporte na escola**: os XVIII Jogos Escolares Brasileiros como marco reflexivo. Brasília: MEC/SEED, 1989. p. 83.

justificativas de retorno dos mesmos foram essencialmente de “gosto particular”, não de interesse público: "Gostei de participar como estudante dos Jogos da Primavera, porque agora, eu como Secretário da SEC, iria deixar os Jogos de lado?"⁵.

Nos discursos posteriores radicalizar-se-ia a personificação dos *Jogos* ao político:

Para o êxito alcançado nos V Jogos da Primavera contamos com o decisivo e indispensável apoio do Governador Augusto Franco, que em nenhum momento nos faltou com seu incentivo e a sua palavra de estímulo, demonstrando mais uma vez o empenho do Governo em favor do desenvolvimento de uma juventude sadia, física e intelectualmente preparada para no futuro assumir suas responsabilidades. Os Jogos da Primavera voltaram a coexistir com a juventude desportiva de nossas escolas, reativados que foram na atual administração, já pertenciam ao patrimônio dos moços sergipanos. Portanto, essa conquista dos estudantes, pais e mestres veio para ficar e isso jamais poderá ser esquecido pelos futuros administradores do Estado⁶.

Impôs-se aos futuros governantes do estado a aceitação de obras e realizações que se materializavam como “patrimônio dos moços sergipanos”, e se resumira na reprodução de projetos políticos pois, ainda que relevantes socialmente, atendiam a diretrizes dos mesmos grupos os quais estavam no poder desde a ditadura. Com isso, os *Jogos* continuaram a se realizar nas administrações posteriores do governador Djenal Tavares de Queiroz⁷ (1982-1983), do governador João Alves Filho (1983-1987) e do, neste momento, governador Antônio Carlos Valadares (1987-1991) que na última edição dos *Jogos* sob sua gestão em 1990, ratificou seus vínculos pessoais ao evento:

Os Jogos da Primavera me são muito caros. Como Secretário da Educação e Cultura do Estado de Sergipe tive a felicidade de instituí-los, ao lado de bravos companheiros professores, educadores, estudantes, todos desportistas, que entendiam o esporte como uma atividade insubstituível na formação da cultura humana. Muito mais feliz ainda hoje, os jogos da primavera chegará à sua décima quinta edição no momento em que o destino me reserva o exercício do cargo de governante do Estado⁸.

A tentativa de personalização, ou de realização da *démarche* política, sobre os *Jogos* não permitiu a seus realizadores o cuidado necessário concernente à continuidade da tradição. Os *Jogos* foram retomados em 1979 com a numeração de IV (4º) Jogos da

⁵ SEC quer voltar Jogos da Primavera. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 13, 15 e 16 abr. 1979.

⁶ SECRETÁRIO destaca disciplina nos Jogos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 1 out. 1980.

⁷ Os *Jogos* tornaram-se palanque para discorrer sobre as identificações dos políticos com o desenvolvimento do esporte em Sergipe, a exemplo do discurso do governador Djenal Queiroz na abertura dos “VII” Jogos, quando se intitulou o “homem que acompanhou a evolução do esporte desta terra” (MENSAGEM do Governador. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 16 out. 1982.). Esta digressão não pretende menosprezar a participação do governador no desenvolvimento do esporte pois, segundo Joel Batalha, Djenal Queiroz foi um grande líder do esporte em Sergipe desde a década de 1940 (Cf. BATALHA, J. **As peripécias do esporte sergipano**. op. cit.). A intenção é tão somente caracterizar a instrumentalização política do evento na personalização política brasileira.

⁸ MENSAGEM do Governador. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 13, 15 set. 1990.

Primavera. Com essa medida, relegou-se ao ostracismo histórico e à memória de alguns indivíduos a realização, em 1967, dos IV Jogos da Primavera; única edição que, na 1ª fase, foi vencida por uma escola pública, o Atheneu, à época Colégio Estadual de Sergipe⁹. Os *Jogos* recomeçavam com uma contagem equivocada que, ao contrário de ratificar uma tradição, reorganizou outra sob os auspícios dos donos do poder.

Acentuando a marca política personalista do evento, os organizadores, dos “IV” *Jogos* em 1979, inauguraram uma tradição de nominar os troféus dos vencedores dos *Jogos* com os cargos e nomes de políticos sergipanos, bem como de pessoas e instituições reconhecidas socialmente. Nos “IV” *Jogos*, os troféus foram assim nominados: 1º lugar – “Troféu Governador Augusto Franco”; 2º lugar – “Troféu Vice-Governador Djenal Tavares de Queiroz”; 3º lugar – “Troféu Deputado Hélio Dantas”; 4º lugar – “Troféu Desembargador Oliveira Déda”; 5º lugar – “Troféu Deputado Antônio Carlos Valadares”; 6º lugar – “Troféu Prefeito Heráclito Rollemberg”; 7º lugar – “Troféu Comandante do 28º Batalhão de Caçadores”; 8º lugar – “Troféu Reitor José Aloísio de Campos”; 9º lugar – “Troféu Capitão dos Portos”; 10º lugar – “Troféu Imprensa”¹⁰.

Em épocas em que tão somente o nome e o discurso não deixam marcas na memória social era necessária a construção de um impacto imagético:



Figura 12 - Desfile dos troféus – “VI” Jogos da Primavera 1981. 1 fotografia, p&b.

Fonte: Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura

⁹ Nas três primeiras edições dos *Jogos*, de 1964 a 1967, o campeão geral foi o Colégio Tobias Barreto, então escola particular de propriedade do professor Alcebíades Melo Villas-Boas. O Colégio Tobias Barreto foi comprado pelo Governo do estado de Sergipe em 1969 tornando-se escola pública.

¹⁰ ARQUIDIOCESANO campeão da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 11, 2 out. 1979.

Com alunos, por critérios desconhecidos, previamente escolhidos, os troféus ganhavam a Avenida Barão de maruim no desfile dos *Jogos*. As evoluções dos estudantes com os troféus nas mãos geravam um deslumbre visual surpreendente, levando os objetos de desejo ao alcance dos olhos dos populares e dos atletas, professores e diretores que assistiam e desfilavam.

Nas edições seguintes dos *Jogos*, notadamente na administração do governador Valadares, os troféus continuaram a receber denominações de acordo com o “soprar” dos ventos políticos. Em 1988, 1º lugar – “Troféu Governador Antônio Carlos Valadares; 2º lugar - “Troféu Prefeito Viana de Assis”; 3º lugar - “Troféu Coronel Eduardo Pereira”; 4º lugar - “Troféu Secretário Antônio Freitas”; 5º lugar - “Troféu Secretário Leó Filho”¹¹. Em 1989, 1º lugar – “Troféu Governador Valadares”; 2º lugar – “Troféu Secretário Antônio Freitas”; 3º lugar – “Troféu Secretário Leó Filho; 4º lugar – “Troféu Jurandi Santos”; 5º lugar – “Troféu Raimundo Macedo”; 6º lugar – “Troféu Givaldo Batista”; 7º lugar – “Troféu Paulo Lacerda”; 8º lugar – “Troféu Paulo Roberto”; 9º lugar – “Troféu Joel Batalha”; 10º lugar – “Troféu Geraldo Oliveira”¹². E em 1990, 1º lugar – “Troféu Governador Valadares” e 2º lugar – “Troféu Secretário Leó Filho”¹³.

Cabe enfatizar que na edição de 1989 prestigiou-se, em larga escala, os jornalistas esportivos (troféus do 4º ao 9º lugar) e, pela primeira vez e única vez, foi feita uma alusão e homenagem a um professor de educação física, o professor Geraldo Oliveira. Conhecido popularmente como “Geraldão”, o professor não tinha curso superior, porém foi uma das grandes referências da educação física e do esporte em Sergipe desde a década de 1960 quando, na condição de técnico de futebol de salão, ajudou o Colégio Tobias Barreto a se sagrar tri-campeão geral dos Jogos da Primavera. Foi treinador de futebol de salão da Associação Atlética de Sergipe e das categorias de base do futebol no tradicional Club Sportivo Sergipe por mais de 20 anos. Conforme a justa homenagem, é possível concluir que a deferência a “Geraldão”, nesta edição dos *Jogos*, deveu-se à sua condição de treinador esportivo ou de locutor esportivo, outra função que desempenhava de modo destacado¹⁴. Todavia, é possível concluir, também, considerando essa homenagem isolada, que a apropriação política dos *Jogos* não permitia reiterar homenagens àqueles que, em tese, faziam funcionar as engrenagens do esporte estudantil no estado, os professores de educação física.

¹¹ UNIFICADO e Arqui perto do título da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 14, 1 nov. 1988.

¹² UNIFICADO, com raça, é o campeão da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 16, 25 out. 1989.

¹³ ARQUIDIOCESANO campeão dos Jogos da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 14, 26 set. 1990.

¹⁴ Para conhecer o perfil do professor Geraldo Oliveira, cf. BATALHA, J. **As peripécias do esporte sergipano**. op. cit.

Desse modo, como se sustenta a finalidade educativa dos Jogos? Ratificava-se o compromisso com os interesses políticos pessoais em detrimento dos interesses educacionais.

Além dos troféus, nos desfiles também se tornaram comuns, ao longo da Avenida, faixas relativas ao próprio governo se auto-promovendo pela realização, feitas por diretores de escolas particulares, parabenizando o governador do estado pela iniciativa. Também diretores de escolas públicas, que financiavam as faixas com dinheiro próprio, ratificando seu compromisso político com o governo ou fazendo o papel clássico de “puxa-saco” que lhes permitia a permanência nos cargos de “confiança”. Além dessas faixas, o governo punha mulheres desfilando e destacando realizações de sua gestão; a exemplo do governador João Alves Filho que tinha como “carro-chefe” do seu discurso de saneamento das contas públicas, o aumento da carga tributária.

As campanhas pelo recolhimento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) sempre foram uma tônica nos governos de João Alves Filho (1983-1987; 1991-1995; 2003-2006) e uma das mais significativas foi o chamado “Gol da Sorte”. Incentivando a população ao recolhimento de notas fiscais, o governo criou um sistema de troca de notas por cupons da promoção “Gol da Sorte” que permitia a entrada gratuita nos jogos do campeonato sergipano de futebol, além de serem bilhetes para o sorteio de prêmios. Tal promoção campeou nos *Jogos*, tanto que, na cerimônia de encerramento de sua edição “XVIII”, sorteou 10 bicicletas aos presentes no Ginásio Constâncio Vieira¹⁵. Ao atrativo esportivo, somava-se o atrativo dos prêmios “generosamente” concedidos pelo governo do estado. Uniam-se o “parecer” e o “ter” em plena dinâmica social visível e experimentada.

A caminhada de promoção política em torno do esporte gerou, inclusive, a reprodução de eventos da mesma natureza no mesmo ano. Em 1990, após a realização dos “XV” Jogos da Primavera, o secretário do bem-estar social e trabalho, jornalista Leó Filho — vinculado politicamente ao governador Valadares desde 1979, quando foi nomeado por este, Diretor do Ginásio Constâncio Vieira — anunciou a realização dos “*I Jogos Escolares da Rede Pública do Estado de Sergipe*”, sob os mesmos moldes dos *Jogos*, desta feita com a exclusão das escolas privadas e públicas municipais e federais. Os “*Jogos da Rede Estadual*” tiveram como objetivos: desenvolver o intercâmbio sócio-desportivo entre os estudantes da rede pública; incrementar as boas relações entre mestres, alunos, pais e dirigentes; proporcionar a união da classe estudantil à comunidade e autoridades constituídas; promover e exaltar a prática desportiva como instrumento indispensável à formação integral da pessoa

¹⁵ MARATONA estudantil da Primavera é encerrada com festa no Vieirão. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 16, 5 nov. 1993.

humana; estimular a prática desportiva na comunidade e favorecer o surgimento de novos valores no cenário nacional¹⁶.

A reprodução de um evento desta natureza onerava os cofres públicos, dava mais tempo de trabalho ao professor de educação física que treinava equipes esportivas pois, como veremos, estes entravam de férias logo após os Jogos da Primavera. A pressão dos professores por causa do “trabalho-extra”, dos diretores de escola pública pela onerosidade e desgaste de dois eventos no mesmo ano, e dos diretores de escolas particulares pelo receio de que os Jogos da Primavera deixassem de ser financiados pelo Estado que se ocuparia somente de sua rede, fez com que os “*Jogos da Rede Estadual*” não sobrevivessem à mudança de governo do ano seguinte.

Não obstante a instrumentalização política dos *Jogos* e a vinculação dos mesmos à imagem “benemerita” de alguns políticos, é fato que a reedição dos *Jogos* se deu no momento de consolidação da área de educação física no estado, de aumento da rede escolar e da sintonia com as demandas sociais nacionais de prática esportiva. Pulularam, ao longo da década de 1980, políticas de desenvolvimento do esporte no Brasil que, segundo o Conselho Nacional de Desportos, podia ser dividido em esporte-performance, esporte-participação e esporte-educação com investimento público, prioritário mas não exclusivo, a este último.

Nessa sintonia e seguindo o ritmo de tornar a escola o *locus* privilegiado de desenvolvimento do esporte, não o escolarizando, porém esportivizando suas estruturas e dinâmicas de funcionamento, a reedição se fez acompanhar por políticas de desenvolvimento do esporte amador, a exemplo da Lei n.º 2.214/79 que criou o “*Fundo de Promoção e Desenvolvimento de Esportes*”. Tal “*Fundo*” teria como fontes as dotações orçamentárias e rendas da utilização de praças de esportes, tendo por finalidades a promoção, incentivo e apoio às atividades esportivas, exclusivamente, amadoras¹⁷.

Ao secretário de educação Valadares, os Jogos da Primavera seriam o espaço ideal para o auxílio e fortalecimento do esporte (entenda-se federações) amador no estado. Ao defender o retorno dos *Jogos* utilizou por justificativa que:

para os esportes amadores as competições estudantis representam a criação de uma base e do soerguimento das Federações especializadas, atualmente, com sérias dificuldades pela falta de clubes filiados que por sua vez alegam a escassez de atletas, principalmente volei e basquete¹⁸.

¹⁶ JOGOS Escolares da Rede Pública iniciam no dia 15. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 13, 8 nov. 1990.

¹⁷ SERGIPE. **Lei n.º 2.214**, de 18 de junho de 1979. Dispõe sobre a constituição do Fundo de Promoção e Desenvolvimento de Esportes e dá providências correlatas. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

¹⁸ JOGOS da Primavera. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 14, 5 maio 1979.

Amparado em tal argumento — a não percepção de que escola e federações esportivas são instituições distintas em finalidades e funcionamento — o CEE debruçou-se sobre vários projetos de desenvolvimento da educação física e do esporte na escola. No Parecer n.º 113/86/CEE, a conselheira Maria Anete de Figueiredo Santos aprovou um “*Projeto de apoio ao desenvolvimento do esporte escolar*” visando ao financiamento de cursos para 80 professores que trabalhavam com modalidades esportivas¹⁹. Já no Parecer n.º 010/85/CEE, a conselheira Cacilda de Oliveira Barros aprovou o financiamento de três projetos: “*Projeto de desenvolvimento da educação física no ensino de 1º grau*” que propunha atualizar os professores em didática da educação física, ritmo, educação física na pré-escola, educação física para alunos especiais e realizar um seminário de educação física; “*Projeto de apoio ao desenvolvimento do desporto escolar*” com intuito de proporcionar o aprimoramento da elite esportiva estudantil, realizando competições estaduais, organizando os clubes escolares e participando de competições nacionais; e “*Projeto de desenvolvimento do esporte para todos*” visando a incentivar as competições esportivas de massa²⁰.

Os projetos e pareceres revelam como a instituição, que deveria regulamentar, pensar e propor a educação no estado, estava despreparada para as discussões afetas à educação física, numa perspectiva diferenciada às determinações que o ambiente esportivizado vinha impondo. O esporte, enquanto manifestação da cultura corporal, deveria ter seu espaço garantido como elemento a ser escolarizado, voltado à formação educativa da juventude. O CEE, então, instituiu oficialmente a separação entre professores de educação física e professores de esporte, entre uma elite estudantil e um grupo de desprivilegiados estudantis na prática esportiva, ratificando uma função esportiva para a escola que resultaria tensões, inclusive em seu seio.

Distante dos gabinetes “palacianos” e das salas de reuniões, no terreno da prática onde professores e alunos podiam se movimentar, construir suas histórias e suas experiências, os *Jogos* oportunizaram significativos avanços. Já na “IV” edição dos *Jogos* houve um aumento notório de modalidades que permitiam a ampliação da participação dos estudantes. As modalidades incluíam basquete, handebol, voleibol, futebol de mesa, natação, pólo aquático, saltos ornamentais, ginástica rítmica, ginástica olímpica, atletismo, ciclismo, xadrez, tênis de mesa e de campo e judô, além de promover o retorno do futebol de campo e futebol

¹⁹ SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. **Parecer n.º 113/86/CEE**, de 22 de maio de 1986. Aprova projeto de Apoio ao Desenvolvimento do Esporte Escolar no estado de Sergipe. Relatora: Maria Anete de Figueiredo Santos.

²⁰ SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. **Parecer n.º 010/85/CEE**, de 7 de março de 1985. Aprova projetos de apoio e/ou desenvolvimento na área de Educação Física para o exercício de 1985. Relatora: Cacilda de Oliveira Barros.

de salão, excluídos por oito anos dos JES por não comporem o programa dos JEBs²¹. Na trajetória desta fase dos *Jogos*, novas modalidades foram se incorporando, a exemplo do karatê, capoeira, full-contact, triathlon, e até mesmo de "poesia falada" nos *Jogos* de 1988.

Outra iniciativa válida foi — com a percepção de que havia um grande número de alunos que ficavam retidos na escola, além da idade escolar, por reprovação, principalmente na escola pública — a inclusão de uma nova categoria de disputa esportiva. Além da categoria "A" com alunos até 15 anos e da categoria "B" com alunos entre 16 e 18 anos, foi criada a categoria "C" para alunos acima dos 18 anos. Tal iniciativa promoveu uma inclusão maior de alunos e resultou em uma categoria cujo nível técnico era elevado, incendiando a torcida nos ginásios, principalmente nos esportes coletivos. Todavia, já ao final da década de 1980, essa categoria não mais fazia parte dos *Jogos*, como se o problema da retenção de alunos estivesse resolvido, alijando tais jovens das práticas ativas de competição.

A participação das escolas foi estrondosa. Das tímidas 10 escolas dos IV *Jogos* da Primavera realizados em 1967, passando pelo paulatino acréscimo que, nos IX JES atingiu o número de 37 estabelecimentos educacionais, a reedição dos “IV” *Jogos*, em 1979, trouxe 53 escolas para o desfile e para as competições esportivas. Com a fundação gradativa de escolas públicas e particulares, os *Jogos* chegaram a registrar a participação de 86 escolas nas edições de 1993 e 1994. Além do aumento real de escolas participantes, percebeu-se a integração cada vez maior de escolas do interior do estado. Ao longo dos anos de 1979 a 1995, 34 escolas de 19 municípios vieram a Aracaju, disputar os *Jogos*, permitindo a seus escolares a prática, a confraternização e circulação pela capital. Se não houve completa democratização dos *Jogos*, já que não se integraram os 75 municípios sergipanos, não deixa de ser significativa a participação dos alunos e professores do interior nos *Jogos*; com algumas escolas de destaque a exemplo do Colégio Estadual Murilo Braga, de Itabaiana e o Centro Educacional Nossa Senhora da Salette, de Lagarto²².

A ampliação da participação de escolas e alunos oportunizou a melhora dos resultados esportivos. Se a concepção dos JES, de revelar atletas para os JEBs se revelou fracassada, o “aperfeiçoamento” desta fase possibilitou resultados satisfatórios no retorno dos *Jogos* da Primavera. A partir da década de 1980, o estado de Sergipe começa a se destacar em determinadas mobilidades dos JEBs como xadrez, tênis de mesa, judô, full-contact, sobretudo no handebol. O handebol feminino sergipano foi campeão dos JEBs por várias vezes e revelou atletas como Anita Pires e Maria Auxiliadora Pires. Esta última foi convocada para a seleção

²¹ VALADARES anuncia volta do futebol nos *Jogos*. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p.13, 5 maio 1979.

²² Conferir a lista de escolas participantes no **APÊNDICE B**.

brasileira de handebol e, conhecida como “Dorinha”, ganhou título sul-americano e foi medalha de bronze nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis, em 1987. No handebol masculino, jovens atletas, surgidos nos Jogos da Primavera, profissionalizaram-se em estados do sul-sudeste e foram destaque na seleção brasileira, a exemplo de Ronaldo SB e Hélio Justino, o “Helinho”, que participaram dos Jogos Olímpicos de Sydney (2000) e Atenas (2004).

Os resultados expressivos no esporte estudantil nacional deram um impulso ao ritual de condução da tocha e acendimento da pira olímpica.



Figura 13 - Condução da tocha olímpica – “VI” Jogos da Primavera. 1981. 1 fotografia, p&b.

Fonte: Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura

Se, anteriormente, a definição do estudante que participava deste rito era feita com destaques internos, a partir desse marco, os destaques nacionais eram premiados com a condição de “espelho para a mocidade estudantil da terra”. A, então, vice-campeã de handebol dos JEBs, Maria Auxiliadora Pires (**Figura 13**), repetiu em 1981, a corrida simbólica pela Avenida Barão de Maruim, conduzindo o “fogo sagrado” do esporte que já havia realizado no ano anterior. A aura mística do ritual, a gestualidade do atleta, a felicidade em identificar-se com sua terra e ser um exemplo para os demais estudantes do discurso do esporte enquanto uma possibilidade real dependente, exclusivamente, da vontade própria, seriam reproduzidos ao longo da década por outros atletas campeões brasileiros. Anita Pires, campeã brasileira de

handebol pelo Iate Clube, em 1986²³; Maíra Silveira, campeã de xadrez nos JEBs, em 1987²⁴; Marcos Gentil Monteiro, bicampeão de tênis de mesa nos JEBs, em 1988²⁵; e Cledevaldo Barros, campeão de full-contact, em 1992²⁶, foram alguns estudantes que reproduziram o gesto de Dorinha e alimentaram o sonho esportivo dos estudantes.

Outra tradição resgatada dos *Jogos* foi o retorno dos desfiles de abertura nas ruas de Aracaju, com a participação de atletas, professores e outros estudantes ocupando alas representativas de homenagens e temáticas, além dos carros alegóricos. Com o retorno desse espetáculo, que os críticos da década de 1960 denominaram de “carnavalização”, consolidou-se a disputa pelo “campeão do desfile”, como primeira competição dos *Jogos*. A professora Lígia Almeida rememora as tensões e contrastes dos desfiles:

Os Jogos da Primavera tinham o desfile na avenida com carros alegóricos, com fantasias mil, com banda, com, como é mesmo? As balizas, que eram ginastas na sua grande maioria, então elas faziam evoluções ginásticas mesmo, escalavam, faziam estrela, flick, né. Algumas davam "mortais", alguns meninos, porque também tinha meninos. Era como uma apresentação nobel de ginástica. Tinham apresentações nos carros alegóricos também. Era muito chique, muito rico. E as escolas, como era Jogos da Primavera [enfática], todas as escolas da rede municipal, estadual e particular participavam, as escolas, elas se empenhavam. Tinha um tal de ganhar esse desfile, que "nego" gastava dinheiro, os alunos das escolas públicas gastavam dinheiro com roupa, com fantasia, sabe? As escolas particulares não, que "derramavam" de monte. E as avenidas enchiam como no 7 de setembro, pra assistir os Jogos da Primavera²⁷.

Como as estruturas das escolas eram melhores, o momento de divulgação política, educacional e mercantil era mais propício. Devido à cobertura da imprensa escrita, radiofônica e agora televisiva, novas estratégias foram se incorporando aos desfiles. Do ponto de vista político, era possível capitalizar as vitórias esportivas como vitórias políticas devido ao “apoio” dos governantes ao desenvolvimento do esporte, o que fez a organização do desfile dos “XII” Jogos da Primavera quando colocou atletas sergipanos, campeões dos JEBs para desfilar sobre um caminhão do Corpo de Bombeiros, e atletas medalhistas nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis sobre um carro alegórico²⁸.

Do ponto de vista social, as escolas particulares perceberam os desfiles como uma grande vitrine de identificação popular com sua “marca” de incentivo ao esporte. Os desfiles tornaram-se um mostruário de celebridades esportivas e artísticas. De destaque, cabe

²³ ANITA levará a tocha olímpica. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 11, 20 set. 1986.

²⁴ JOGOS iniciam com grande apoteose. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 16, 20 a 21 set. 1987.

²⁵ JOGOS da Primavera, a festa do estudante. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 14, 22 out. 1988.

²⁶ JUVENTUDE faz os Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 1, 20 e 21 set. 1992.

²⁷ ALMEIDA, Lígia Menezes. Entrevista concedida ao autor em 17 de outubro de 2007. op. cit.

²⁸ JOGOS iniciam com grande apoteose. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 16, 20 a 21 set. 1987.

referenciar o Colégio Tiradentes que, em 1980, colocou na avenida os campeões olímpicos de iatismo (Classe Tornado), em Moscou (1980), Marcos e Eduardo Penido²⁹; o Colégio Unificado divulgou com estardalhaço a participação de João Carlos Oliveira, o João do Pulo, no desfile, visitando inclusive os locais de competição dos “IX” *Jogos*, em 1984, bem como alimentou a libido dos jovens sergipanos com a colocação da modelo Monique Evans em carro alegórico do colégio nos *Jogos* de 1986.

As escolas particulares já sinalizavam, na primeira metade da década de 1980, com a dinâmica reinante ao longo de toda esta fase dos *Jogos*, que desembocaria no abandono do esporte, como prática educativa, bem como, na absorção de sua lógica excludente em toda a escola. A utilização de celebridades tão somente materializava o impacto visual de poderio econômico, que pretendia ser visto e absorvido pela população como poderio educacional.

Na sociedade do espetáculo, todas as relações sociais são mediadas por imagens mercadorizadas nas quais tudo é uma representação-encenação. A encenação espetacular dos desfiles e sua utilização política e mercadológica impactavam a população, enraizava-se na memória social, contudo precisava continuamente de fortalecimento imagético, para não perder sua representatividade social. Nesse sentido, os *Jogos* começam a perder sua atratividade social quando, em 1988, os desfiles de abertura deixam de se realizar na Avenida Barão de Maruim e são transferidos para o Batistão.

A intenção dos organizadores dos *Jogos* era criar um desfile de características exclusivamente olímpicas. Para tanto, excluíram os carros alegóricos, as evoluções ginásticas e o palanque oficial — que passou à tribuna de honra do Batistão, distante dos estudantes mas perto do público — mas mantiveram a entrada da tocha e acendimento da pira olímpica, os juramentos do atleta e do árbitro e o desfile das delegações, tendo à frente somente a placa de identificação e a bandeira da agremiação. Como um atrativo maior ao público, promoveu-se uma apresentação de ginástica acrobática com atletas dinamarqueses que excursionavam pelo país, culminando com a realização de uma partida do campeonato brasileiro de futebol da terceira divisão entre o Club Sportivo Sergipe e a Associação Desportiva Confiança. A idéia naufragou, pois foi notório que o estádio começou a lotar à medida que as torcidas dos dois clubes, devidamente uniformizadas e paramentadas, ocupavam suas dependências para assistir à partida gratuita³⁰.

²⁹ CAMPEÕES olímpicos hoje no desfile da primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 12, 20 set. 1980.

³⁰ PRIMAVERA teve início festivo. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 18, 23 out. 1988.; DESFILE abre os Jogos da Primavera. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 1, 23 out. 1988.

A saída para os anos seguintes foi atingir a juventude na raiz do prazer, a diversão pela música e pela dança. No ano de 1989, seguindo o mesmo ritual, incluindo apresentações de ginástica, desta feita ginástica aeróbica a cargo de duas academias de Aracaju, os organizadores promoveram um grande show com o grupo musical adolescente "Polegar", uma sensação nacional à época³¹. Como houve um boicote das escolas particulares aos *Jogos* de 1990, o desfile no Batistão foi simples e sem shows. Porém no ano de 1991, os organizadores dos *Jogos* voltaram à carga e encerraram a cerimônia com show da banda baiana "Chiclete com Banana"³². Os jovens compareceram em massa e até os "atletas" ficaram no estádio a fim de assistirem aos shows, todavia a grande dúvida que pairava no ar era: o sucesso da abertura se dava ao desfile ou aos shows? Os desfiles subsequentes mostrariam que os shows eram o grande atrativo. A grande cerimônia que notabilizara os *Jogos* e habitava a memória social sergipana foi minguando e agonizando até a última edição dos *Jogos*, em 1995, que já foi realizada no Ginásio Constâncio Vieira³³.

É possível concluir que as alterações na dinâmica ritual dos desfiles de abertura dos *Jogos* refletiram no paulatino enfraquecimento de sua visibilidade social. Para David Cannadine, não importa como o cerimonial se desenvolva, com maior ou menor êxito ou êxtase, importa verificar as mudanças profundas que são tecidas em seu significado³⁴. As alterações na cerimônia de abertura dos *Jogos* foram — nos seus aspectos essencialmente esportivos — mínimas, afinal, tocha e pira olímpica, juramento e desfile das delegações continuaram a ser o centro do processo. Contudo, pode-se inferir que os aspectos significantes, ou de maior representação na memória social sergipana, foram explicitados exatamente nos desfiles que os críticos atribuíam como uma "carnavalização". Perdeu-se com seu encerramento, uma oportunidade imagética e mnemônica fantástica de explicitar concepções de sociedade, educação, esporte e juventude.

Assim como a simbologia ritualista do desfile dos *Jogos* até hoje habita a memória social, também se faz presente o símbolo dos mesmos.

³¹ PRIMAVERA inicia com show e monumental desfile. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 20, 15 out. 1989.

³² FESTA de abertura dos *Jogos* da Primavera no Batistão. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 15, 21 set. 1991.

³³ ABERTURA dos *Jogos* será no Constâncio. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 7, 17 nov. 1995.

³⁴ CANNADINE, D. Contexto, execução e significado do ritual: a monarquia britânica e a "invenção da tradição". op. cit.

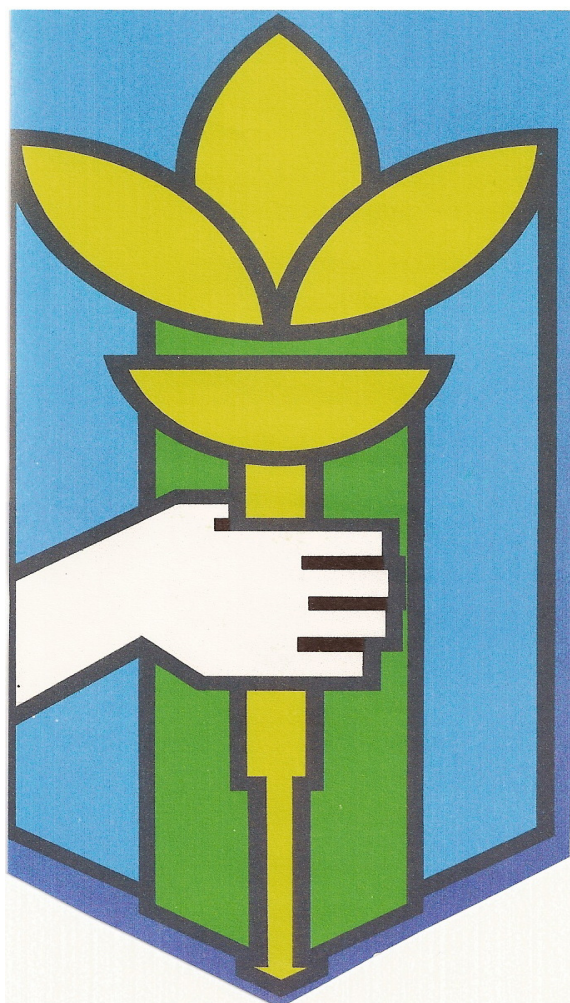


Figura 14 - Símbolo máximo dos "Jogos da Primavera" de Sergipe 1986. 1 gravura, color.
Fonte: Acervo do autor

A logomarca dos Jogos da Primavera que reside na memória, desde sua "IV" edição em 1979, é representada pela tocha, cuja chama é o desabrochar de uma flor que simboliza os dois signos culturais matrizes do evento: a estação das flores e a chama olímpica. Sobre as cores verde, amarelo e azul, o símbolo denotava uma idéia de coesão social por serem as cores do pavilhão nacional e de Sergipe. Na memória social popular, o símbolo, de modo ambivalente, permitia recordar alegrias, prazer, conagraçamento, mas também tristezas, frustrações e confusões. Tais contrastes refletem que nenhuma manifestação cultural se consubstancia do modo como seus "idealizadores" a imaginaram. Todas existem como uma miríade de razões, paixões e tensões, posto que epicentro das intencionalidades, anseios e desejos dos sujeitos que a vivenciaram, a experimentaram.

A vivência e a experiência dos *Jogos*, ampliada pelo número crescente de estudantes-atletas, resultaram no aumento cada vez maior de estudantes-espectadores. Essa

fase dos *Jogos* reuniu estudantes, pais e professores como nunca antes acontecera, além de uma série de trabalhadores que retiravam seu sustento da confluência de pessoas aos locais de competição. Como as praças esportivas já haviam entrado no roteiro esportivo-escolar de toda a população, a década de 1980, principalmente, viveu a euforia dos *Jogos*, com soberbas lotações nos ginásios, estádios e piscinas, conforme se observa na figura 15:



Figura 15 - Ginásio lotado nos "VII" Jogos da Primavera. 1982. 1 fotografia, p&b.

Fonte: Acervo do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura

O Ginásio Constâncio Vieira lotado pela torcida do Atheneu para os jogos finais de handebol da "VII" edição dos *Jogos* pode alimentar a crítica de uma assistência passiva da qual, entendo, devemos suspeitar. A faixa exibida pelos alunos — "*Leão, Leão, Leão, Atheneu é campeão*" — expunha uma integração de toda a escola em torno de um objetivo: ser campeão dos Jogos da Primavera, aludindo diretamente ao diretor do colégio, o professor Leão Magno Brasil. Um dos mais expoentes pedagogos do estado, Leão Magno, não obstante tivesse conduzido o Atheneu na conquista do tetracampeonato dos *Jogos* (1980-1983), acreditava na possibilidade de conagração do esporte e que a escola deveria dar à prática este tratamento nos jogos escolares:

Eu acho que os Jogos da Primavera deveriam representar a aproximação dos jovens e o estímulo dos estudantes. Encontrar nos seus professores e dirigentes, o incentivo para uma personalidade forte, coerente com os princípios nacionais, para que este Brasil gigante possa estremecer de prazer pelos seus feitos e não viver de reclamações, fraqueza dos brasileiros não

idealistas. Neste princípio deve-se assentar a pedra fundamental dos jogos estudantis³⁵.

Defendendo a possibilidade de escolarizar o esporte, a afirmação do professor Leão Magno e a atuação dos alunos nas arquibancadas, não nas quadras, poderiam resultar na interpretação de que há uma defesa e aceitação da participação passiva dos estudantes. Sávio Assis Oliveira, ao propor uma "reinvenção" do esporte, teceu críticas a este tipo de participação tomando por base as propagandas dos "Jogos Colegiais do Recife", publicados no "*Jornal do Commercio*" em 1997, dentre elas: "se você não ficou nem na reserva, es quente o banco da arquibancada" e "mostre que você é o melhor na prova de grito em altura"³⁶. Cabe ressaltar que a comunicação, a exemplo das peças publicitárias, pressupõe emissores e receptores, o que nos leva a deduzir que são possíveis interpretações, recriações e reconstruções das mensagens por parte de quem as vê ou lê. Afora as intencionalidades dos emissores, entendo que é necessário reconhecer que qualquer prática esportiva envolve praticantes e espectadores e assistir não é estar passivo, mas elaborar experiências de outra ordem. De igual modo, compreendo que as arquibancadas também são espaços pedagógicos de apreensão técnica, tática e normativa dos esportes, de construir relações de respeito e convivência com o outro. Todavia, percebo que os jogos escolares necessitam redimensionar as múltiplas experiências possíveis que não os limitem a papéis previamente definidos como, reconheço, vem acontecendo.

Nesse contexto de crítica, para Anselm Jappe, o assistir passivo à televisão, à política, à cultura reflete a imobilidade própria da sociedade do espetáculo o que, em análise muito fechada, transforma os indivíduos em seres isolados, massificados e inertes diante do mundo que lhe oferecem³⁷. Em contrapartida, penso que vivemos momentos de choques culturais em que as relações entre indivíduos e instituições são mediações nas quais, conforme Canclini, as lutas pela hegemonia cultural se manifestam por meio de colaboração e transação entre os mediadores³⁸.

E a participação dos professores de educação física nos *Jogos*, pode ser entendida como ativa? Disseminou-se, ao longo da existência dos *Jogos*, que estes eram a única razão de existência e legitimidade da educação física na escola em Sergipe, mais do que a legislação ou

³⁵ MAGNO Brasil acredita no Atheneu. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 24 e 25 out. 1982.

³⁶ OLIVEIRA, S. A. **A reinvenção do esporte**: possibilidades da prática pedagógica. 1999. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

³⁷ JAPPE, A. O reino da contemplação passiva. In: NOVAES, A. (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 254-275.

³⁸ CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. op. cit.

qualquer discurso pedagógico. Diante das estratégias de personalização política dos *Jogos*, consolidou-se o discurso de que os espaços de trabalho foram concessões dos "governantes-beneméritos" do esporte. O professor Ary Rezende, que sempre esteve à frente de comissões organizadoras dos *Jogos* nesta fase, assim se referiu à questão:

Os Jogos são uma conquista dos estudantes e também dos professores, pois significa um espaço aberto para eles, que têm na educação física e no desporto seu mercado de trabalho. A presença do professor, responsável por toda estrutura técnica e organizacional do evento, ao mesmo tempo em que lhe garante mercado de trabalho, o coloca na condição importantíssima na sociedade, de se integrar à formação física e moral dos estudantes³⁹.

Considerando que desde 1978 o Curso de Educação Física da UFS formava professores, que havia uma média de 20 modalidades esportivas em cada edição dos *Jogos* e, imaginando que todas as escolas participantes ofertassem todas as modalidades, poderíamos deduzir que, nos anos de 1993 e 1994 com a inscrição recorde de 86 escolas, havia uma oferta de 1720 vagas de "professores-treinadores" para treinarem equipes, afora as vagas dos que se dedicavam exclusivamente à educação física escolar. Um verdadeiro oásis de oportunidades e empregabilidade. Descartando tal exercício imaginativo, a ação pedagógica dos professores ficou cindida entre os "treinadores" e os "professores". A tentativa de manter o emprego, de ocupar os espaços, cada vez maiores, que as escolas particulares dedicavam aos esportes, provocou uma acirrada competitividade entre os professores, a perda de qualquer "espírito esportivo" e de qualquer dimensão educativa do esporte. A participação "ativa" dos professores resultou, acobertada pelos resultados esportivos, em marcos dos *Jogos*, notoriamente reconhecidos pela sociedade sergipana: fraudes, venda de resultados e aliciamento de "atletas".

Tornou-se uma marca do espetáculo, conforme Debord, a "mentira sem contestação" em que a opinião pública é forjada em torno da naturalização de certos fatos e relações sociais⁴⁰. No caso dos *Jogos*, naturalizou-se e tomou-se como uma questão menor, a existência de "gatos" ou alunos que disputavam os *Jogos* com documentos falsos para reduzirem sua real idade. Tal prática era estimulada e praticada por professores, conhecida pelos diretores e amplamente noticiadas na imprensa⁴¹. Era comum, como até hoje, que professores de escola pública também treinassem equipes de escolas particulares, o que gerou outra prática corriqueira diante da tentativa de manter o emprego: o benefício primeiro à

³⁹ JOGOS da Primavera: conquista de todos. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 12, 16 set. 1987.

⁴⁰ DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. cit.

⁴¹ Como exemplo: INSTITUTO apreende carteiras falsas em poder de jovens. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 8, 26 ago. 1986.; UNIFICADO usa cambalacho nos Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 10, 26 set. 1986.; UNIFICADO volta a fazer cambalacho. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 12, 27 set. 1986.

escola particular. Quando as duas equipes, por força da tabela dos *Jogos*, se enfrentavam, o professor orientava e sentava no "banco" da escola particular, abandonando a escola pública à própria sorte ou pior, em casos que necessitava combinações de resultado, o professor não comparecia com as carteiras de identidade dos alunos e a escola pública era declarada derrotada por "WO".

As benesses oferecidas aos alunos da escola pública pelos professores e diretores de escolas particulares eram plenamente conhecidas por toda a população e, não obstante a legitimidade da oferta e da aceitação por parte do aluno que almejava um futuro melhor, afinal "quem tem um sonho, não dança", eram compreendidas como aliciamento, inclusive em discussões no interior do CEE. Em 1986, o conselheiro Antônio Fontes Freitas, ao apontar problemas na oferta de educação física nas escolas particulares (a substituição das aulas de educação física por "escolinhas de esporte" com cobrança de taxas-extras), afirmou com veemência: "a educação física tem tantos problemas que alguns são até escandalosos a nível de escolas, e isso precisa o Conselho Estadual tomar providências, quando alunos são aliciados para saírem de um colégio para outro, porque é um bom atleta"⁴². Ademais, se foi alargando o abismo abissal entre as redes de ensino público e privado, não só pela contratação de "atletas", mas porque as condições igualitárias de disputa nos *Jogos*, praticamente se extinguíram. Um exemplo foi a declaração, quase desesperada, da professora Maria Angélica Franco, diretora do Centro Educacional Presidente Vargas, única escola municipal a se consagrar campeã geral dos *Jogos*, em 1984: "[...] Pensei em não inscrever o "Presidente Vargas" nos Jogos. O motivo foi a contratação de atletas do colégio, que se destacaram em anos anteriores, pelos colégios da rede particular que oferecem mordomias como bolsas de estudo e outras vantagens"⁴³.

Assim como os professores lutavam por suas condições de existência e seus desejos de se manterem em cena, os estudantes, por outro lado, não estavam passivos nesse processo, participando e criando distintas estratégias de burla e fraude dos *Jogos*. Além da procura por novos horizontes e oportunidades de ascensão social, os estudantes gestavam estratégias de benefício imediato como a venda de resultados em troca de dinheiro ou bebida⁴⁴, e também a falsificação de documentos como o famoso caso do aluno Wilson

⁴² SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. Ata da sétima sessão plenária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1986. 11 p. Datilografado.

⁴³ PRESIDENTE Vargas com força total para os Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 11, 30 ago. 1986.

⁴⁴ PUNIÇÃO. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 10, 14 out. 1983.

Mendonça, do Colégio Estadual Murilo Braga, que jogava com nome e documentos do irmão mais novo, já falecido⁴⁵.

Diante da dinâmica cada vez mais representativa socialmente dos *Jogos* é compreensível que os indivíduos criassem essas estratégias para participarem e permanecerem no centro das ações. Compreendendo, todavia, que eventos escolares, mesmo os esportivos, devam ter por princípio a formação da juventude; toda uma perspectiva de escolarizar o esporte, torná-lo um componente cultural essencial à formação humana, é soterrada pela aceitação, por parte dos organizadores dos *Jogos*, de uma absorção da escola pela lógica esportiva: para ser campeão todas as estratégias eram válidas, inclusive as trapaças. Em uma perspectiva na qual o esporte não é um bem cultural socializável, mas uma mercadoria comercializável exposta na "vitrine", na qual sua dimensão estética é atrair o olhar e o desejo, há uma grande possibilidade de impulsionar toda sorte de instintos. Para Wolfgang Haug:

O impulso de pegar é fortemente provocado pela arrumação astuciosa das mercadorias, de tal modo que um cliente mal consegue passar direto. "A mercadoria deve ser, assim, ornamentada a ponto de o cliente sentir vontade de roubá-la"; essa frase de um decorador leva à pretensão geral de despertar o impulso de comprar dois passos adiante; ou seja, ultrapassa o impulso de comprar e chega à coerção de furtar⁴⁶.

As ações práticas dos sujeitos são legítimas posto que se limitam às possibilidades de suas experiências. Toda a crítica é feita com base em um determinado olhar para o mundo, de lentes diversas. As práticas dos professores, diretores e alunos, nesta questão dos *Jogos*, se distanciavam de uma dimensão educativa do esporte, naturalizando o discurso de que a "vida é competitiva". Entretanto, faz-se mister ressaltar que tal crítica não é somente do historiador, mas também dos sujeitos que antagonizavam o processo. Se a aceitação, por parte dos organizadores dos *Jogos*, e a incorporação, por parte dos diretores de escolas particulares, da "esportivização" da escola foi crescente, também foram crescentes as tentativas de apontar seus problemas, suas incoerências, bem como de construir outras práticas e experiências, ratificando a dimensão do esporte enquanto manifestação cultural a se escolarizar.

4.2 - Críticas, práticas, tensões e o fim dos *Jogos*:

Na fase do "treinamento" reforça-se a equipe e otimiza seus pontos fracos, tendo em vista que o antagonista está em processo de fortalecimento. Ao contrário do período dos JES, o Departamento de Educação Física da UFS não mais participou ativamente da

⁴⁵ "MORTO" elimina Murilo Braga dos Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 10, 26 set. 1986.

⁴⁶ HAUG, W. F. **Crítica da estética da mercadoria**. op. cit. p. 62.

organização dos *Jogos*, excetuando-se ações isoladas de alguns professores. Do corpo docente do Curso de Educação Física da UFS emergiriam críticas pesadas aos *Jogos*, e do corpo discente se formariam professores que questionariam a dinâmica do evento, encaminhando práticas alternativas à crescente “esportivização” da escola.

Um dos elementos questionados eram os desfiles. Para o professor Cândido Pereira, sua realização era o antípoda da realidade da escola pública, ocultando a infraestrutura precária da rede estadual de ensino⁴⁷.

Amarílio Ferreira Neto radicaliza as críticas do professor Cândido Pereira afirmando que os desfiles refletiam as raízes oligárquicas sergipanas. O esporte escolar tinha na realização dos *Jogos* e dos desfiles um veículo para mistificação da realidade educacional e esportiva do estado, com ausência de material didático-pedagógico, pressão de secretários de educação e diretores escolares sobre os professores, ênfase na quantidade de participantes sem condições igualitárias de competição, as turmas de treinamento sobrepondo-se às turmas de educação física⁴⁸.

A triste realidade da escola pública — que se expandira quantitativamente, mas não em qualidade — era realmente contrastante com o luxo dos desfiles de abertura e da cerimônia final de premiação dos campeões. Todos os esforços empreendidos, na década de 1970, quanto à qualificação de professores para as aulas de educação física, vinham ruindo, a ponto do professor Cândido Pereira, enquanto conselheiro do CEE, denunciar o não atendimento legal das aulas de educação física para os alunos de 1ª a 4ª séries do primeiro grau, interferindo sobremaneira na formação das crianças⁴⁹.

Nesse quadro, independente das aulas de educação física que contemplassem os jogos, as danças, as ginásticas, o discurso de incentivo ao esporte, inclusive com a instituição de “aulas de treinamento”, não se sustentava na prática, devido à falta de estrutura material na escola. Após a realização dos “VIII” *Jogos*, o professor Cândido Pereira, com autoridade, foi incisivo quanto à dicotomia *Jogos* x escola pública:

Todos sabemos que há falta de material nas escolas da SEC. Sergipe (pasmem) não possui ainda uma pista de atletismo. A única que existia foi destruída para atender a caprichos eleitoreiros. Na maioria dos Estabelecimentos de Ensino Oficial do Estado não existe instalações mínimas onde se possa desenvolver a contento, a prática gímno-desportiva. A SEC dispõe apenas, de duas piscinas, uma olímpica e outra semi-olímpica, onde a concentração de atividades, não permite um rendimento coerente. O

⁴⁷ PEREIRA, C. A. S. Jogos da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 11 out. 1984.

⁴⁸ FERREIRA NETO, A. Esporte escolar e oligarquia em Sergipe. **Revista Motrivivência**, São Cristóvão, n. 2, p. 76-80, jun. 1989.

⁴⁹ SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. Ata da quarta sessão plenária ordinária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1979. 7 p. Datilografado.

número de ginásios é ridiculamente diminuto para as nossas necessidades. Quadras cobertas, só conhecemos duas. Quadras de tênis inexistem, e houve, milagrosamente um torneio de tênis nestes JPS. A população estudantil de 1º e 2º graus da Rede Oficial (SEC) dispõe apenas de 0,73 m (setenta e três centímetros quadrados de área específica para a prática desportiva, para cada aluno matriculado. O professor é aviltado pelo mísero salário com o agravante de que alguns já diplomados percebem como estagiários. É neste estado de coisas que se desenvolveram os, agora encerrados, JPS. É neste estado de penúria que vêm florescendo os JPS, a custa do esforço titânico dos escalões de baixo (Mestres, Alunos e Diretores). Só milagre!⁵⁰

Tais críticas não eram prerrogativas dos professores, que poderiam ser taxados pelo Estado como opositores políticos, mas eram, também, encaminhadas por jornalistas que percebiam a gritante diferença que se foi construindo entre a escola pública e a escola particular. O jornalista Carlos Rodrigues pintou um quadro desolador para os professores e alunos da rede pública:

Nos colégios da rede particular fica bem mais fácil um aprimoramento, isso porque na maioria dos colégios encontramos ginásios completos e com piso adequado, piscinas para treinamento, salas para a prática de judô, karatê, etc. salas próprias para ginástica e equipamentos técnicos à disposição dos professores para um melhor trabalho dos seus atletas. Dentro desses motivos encontramos sempre estes colégios vencendo com relativa facilidade as modalidades. Na rede oficial a situação é bem diferente, os professores de educação física encontram todas as dificuldades possíveis para treinar seus atletas, quadras deficientes, na maioria de cimento, falta de piscina e quase nenhum equipamento técnico, e os professores tendo que fazer verdadeiros milagres para colocar seus jovens em condições técnicas ideais. O professor de educação física precisa ter às mãos todas as condições para a realização de um grande trabalho, porque hoje eles lutam como verdadeiros heróis, fazendo verdadeiros milagres para lutar em igualdade com seus colegas da rede particular⁵¹.

Não era difícil observar, então, que as escolas particulares estavam incorporando, com todo o incentivo dos *Jogos*, a "esportivização" da escola como horizonte educacional e mercadológico. Assim, foi se tornando impossível, a professores que trabalhavam com esporte e "estudantes-atletas" pobres, que não se seduzissem pelo sonho de treinarem nos "templos olímpicos" que algumas escolas construía.

Àqueles professores, que permaneciam na escola pública, na abnegação de acreditar nas possibilidades educativas do esporte, ainda que sob a estrutura desigual dos *Jogos*, restava continuar lutando. Alguns jornalistas narravam, denunciando, as aventuras dos professores diante das intempéries que o destino lhes reservara:

⁵⁰ PEREIRA, C. A. S. Jogos da Primavera - reflexão. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 12, 20 out. 1983.

⁵¹ RODRIGUES, C. Jogos da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 17, 23 out. 1988.

Os professores de Educação Física se têm queixado da falta de equipamentos e apoio para fazer o treinamento dos atletas. Existem mestres que estão transportando em seus próprios veículos os alunos tanto de colégios da rede oficial, como de estabelecimentos particulares para aprimorar os treinamentos nas pistas da Universidade Federal de Sergipe, sem nenhum retorno desses gastos, simplesmente por descaso dos dirigentes. É uma pena que o esporte comece a agonizar, justamente na fase em que o próprio interior, enriquecido de novas quadras e ginásios cobertos, até poderia vir somar-se à Capital, transformando o esporte não somente numa semana de festa mas numa prática saudável, capaz de eliminar o tédio e manter os jovens longe dos vícios⁵².

A afirmação de que o "destino" reservava intempéries aos professores se deve ao discurso otimista do articulista quanto à situação "idílica" do interior do estado. Enquanto os *Jogos* aumentavam seu número de participantes não se fazia acompanhar pela melhora das condições de trabalho e prática esportiva, a ponto do professor José Costa, um dos grandes expoentes do basquetebol por meio do Colégio Estadual Murilo Braga, de Itabaiana, afirmar que o colégio não mais participaria dos *Jogos* devido à falta de apoio do Município e que, dessa forma, os alunos não tinham como se deslocar à capital⁵³. Diante desse fato, o jornalista Jurandi Santos afirmou: "o grande ausente desta edição dos Jogos da Primavera será o Colégio Murilo Braga. Tudo isso por não ter o apoio da Prefeitura de Itabaiana. O Prefeito Luciano Bispo não liberou o transporte. No próximo ano teremos eleições municipais. E as urnas deverão falar!"⁵⁴.

Notadamente, a ausência do Colégio Murilo Braga foi sentida devido à sua representatividade educacional e esportiva em Sergipe, mas atribuir ao poder municipal a responsabilidade pelo transporte dos alunos, bem como ter este fato como instrumento para verificar a "fala das urnas", novamente alude a uma característica comum nos brasileiros: o desconhecimento dos princípios republicanos que delimitam o papel do Estado, assim como definem a alocação de recursos que atendam ao bem comum, não particularizado. A realidade material da escola pública, das condições de trabalho e de sobrevivência do professor era, de fato, nefasta devido à opção pelo espetáculo visual dos *Jogos* e não pelo seu poder educacional, o que limitou as tentativas de escolarizar o esporte e tornou a "esportivização" da escola um anseio constante.

Um dos grandes exemplos do abandono do esporte escolar por parte do Estado nas suas bases formativas, quando optou pelo espetáculo visual, foi o investimento em material

⁵² JOGOS Estudantis. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 4, 22 set. 1990.

⁵³ COLÉGIO Murilo Braga não participa este ano dos JP. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 15, 14 set. 1991.

⁵⁴ SANTOS, J. Umas e outras. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 15, 20 set. 1991.

esportivo. Os professores relembram da discriminação entre o material da educação física e das modalidades esportivas:

Aquele que optava pela educação física não tinha material pra trabalhar. Tanto é que eu, quando comecei a trabalhar, eu comprei todo o meu material e todo mundo me criticava. "Ah, você tá gastando seu ordenado pra dar aula!". Eu digo: "tô! Porque o Estado não quer me dar e eu quero dar uma aula decente". Eu cansei de comprar arco, comprar bola, comprar corda, é... cone pra dar aula. O meu material, que eu precisava pra minha aula, eu comprei⁵⁵.

É possível perceber que, se os *Jogos* avançaram na sua estrutura e organização em relação à década de 1960, os esforços dos professores que optavam por sua pedagogização permaneciam os mesmos. A professora Lígia Almeida nas décadas de 1980 e 1990, assim como o professor Cândido Pereira nos anos 1960, tinha que se desdobrar para ministrar suas aulas por falta de investimento na aquisição de material ou pela discriminação na sua distribuição interna.

Em contrapartida, assumia-se que havia material para os treinamentos esportivos e investimento do governo, o que se refletia nos resultados dos *Jogos*:

A princípio nos Jogos da Primavera, o governo ele dava, ele investia. O material ele comprava, os espaços ele, pelo menos, mantinha limpo, organizado, pelo menos isso. Então, havia... Na década de 80 começa a aparecer as escolas particulares enquanto potência em participar dos Jogos, mas eles perdiam das escolas públicas, porque o professor tinha material. O professor tinha material! Eu digo o seguinte, assim: as escolas particulares tinham material, o Estado também tinha. A escola particular tinha a clientela, tinha o aluno pra trabalhar, a escola pública tinha⁵⁶.

Alguns professores discordam desse investimento, posto que o mesmo se dava em apenas algumas escolas privilegiadas, e dependia também, das modalidades esportivas. A professora Thaís Mansur relembra que:

Era um esforço, assim, dos professores mesmo. Eu me lembro que eu trabalhava em escola particular, eu trabalhava no Jackson [Colégio Jackson de Figueiredo], eu levava o material do Jackson pra treinar na escola pública. A gente comprava o material, comprava do bolso da gente o material. O material de ginástica rítmica é carinho! Som, essas coisas, tudo, tudo era da gente. E assim, pedia patrocínio pras coisas, saía pra pedir, não tinha apoio, não. Chegava, assim, de última hora. "Chegaram as bolas!". De última hora, porque não tinha tempo mais pra treinar⁵⁷.

⁵⁵ ALMEIDA, Lígia Menezes. Entrevista concedida ao autor em 17 de outubro de 2007. op. cit.

⁵⁶ SANTOS, José Robson. Entrevista concedida ao autor em 12 de dezembro de 2007. op. cit.

⁵⁷ LIMA, Thaís Mansur da Costa. Licenciada em Educação Física pela Universidade de Volta Redonda (RJ). Professora das Redes Públicas Municipal (Aracaju) e Estadual, desde o final da década de 1970. Participou de algumas edições dos Jogos da Primavera como "treinadora". Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 19 de dezembro de 2007.

É possível perceber, ao longo da história dos *Jogos*, que realmente as escolas públicas conquistaram certa hegemonia nos resultados dos mesmos até a primeira metade da década de 1980. Com o tetracampeonato do Atheneu (1980-1983) e a vitória do Centro Educacional Presidente Vargas, em 1984, todavia, encerrou-se o ciclo de vitórias da rede pública e se iniciou a supremacia incontestada da escola particular. A derrocada da escola pública não se deveu somente ao abandono do Estado, mas ao investimento que a escola particular foi dando ao esporte para aumentar sua visibilidade na grande "vitrine" dos Jogos da Primavera. Diante dessa dinâmica, um grande ponto de acirramento dos embates entre o governo e os professores que se opunham aos *Jogos*, se deu por ocasião dos "XII" Jogos da Primavera, em 1987, na gestão do governador Antônio Carlos Valadares.

A Associação dos Profissionais do Magistério do Estado de Sergipe (APMESE), em meio a uma ferrenha greve por aumento salarial e melhoria das condições de trabalho na rede, ameaçou boicotar os *Jogos*. Os secretários, de Educação, Marcos Prado Dias, e Esportes, Leó Filho, garantiram em negociação com os professores de educação física que, no ano seguinte, o governo iria reconstruir quadras esportivas e comprar material esportivo novo para as escolas⁵⁸. Tal promessa feita aos professores de educação física não foi aceita pela APMESE, por entender que a problemática em pauta era mais ampla. No dia do desfile de abertura dos *Jogos* houve uma "guerra de panfletos" pela avenida. Por parte da APMESE, os professores distribuíram aos populares um panfleto que destacava críticas aos objetivos dos *Jogos* e a disparidade entre escolas públicas e particulares, além de cobrar do Estado, medidas na área educacional, como a eleição de diretores escolares e a paridade entre professores e representantes das Secretarias de Estado na comissão de elaboração do Estatuto do magistério. Da parte da SEC e da Secretaria de Estado do Esporte e Lazer (SEEL), distribuiu-se um livreto que continha a importância dos *Jogos* e as realizações do Governo Valadares, a saber; construção e recuperação de escolas, programa de saúde escolar, almoço escolar, reajuste de 121,52% no salário do professor, projeto de interiorização, implantação do Centro de Treinamento de professores, bem como a reativação dos grêmios estudantis com eleições diretas⁵⁹.

Os *Jogos* foram inaugurados, sem uma alusão sequer à greve dos professores por parte do governador e seus secretários nos respectivos discursos, bem como transcorreram sem sobressaltos, como se Sergipe vivesse um paraíso pedagógico de realizações públicas. O

⁵⁸ PROFESSORES não boicotam XII Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 12, 11 set. 1987.

⁵⁹ APMESE e Secretarias disputam Jogos. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 2, 19 set. 1987.

professor José Robson Santos, integrante da APMESE à época, destaca a tensão na tentativa do boicote dos *Jogos*:

A gente tava num processo de greve na educação por melhores salários, melhores condições de trabalho, uma pauta ampla de reivindicações e essa greve se estendeu até o período em que ia acontecer os Jogos. E aí, os professores começaram a se preparar tudo pros Jogos e aí a gente fez uma tentativa de ter uma conversa, marcamos uma reunião com os professores de educação física na APMESE, no sentido de propor a suspensão dos Jogos por que entendíamos que era "furar" greve. Além de discordar de todo o processo de como era feito os Jogos, porque nós entendíamos que era apenas um palanque pra político dar discurso, porque ele abandonava as escolas nos dois anos, no último ano ele chegava lá com meia dúzia de bolas e dizia "quero Jogos". E aí nesses Jogos eu presenciei por exemplo, na Escola Técnica Federal, uma escola pública tomar de 92 x 2 no basquete. Eu acho que não havia condição nenhuma, nenhuma, nenhuma de uma equipe estar enfrentando a outra, porque as condições estruturais que foi dada a uma, não foi dada a outra. Então a gente já discutia isso, já não deveria existir os Jogos da forma como ele era feito, ainda mais furando a greve. A gente fez essa discussão, não logramos êxito. Na reunião, eu até acho que foi assim, "pau a pau" as opiniões, mas ao sair da reunião cada um foi cuidar dos seus "Jogos da Primavera" e nós ficamos isolados⁶⁰.

Considerando que os professores de educação física da rede pública eram também professores da rede privada, bem como havia pressão dos diretores de escola (indicados políticos do governo) pela não afronta aos eventos financiados pelo Estado, os professores fizeram jus ao discurso de que os *Jogos* era um "cabedal de empregos". Contudo, a sobrevivência garantida pelo emprego significava a "morte" política ou a opção por direções determinadas, nas quais a consciência é subsumida pelo ser social que se compraz em seguir determinações⁶¹. Perdia-se naquele momento, sob a acusação governamental de "picuinhas políticas" da APMESE, uma das grandes potencialidades de escolarização do esporte, ou seja, a discussão séria de sua apropriação e instrumentalização política por parte do Estado.

De todo modo, a contenda se estabeleceu e diante dela, cada vez maior, a tomada de posição político-pedagógica de alguns professores contra os *Jogos*, mistificou-se uma cisão entre os professores que eram "a favor" do esporte e "contra" o esporte. Esses embates são lembrados pelas professoras Thaís Mansur e Margarida Silva:

⁶⁰ SANTOS, José Robson. Entrevista concedida ao autor em 12 de dezembro de 2007. op. cit.

⁶¹ Amarílio Ferreira Neto, fazendo um estudo sobre a formação política do professor de educação física oriundo do Curso de Educação Física da UFS, teceu conclusões que alertam sobre essa opção política tomada nos *Jogos*: a partir de uma abordagem de Paulo Freire, os professores teriam uma consciência "intransitiva" ou "transitiva ingênua"; não tinham inserção em partidos políticos, na APMESE ou Associação de Professores de Educação Física (APEF's); não entendiam o que era ideologia e seus efeitos nas relações sociais. Cf. FERREIRA NETO, A. **A formação política do professor de Educação Física**. 1989. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

Essa época, foi uma época bastante turbulenta pra gente, porque foi, assim como se a gente fosse contra o esporte. Contra o esporte! Como se a gente quisesse acabar com o esporte em Sergipe. E a verdade não era essa. Porque a tendência é o seguinte, quando você é... Alguma mudança vai tomando rumo, é você virar a vara pro outro lado e radicalizar mesmo. Então eles radicalizaram como se a gente do esporte, a gente tava acabando com o esporte na escola. E a idéia não era essa, a gente não queria acabar com o esporte na escola, era democratizar o esporte na escola, fazer com que todas as crianças passassem por todas as modalidades esportivas, tivessem acesso às modalidades esportivas. Então a idéia era outra completamente diferente⁶².

As discussões eram sempre de que tudo era muito bom nos Jogos. Depois de um certo tempo, um grupo foi se fortalecendo e mostrar que tinham algumas coisas perniciosas, tinham alguns desgastes, alguns prejuízos, que eram danosos pra saúde da criança. [...] O grupo que eles chamavam até assim, de humanistas, né, pra diferenciar, diziam que a gente era contra o esporte. E a discussão não era essa, a discussão não era essa, a discussão é que da forma como estava acontecendo era desigual, por que é saudável o desporto na escola, é saudável descobrir talentos, agora da forma como os Jogos aconteciam não era. Aí, tinham assim alguns pontos de discussão que eram fervorosos, por que não estava se discutindo se era bom. Era a forma⁶³.

O recurso do discurso maniqueísta sempre foi uma estratégia básica para emperrar qualquer debate. A posição de "ser contra" ou "a favor" delimita opções pessoais que encobrem, ora a limitação intelectual para compreender o outro ora radicalismos que ocultam concepções de mundo fechadas ao debate. Certamente, neste caso, eclipsou a definição dos rumos pedagógicos da educação física e tentou-se soterrar qualquer projeto de formação humana que passasse por uma escolarização do esporte. A estagnação desse debate ainda sustenta, em pleno século XXI, segundo Valter Bracht, alguns "equívocos": o equívoco de que quem critica o esporte é "contra" o esporte, como se fosse possível um esporte a-histórico, com uma essência imutável que não passasse por críticas ao como "está sendo"; e o equívoco de que se está "contra a técnica esportiva", obscurecendo que a técnica é um meio para atingir objetivos e não o fim esportivo em si. Em contrapartida, define que a necessidade é tratar o esporte pedagogicamente e usar a técnica, não para obtenção do rendimento máximo, mas o rendimento possível no qual o esporte seria vivenciado em suas possibilidades civilizadoras, éticas e criativas⁶⁴.

⁶² LIMA, Thaís Mansur da Costa. Entrevista concedida ao autor em 19 de dezembro de 2007. op. cit.

⁶³ SILVA, Margarida Maria Rodrigues da. Entrevista concedida ao autor em 05 de dezembro de 2007. op. cit.

⁶⁴ BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, n. 12, p. XIV-XXIV, jul. 2000.

Em meio a esta cisão do debate entre "contra" e "a favor", entre "humanistas" e "tecnicistas", como se materializaram as práticas dos professores em meio a essa fase dos Jogos da Primavera? Pela primeira vez no "Diários de classe" do Atheneu, a partir de 1982, está estabelecida a divisão entre "aulas de educação física" e "modalidades esportivas". No âmbito das aulas, não houve alterações no registro das atividades que iam dos jogos aos esportes, passando pela ginástica e/ou condicionamento físico⁶⁵. Já nos registros de "modalidades esportivas" há divisões claras entre as turmas de "iniciação", "aperfeiçoamento" e "treinamento". Os alunos optavam, após os exames médico e biométrico no início do ano, pelas aulas de educação física ou por uma modalidade. Todavia, não encontrei registro das atividades desenvolvidas, apenas registro de presença e ausência⁶⁶. O fator aberrante, do ponto de vista educacional, desse modelo de organização pedagógica foi detectado pela professora Thaís Mansur: a seleção dos alunos que compunham os três tipos de turma era feita na primeira aula geral. Dependendo da modalidade, o professor, sem sequer ministrar uma aula sobre aquele determinado esporte, criava seu mecanismo de separação dos alunos: os que nada sabiam eram encaminhados para a "iniciação"; os que tinham certa predisposição técnica e motora dirigiam-se ao "aperfeiçoamento"; enquanto que os dominadores da técnica ou com compleição física destacada (altura, por exemplo, no caso do basquete e do voleibol) eram os selecionados para o "treinamento" e, de saída, tornavam-se os representantes do colégio nos *Jogos*⁶⁷.

Tal organização pedagógica provocou a instituição do treinamento esportivo como prática regular e, além da discriminação na distribuição do material técnico-pedagógico, fez com que os "treinadores" passassem a gozar de uma série de privilégios:

A prática esportiva tinha material pra treinar, mas agora, a educação física não tinha material pra dar aula. Os professores que treinavam, eles toda vida foram privilegiados. Na escola, com horários e em questão de material. Então, quem entrava na universidade qual era o objetivo maior? Sair um treinador, pois sabia que tinha privilégio na escola pública. Tanto na pública, como na privada⁶⁸.

As escolas davam determinadas regalias ao professor que trabalhava com esporte na escola. Se você trabalhava com educação física, você ia até o

⁶⁵ SERGIPE. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju - DEA. **Diários de Classe do Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. Disciplina: Educação Física. 1982-1988.

⁶⁶ SERGIPE. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju - DEA. **Diários de Atividades de Educação Física (Modalidades esportivas) do Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. 1982-1988.

⁶⁷ LIMA, T. M. C. **Análise das influências sociais do desporto escolar em Aracaju e das que sobre ele incidem**. 1987. 86 f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

⁶⁸ ALMEIDA, Lúcia Menezes. Entrevista concedida ao autor em 17 de outubro de 2007. op. cit.

final do ano letivo dando aula. Você trabalhava com esporte, se os Jogos acontecessem, aconteciam geralmente em setembro, depois de setembro você tava de férias. Você tinha outubro, novembro, dezembro, janeiro, naquela época as escolas começavam em março, final de fevereiro, março, você tinha quase cinco meses de férias na escola. Que era o incentivo que se dava ao profissional que trabalhava com o esporte⁶⁹.

O "treinador", aquele que do material disponível às férias ampliadas, passando pela pouca ou nenhuma exigência no preenchimento dos "Diários", era reconhecido como "o" professor de educação física, que fazia seu trabalho "aparecer" nas quadras, campos e pistas. Essa representação social impeliu que os demais professores de educação física, não "treinadores", construíssem outras práticas, sem crédito e sem apoio.

Em meio a um período no qual a educação física estava imersa no discurso renovador que demarcou a chamada "crise da educação física", havia possibilidades variadas de ação pedagógica, mesmo que fossem ainda "tateando no escuro" ou experimentando sem muita base teórica.

Uma dessas possibilidades era a Psicomotricidade. As professoras Lígia Almeida e Margarida Silva relembram a demarcação da opção:

A psicomotricidade foi essa necessidade de conhecer o meu corpo, assim... Eu sempre senti necessidade de saber, biologicamente, como é que funcionava. Tanto é que as aulas de Biologia da universidade, eu gostava. Por que assim... funcionava como? Esse corpo que eu estou vendo, ele representa mutações. Eu sou sempre o que ele traz, do universo em que estou inserida. Eu sempre colocava assim, como é importante essa presença do corpo físico, ele é o cartão de visita da gente. Numa entrevista de trabalho, na maneira como você se comporta no ambiente de trabalho, como você conduz a sua vida. É ele que é a representação gráfica, vamos dizer assim, do que você é, e que é importante você trabalhar com ele e dar essas oportunidades. Coloca a criança pra fazer um desenho no quadro, faça atividades em sala, o espaço é pequeno, mas faça jogos pra que elas aprendam as letras! Então a concepção de educação física que a gente trabalhava lá na escola é usar este corpo mais, com questionamento. É trabalhar esse corpo cultural, porque tem significado, tudo tem significado.⁷⁰

Quando eu saí da universidade, a gente tava na época da Psicomotricidade. Ou era o esporte ou era essa história que apareceu da psicomotricidade. Como a gente ainda não tinha um modelo, eu não sabia ainda, na verdade, do que se tratava em si, eu assumi a psicomotricidade como conteúdo das minhas aulas de Educação Física. Não assim na forma como deve ser trabalhada, porque você sabe que a psicomotricidade trata das... deficiências, não. Como poderia dizer... as dificuldades. A intenção dela, a intenção da psicomotricidade é tratar as dificuldades motoras que os alunos possam vir a apresentar. Mas disseram à gente que não, que ela podia ser

⁶⁹ SANTOS, José Robson. Entrevista concedida ao autor em 12 de dezembro de 2007. op. cit.

⁷⁰ SILVA, Margarida Maria Rodrigues da. Entrevista concedida ao autor em 05 de dezembro de 2007. op. cit.

tratada como Educação Física, aí eu fiz isso. Criava jogos assim que trabalhassem a lateralidade, coordenação motora geral, pronto! Esse foi assim, a princípio, meu objetivo mais firmado⁷¹.

A Psicomotricidade, que teve seu auge na década de 1980, tem por objetivos o desenvolvimento motor da criança, a diminuição do descompasso entre este e o desenvolvimento cognitivo e a estruturação do esquema corporal, com base nas necessidades das crianças. Partindo de experiências individuais — de modo empírico e sem muita certeza dos erros e acertos — mas conscientes de que os rumos do esporte na escola não poderiam ser ditados pelos *Jogos*, as professoras erigiram práticas concretas de ação pedagógica que apontavam a uma direção formativa, inclusive quanto à escolarização do esporte. Para Jean Le Boulch, um dos maiores propagadores de uma educação psicomotora, existem duas formas limitadas de trabalho com o esporte; o esporte-competição, centrado na obtenção de resultados sob o castigo corporal do treinamento; e o esporte-jogo, limitado ao prazer da prática. Em uma dimensão prática que contemplasse a psicomotricidade, o abandono do esporte-competição e a possibilidade de uso escolarizado do esporte só seria possível: "[...] em favor de uma verdadeira disponibilidade global do corpo, exigindo uma ação contínua e regular durante todo o período de estruturação do esquema corporal, isto é, durante a maior parte da escolaridade"⁷².

Outra possibilidade pedagógica era não escolher proposições pedagógicas ou científicas que orientassem a prática, mas partir da relação entre as demandas da realidade concreta e a obrigação de democratizar o acervo cultural corporal. No caso da professora Thaís Mansur:

Eu mudei radicalmente, porque eu passei a trabalhar com alunos de 1^a à 4^a série. E o que eu tinha mente, o que eu tinha bem claro é que tudo que você fizesse, você tinha que trabalhar com todos os alunos da sala. Então isso foi uma coisa que eu consegui assim: se eu fazia uma dança na sala, todos os alunos participavam dessa dança. Então isso eu consegui. Eu tive exemplo de uma ex-aluna minha, de um processo seletivo que a gente fez que era ridículo, que era como se você, como se por exemplo você, sem ensinar matemática, você cobrasse do aluno que ele já viesse com alguma coisa de casa. Porque você fazia um teste de seleção sem ensinar pra ele a modalidade que você ia trabalhar. Fazia uma sequência de passos da ginástica rítmica e botava pra lá e pra cá e dali você via: "você pode!"; "você não pode!". Quer dizer: você nem ensinava, você selecionava antes de você passar o conteúdo. Então, depois, o parâmetro central da minha prática era esse, de não haver uma seleção. Como havia educação física na escola, tinha que se trabalhar todo o conteúdo e pra todos⁷³.

⁷¹ ALMEIDA, Lígia Menezes. Entrevista concedida ao autor em 17 de outubro de 2007. op. cit.

⁷² LE BOULCH, J. **Rumo a uma ciência do movimento humano**. Tradução Jeni Wolff. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 56.

⁷³ LIMA, Thaís Mansur da Costa. Entrevista concedida ao autor em 19 de dezembro de 2007. op. cit.

Para uma professora que já trabalhara nos *Jogos* como "treinadora" de ginástica rítmica desportiva, a opção de mudança foi deveras radical e corajosa, sobretudo reafirmava uma posição política de enfrentamento da estrutura dirigente e uma posição pedagógica a qual primava pela inclusão, não pela seleção.

Já o professor Robson Santos revelou que seu entusiasmo acadêmico orientava a prática da educação física:

Quando eu me formei, eu fui trabalhar no interior, não tinha a menor condição de trabalho, mas como eu vivia esse meio acadêmico e batia no peito e dizia que a educação física se trabalhava de qualquer forma, de qualquer situação, de qualquer jeito, eu planejava. Tudo muito bem detalhadamente, o que é possível fazer dentro daquela comunidade, com aquele tipo de clientela e tudo mais. Sem nunca dizer assim: "essa é a minha linha pedagógica!"; "Ah! Eu vou trabalhar com a psicomotricidade"; "Ah! Eu vou trabalhar a proposta desenvolvimentista". Não, eu lia todos um pouco, verificava ali na comunidade o que era possível fazer, o que seria mais interessante e até o que seria mais gostoso pro próprio aluno e aí montava um planejamento anual disso aí e na época fazia o planejamento anual, semestral. Mensal, semestral e até o plano de aula, fazia isso⁷⁴.

Ao contrário da interpretação de senso comum de que o professor de educação física não planeja suas aulas, o professor Robson Santos destaca um elemento que dava sustentação a um debate profícuo em oposição aos *Jogos*; era possível planejar, pedagogizar práticas corporais em uma direção formativa, para além da restrição ao esporte-competição estimulado pelo governo e seus seguidores.

Ciente de que tais ações foram opções isoladas ratifico a tese de que, diante das determinações estruturais dos projetos políticos nas quais imergiram os *Jogos* e do ambiente espetacular favorável, as ações dos homens e mulheres foram conscientes e demandaram experiências. Se não foram experiências de resistência, foram, contudo, de demarcação de posições.

Dentre essas demarcações foram possíveis, inclusive, a proposição de novos jogos e competições:

Eu propus pros alunos [*praticantes de futebol na Escola de 1º grau Maria do Carmo Alves*], os alunos achando que deveriam, que queriam participar dos Jogos. Eu sentei com os alunos, uma longa reunião e expliquei qual é a lógica dos Jogos, como é que os Jogos aconteciam, quem era favorecido por esses Jogos, de que forma eles entrariam nesses Jogos, qual a perspectiva de resultados desses Jogos e, ao final, como a gente ainda tinha alguma resistência: "ah, a gente joga, joga e não participa de uma competição!". Eu propus uma competição paralela. Eu propus uma competição com os colégios do Augusto Franco e do Orlando Dantas. Consegui o apoio de dois colégios do Augusto Franco e um colégio do Orlando Dantas e fizemos um

⁷⁴ SANTOS, José Robson. Entrevista concedida ao autor em 12 de dezembro de 2007. op. cit.

quadrangular de futebol. Fizemos rifa, comprei um liquidificador e dei pros meninos rifar, pra comprar material, pra comprar os troféus, medalhas, tal, esse negócio todo que era o sonho da garotada, pra satisfazer um sonho. Combinei com os colegas que a gente ia pedir também, juntamente com um grupo de garotos, no comércio do Augusto Franco e no comércio do Orlando Dantas que a gente ia pedir ajuda pra comprar o resto do material, e fizemos. Os meninos jogaram todos fardadinhos e tal, porque foram pedir emprestados os fardamentos dos clubes amadores que tinham dentro do próprio conjunto Augusto Franco, o pessoal emprestou e tal. Arbitragem com mesário e tudo que tinha direito, com entrega de medalhas, tudo nos moldes do que tinha nos Jogos da Primavera, mas não através da lógica que eles queriam⁷⁵.

A opção por uma competição paralela — ainda que sob os mesmos moldes, congregando escolas públicas da periferia de Aracaju que seriam figurantes nos Jogos da Primavera — poderia ser entendida como a aceitação e conformação da miserabilidade da escola. Entendo, por oposição, que a ação do professor configurou-se como um exercício pedagógico fundamental dos usos do esporte, bem como uma contribuição à finalidade precípua de todas as competições escolares, o congraçamento e a oportunidade de se colocar em prática o aprendizado do ano letivo.

As iniciativas individuais dos professores se fizeram acompanhar por algumas iniciativas oficiais de incremento da educação física, mostrando as condições de construção de propostas pedagógicas por dentro das estruturas de poder. Entre os anos de 1987 e 1990, quando a Coordenadoria de Educação Física (COEF) da SEC, esteve sob a direção da professora Maria Virgínia Vital, ofereceu-se uma série de cursos de capacitação de professores nas diversas áreas e vertentes: avaliação na educação física; educação física na pré-escola; esporte na escola; psicomotricidade; educação especial; atividades rítmicas; ginástica demonstrativa. Seguiu-se um planejamento para o ano de 1991 que incluía: congresso estadual de educação física para traçar o plano anual de ensino; cursos de iniciação esportiva e recreação; avaliação periódica do planejamento; compra de material didático e esportivo⁷⁶. Mesmo que ainda confusa, quanto à distinção entre material didático e esportivo, entendo que as proposições da COEF apontavam melhorias para a educação física, e também incentivavam a pluralidade de concepções e abordagens da área. Porém não resistiram, novamente, à mudança do governo estadual e às novas indicações políticas.

No âmbito de Aracaju, na gestão do prefeito Jackson Barreto (1986-1988), a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) estava sob a direção do professor Jorge

⁷⁵ Id. Ibid.

⁷⁶ SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Coordenadoria de Educação Física. **Relação de atividades desenvolvidas pela Coordenadoria de Educação Física (1987-1990) e Plano de Trabalho (1991)**. 1990.

Carvalho do Nascimento quando reuniu um grupo de professores de educação física que forjou um dos documentos mais sintonizados com o discurso renovador da educação física nesta década⁷⁷. O "*Plano Diretor para a educação física nas escolas da Rede Municipal de Aracaju*" criticou a situação da educação física: limitada às práticas discriminatórias e seletivas do esporte-competição; não havia respeito às características individuais e sociais dos alunos; limitava-se a criatividade; transformava a expressão corporal em movimentos mecânicos; restringia a prática a um único esporte, sem dar oportunidade a um conhecimento generalizado. Diante destas críticas, os professores propuseram uma educação física que se assumisse como "ciência da motricidade humana", resgatando uma concepção antropológica do movimento humano em interação com fatores sócio-culturais, políticos, psicológicos e biológicos. A proposição para implementar o "*Plano Diretor*" nesta gestão era: realizar avaliações diagnósticas e formativas na educação física; valorizar a cultura popular; elaborar uma proposta curricular, de modo interdisciplinar; estimular ao aprendizado do máximo possível de modalidades esportivas, ampliando as experiências motoras⁷⁸.

A "ciência da motricidade humana" foi uma proposição formulada, na década de 1980, pelo filósofo português Manuel Sérgio Vieira e Cunha, que deu larga contribuição à área de educação física no Brasil. Detectando no Brasil uma realidade similar à portuguesa, Manuel Sérgio entendia que a educação física estava subordinada a um trabalho biologizado e sem cultura, bem como reproduzia, sob a égide esportiva, as degenerescências de uma sociedade competitiva e amoral. Sua proposta era que a educação física tivesse como norte uma "ciência da motricidade humana", na qual a educação motora seria seu ramo pedagógico. Compreendia-se, então, o homem como um ser aberto à transcendência, um ser prático, cujas manifestações lúdicas, agonísticas, simbólicas e produtivas são mediações constantes ao seu amadurecimento⁷⁹.

Obviamente que uma proposição de tal envergadura, independente das discordâncias teóricas e políticas, necessitaria de um longo tempo de estudo e depuração para se implementar. Considerando que o tempo para pensar, organizar e operacionalizar projetos de formação humana não acompanha a velocidade temporal da política, a saída do professor Jorge Carvalho, da direção da SEMED restringiu a proposta ao registro histórico, posto que,

⁷⁷ O grupo de professores era composto por: Thaís Mansur da Costa Lima, Vera Martha Menezes Nunes, Raimundo Modesto de Souza, Ingrid Dittrich Wiggers, Célia Maria Costa Pinto, Jorge Luís Trindade Santos e Amarílio Ferreira Neto.

⁷⁸ ARACAJU. Prefeitura Municipal de Aracaju. Secretaria da Educação do Município. **Plano Diretor para a Educação Física nas Escolas da Rede Municipal de Aracaju**. Aracaju: [s.n.], 1986. mimeo.

⁷⁹ SÉRGIO, M. **Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?** 2. ed. Campinas: Papirus, 1991.

novamente, a mudança dos rumos políticos impediu a consolidação dos rumos da educação física.

Mesmo diante das práticas pedagógicas, das críticas e resistências aos *Jogos*, das propostas oficiais que apontavam direções contrárias, o fato é que os *Jogos* continuaram a ditar os rumos da educação física em Sergipe. Fosse para a formação de equipes, fosse para se contrapor ao evento. O tempo de organização pedagógica da educação física passou a ser regido pelo ritmo frenético e espetacular dos *Jogos*. Para Debord, vivemos o tempo "pseudocíclico", ou seja, o tempo transformado pela indústria, de modo a circular sempre diante do mesmo objetivo: o consumo ou desejo de consumo da mercadoria⁸⁰. Entendo que tal temporalização determinou as práticas de educação física em Sergipe, pois o ciclo girava em torno dos *Jogos*: para uns, a matrícula em "modalidade esportiva", a seleção, os treinamentos, a ausência de férias em julho, a competição em setembro, fim das atividades esportivas; para outros, matriculados em educação física ou não selecionados, a rotina das aulas e o aguardo da realização dos *Jogos* como culminância da prática de educação física em sua escola. Assim, como havia uma dinâmica fechada neste ciclo — o encerramento dos *Jogos* era o início dos anseios da nova edição no ano seguinte — a velocidade e ocultação de qualquer outra perspectiva tornava o tempo pedagógico, voltado para a formação humana, um tempo inútil. O que interessava era o imediato, a formação do "atleta" e da equipe, mesmo que as condições objetivas para tal, principalmente na rede pública, fossem irreais, uma mistificação.

A "pseudociclicidade" desse tempo e o recrudescimento da situação caótica das escolas públicas deram a luz, em 1996, a uma decisão radical da parte do secretário estadual de educação, Luiz Antônio Barreto, no governo de Albano Franco (1995-2002): extinguir os Jogos da Primavera. Ao assumir a pasta da Secretaria de Educação, Luiz Antônio Barreto, detectou a série de problemas que gravitavam em torno dos *Jogos*:

Eu fui contra os Jogos da Primavera. Não contra os Jogos em si, mas contra o fato de que os Jogos tornavam iguais os desiguais, ou seja, tornavam não, formulavam para o público, uma idéia de que era possível tornar iguais, os desiguais. O que é que significa isso? Bom, é estabelecer uma competição com um atleta ou uma equipe que tem todas as condições de treinar durante o ano, que recebe nota por bons desempenhos, que ganha bolsa de estudo saindo da escola pública, onde desponta, pra escola particular, pra formar e tal. Enquanto a escola pública não tem nada. Não tinha quadra, não tinha piscina. Era um luxo ter uma piscina! Os alunos não tinham ajuda pra transporte. A escola era de graça, mas tinha que chegar até lá, e eles chegavam por conta própria. Era subnutrido ou mal-alimentado. Enfim, era pobre. Não podia ter um treinador por conta própria, não podia viajar, participar dos jogos, enfim, era uma desigualdade total. Então, os Jogos da

⁸⁰ DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. op. cit.

Primavera passaram a ser um mostruário da hegemonia das escolas particulares sobre a escola pública⁸¹.

Mesmo cômico da realidade levantada pelo secretário de educação, o governador Albano Franco, na cerimônia de abertura dos "XX" Jogos da Primavera (últimos Jogos desta fase), proferiu um discurso típico dos políticos:

O esporte sempre foi um elo de ligação entre os povos, por isso nosso governo tem um carinho especial por esta área. Firmo um compromisso de, já a partir de abril do próximo ano, fornecer material para o treinamento dos alunos das escolas públicas. Queremos colocá-los em condições de competir⁸².

Não obstante o quadro desolador e as propostas não realizadas do governador, ao longo do ano de 1995, uma série de medidas oficiais foram envidadas no processo de "esportivização" da escola. A primeira medida foi a Lei n.º 3.621/95 que propunha modernizar o Sistema Estadual do Desporto através da: avaliação dos Jogos da Primavera visando seu fortalecimento; construção de instalações esportivas mínimas nas escolas; introdução da prática esportiva para o deficiente físico; criação de um Fundo Estadual de Desenvolvimento Esportivo⁸³. A segunda medida foi a Lei n.º 3.636/95 que criou a Fundação Estadual do Desporto (FUNDESP). A FUNDESP tinha por finalidade: auxiliar e apoiar a Secretaria de Educação na coordenação e elaboração de planos, programas e projetos na área esportiva, de lazer e educação física, além de acompanhamento e avaliação; desenvolver o esporte em geral; capacitar e qualificar profissionais da área. Com uma série de cargos comissionados que iam da Diretoria Executiva à Diretoria Administrativa, na Diretoria de Esporte é que se consubstanciaria a interferência direta na área de educação física, mediante suas coordenadorias: de "equipamento esportivo"; de "desporto", que incluía as divisões de desporto-rendimento, desporto-participação e desporto-educacional; de "lazer"; e de "educação física", com as divisões de ensino de 1º e 2º graus, educação física especial e pré-escolar⁸⁴.

⁸¹ **BARRETO, Luiz Antônio.** Pesquisador da história cultural de Sergipe e do folclore brasileiro. Emérito pesquisador da obra do filósofo sergipano Tobias Barreto. Jornalista da "Gazeta de Sergipe" ao longo da década de 1960. Foi Secretário de Educação do Município de Aracaju (1979-1981) e Secretário de Educação do Estado de Sergipe (1995-1999). Proprietário do "Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura". Entrevista concedida, na sede do Instituto, ao autor em 1 de novembro de 2007.

⁸² ESCOLAS públicas terão apoio. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 7, 21 nov. 1995.

⁸³ SERGIPE. **Lei n.º 3.621**, de 9 de junho de 1995. Dispõe sobre as diretrizes orçamentárias do Estado de Sergipe para o exercício de 1996 e dá providências correlatas. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

⁸⁴ SERGIPE. **Lei n.º 3.636**, de 11 de julho de 1995. Dispõe sobre a organização da Fundação Estadual do Desporto - FUNDESP. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

É possível perceber que as proposições não diferiam do que já se gestava desde a década de 1970: a separação entre esporte e educação física, na qual esta estava subsumida por aquele; os investimentos, por conseguinte, se dariam para o esporte e a formação de elites esportivas, não para a formação humana em que se contemplasse o esporte enquanto manifestação cultural; e submissão institucional da escola aos ditames da lógica clubística do esporte de rendimento.

Todavia, mesmo com as direções, voltadas à "esportivização", apontadas pelas Leis, os Jogos da Primavera foram extintos pelo secretário Luiz Antônio Barreto:

Eu propus trocar os Jogos da Primavera que não era uma coisa nossa, era um pastiche, um decalque, uma coisa postiça à nossa história cultural e estudantil e organizar os Jogos Estudantis. Os particulares que fizessem os deles e a rede pública que o fizesse os dela. Pra quê? Pra você assumir daquele momento em diante, melhorar as quadras, criar áreas de campos de pelada junto às escolas, investir na preparação de atletas, organizar equipes, treinar melhor os professores, dar a eles melhores condições de trabalho, enfim chamar atenção para que a educação física interpenetrasse na escola em todos os ambientes do projeto pedagógico. Então, eu assumi a responsabilidade de estabelecer uma nova visão sobre o esporte, o desporto escolar, e eu tinha de fazer estancando aquela sangria que era os Jogos da Primavera. Porque o Estado, que passava o ano inteiro sem fazer nada pelo desporto escolar, chegava no meio dos Jogos da Primavera investia tudo, reunia tudo, dizia tudo e cada um procurava mostrar sua equipe do melhor modo, mas era, na verdade, uma passarela montada para as escolas particulares que levavam vantagem. Todas as vantagens, porque tinham liberdade pra tudo, enquanto nós tínhamos regra pra tudo e tinham todas as condições, enquanto nós não tínhamos nenhuma condição⁸⁵.

Odiado pelos professores de educação física que legitimavam sua prática pedagógica na formação de equipes esportivas. Odiado pelos diretores de escolas que tinham nos *Jogos* a sua grande "vitrine" de negócios educacionais, além de acusado de perseguição política pelos que vinculavam a imagem dos *Jogos* às suas figuras de "benemerência esportiva", o secretário Luiz Antônio Barreto teceu justificativas coerentes e pertinentes para o fim dos *Jogos*. Seus argumentos sobre a problemática da escola pública e do uso das verbas públicas dos *Jogos* em benefício da escola privada eram contundentes e realistas. Contudo, mesmo reconhecendo as discrepâncias entre as redes, oponho-me às justificativas de que o problema estivesse circunscrito à tensão público x privado e não na concepção de escola e de jogos escolares, fossem organizados pelo Estado ou pelo mercado. De igual modo, cabe refutar o discurso liberal, pautado no direito positivo, de que se deveriam criar condições de disputas igualitárias entre as redes de ensino.

⁸⁵ **BARRETO, Luiz Antônio.** Entrevista concedida ao autor em 1 de novembro de 2007. op. cit.

A dicotomia público-privado é uma mistificação que estava em sintonia com os ajustes internacionais acirrados na década de 1990. Segundo Roberto Leher, sob a direção do Banco Mundial e das deliberações das "Conferências Mundiais de Educação", nesta década, criou-se a idéia de que a desigualdade social era fruto da educação, tornando necessárias reordenações estruturais ou um "choque de capital humano" para "alívio da pobreza". Partindo deste conceito, as políticas educacionais no Brasil dirigiram-se à redução do ensino básico ao fundamental e instrumental e alicerçou-se numa escola centrada na disseminação de valores e atitudes, não na democratização e conquista de autonomia sobre os fundamentos científicos, artísticos e culturais historicamente acumulados⁸⁶.

Com tal processo em curso, entendo que o discurso de defesa da escola pública remete ao equívoco de confundir público com estatal, em sintonia com o direito positivo. Por oposição, concordo com José Luís Sanfelice que, ao longo da história educacional brasileira, tivemos educação estatal, jamais tivemos uma educação escolar pública ou uma educação de interesse público⁸⁷. Desse modo, a dimensão de que na escola nos apropriamos do acervo cultural produzido e acumulado historicamente pela humanidade para sua emancipação, de que o acesso à educação física e ao esporte escolarizado, enquanto bens culturais públicos, deveriam voltar-se à consecução deste objetivo, foi soterrada pela naturalização da dicotomia público-privado.

Com essa naturalização e o crescimento vertiginoso do ensino privado, o que se viu ao longo da "fase de treinamento" dos *Jogos*, foi o gritante abandono da escolarização do esporte e a aceitação da "esportivização" da escola. Como a rede pública não poderia acompanhar esse processo deram-se por encerrados os Jogos da Primavera. Em contrapartida, a escola particular abraçou essa dimensão e legitimou suas práticas pelos resultados alcançados nos *Jogos* ao longo do período. A supremacia se manifestou pelo tricampeonato do Unificado Curso e Colégio (1985, 1986 e 1989) e pelos nove títulos do Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus (1979, 1987, 1988 e 1990-1995)⁸⁸. Sob a égide do

⁸⁶ LEHER, R. **Da ideologia do desenvolvimento à ideologia da globalização**: a educação como estratégia do Banco Mundial para "alívio" da pobreza. 1998. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁸⁷ SANFELICE, J. L. A problemática do público e do privado na história da educação no Brasil. In: LOMBARDI, J. C.; JACOMELI, M. R. M.; SILVA, T. M. T. (Org.). **O público e o privado na história da educação brasileira**: concepções e práticas educativas. Campinas: Autores Associados; UNISAL, 2005. p. 177-185.

⁸⁸ A participação das escolas nos Jogos da Primavera também serve como parâmetro para avaliarmos o crescimento vertiginoso da iniciativa privada no terreno educacional. Na última edição dos JES (1978) se inscreveram 5 escolas particulares e 32 públicas. Já na "4ª" edição dos Jogos da Primavera, no ano seguinte, 40 escolas públicas se inscreveram, um aumento de 25%, enquanto que 13 escolas particulares participaram, resultando no aumento de 160%. O avanço estrondoso se deu nos "XIX" *Jogos*, quando tivemos 96 escolas

espetáculo, criaram-se estratégias várias de exclusão da educação física e exclusividade do esporte escolar, principalmente a adoção da lógica institucional do "clube". O Colégio Arquidiocesano foi o lídimo representante da dimensão imagética espetacular que soube "esportivizar" a escola e capitalizar as vitórias esportivas como vitórias educacionais.

6.3 O esporte como mercadoria e a Escola como Clube:

Em meio à "crise" da educação física, o desenvolvimento do pensamento renovador e a construção das práticas cotidianas da área, que iam do uso pedagogizado do esporte ao seu uso exclusivo para seleção de atletas, era notório que o ritmo acelerado da sociedade do espetáculo massificaria o esporte como bem mercadorizado e gestaria, inclusive oficialmente, a "esportivização" da escola.

Considerando que escolas e clubes têm finalidades diferenciadas, tal fato foi negligenciado pela SEED/MEC ao estabelecer as normas para organização e funcionamento do desporto escolar, tornando-o autônomo da área que o deveria pedagogizar, a educação física. A Portaria n.º 1, de 7 de abril de 1982, instituiu que o desporto escolar ou as atividades esportivas praticadas no ensino de 1º e 2º graus, integrava tanto o Sistema Educacional do país, quanto o Sistema Desportivo Nacional. Com esta junção atribuiu-se aos órgãos educacionais dos estados, a função de planejar e realizar eventos esportivos escolares, selecionar e preparar atletas e equipes para representação em competições nacionais. *Pari passu*, instituiu uma excrescência educativa, contudo uma dádiva aos princípios mercantis da educação, o "Clube Escolar"⁸⁹.

O "clube escolar" era representado pelo estabelecimento de ensino e vinculado às secretarias de educação e federações esportivas, devendo estimular o esporte via atividades extra-classe e competições interescolares. Os "atletas escolares" seriam todos os alunos do estabelecimento, reconhecidamente aptos e que poderiam participar de treinamentos esportivos visando à especialização e à melhoria dos resultados. Os "técnicos desportivos escolares" seriam profissionais legalmente habilitados, preferencialmente professores de educação física e, no caso de sua inexistência, poderiam ser, pasmem, leigos. Nas "competições desportivas", sob a coordenação das secretarias de educação, as modalidades

inscritas, sendo 49 públicas e 37 particulares, ou seja, enquanto a rede pública ampliou sua participação em apenas 22,5%, a rede privada se fez presente com um aumento de 184,6% na participação.

⁸⁹ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Portaria n.º 001**, de 7 de abril de 1982. Estabelece normas para organização e funcionamento do Desporto Escolar. Disponível em: <<http://www.prolei.inep.gov.br>>. Acesso em: 13 nov. 2006.

olímpicas deveriam receber tratamento prioritário. Finalmente, o diretor da escola seria o "Presidente nato do Clube Escolar"⁹⁰.

Entendo que a escola é o espaço de socialização, democratização e acúmulo do conhecimento historicamente sistematizado. As atividades, em seu seio, são sistematizadas no que convencionamos denominar de currículo, ou as atividades nucleares da escola, fundamentais à formação humana, conforme afirma Saviani⁹¹. Isso posto, atividades extracurriculares só se justificam atreladas a essa concepção, e suportes às atividades nucleares. A educação física, enquanto componente curricular, pressupõe que sua participação na formação dos jovens se deva a um saber a ser sistematizado, a ser escolarizado, na forma de jogos, danças, ginásticas, lutas e esporte. A tentativa de tornar o esporte uma atividade extracurricular que se sobreponha à estrutura curricular, um serviço a ser comprado, limitando sua participação a uma elite estudantil, naturalizando e incorporando seus códigos de seletividade e especialização e orientando a dinâmica escolar sob tais códigos significa a opção da escola por se "esportivizar". Com as bênçãos oficiais do MEC e a promoção de jogos escolares nos moldes dos JEBs e dos Jogos da Primavera, alimentou-se tal perspectiva na escola pública e tornou a escola particular o espaço que "deu certo", dessa tendência de "esportivização".

Após publicação da Portaria e com a solidificação dos *Jogos*, 11 escolas públicas se inscreveram nos "IX" Jogos da Primavera como "Clube Escolar"⁹². Qual a dimensão educativa dessa proposta? Que rumos esportivos poderiam ser trilhados diante de condições físicas e materiais tão precárias? A proposição das escolas públicas como "clube escolar" não se repetiu nos Jogos seguintes. As escolas voltaram à sua triste realidade, o que significou, a partir de 1985, a condição de meros coadjuvantes do apogeu da "profissionalização" do esporte escolar das escolas privadas.

Conforme apontei, as escolas privadas tornaram-se hegemônicas nos resultados dos *Jogos*, lançando toda sorte de estratégias para tal, desde a falsificação de documentos até a contratação de "atletas" de escolas públicas. De modo destacado, não envolvido neste esquema de falsificações, o Colégio Arquidiocesano tornou-se a referência da

⁹⁰ Id. Ibid.

⁹¹ SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

⁹² Dos "Clubes" que se inscreveram nos "IX" Jogos, todos eram escolas públicas: Clube Escolar 17 de Março; Clube Escolar Governador Augusto Franco; Clube Escolar José Rollemberg Leite; Clube Escolar Olavo Bilac; Clube Escolar Presidente Castelo Branco; Clube Escolar Presidente Costa e Silva; Clube Escolar Prof. Acrísio Cruz; Clube Escolar Prof. Arício Fortes; Clube Escolar Ruy Barbosa; Clube Escolar Santos Dumont;

“esportivização” da escola personificada no apoio ao esporte, dado pelo seu diretor, o Padre José Carvalho de Souza.

José Carvalho de Souza, nascido no município de Lagarto, tornou-se seminarista no Seminário Diocesano de Aracaju, formando-se em Humanidades e Filosofia na Paraíba e em Pernambuco. Ordenou-se padre em 1956 e foi indicado Reitor do Seminário Menor Sagrado Coração de Jesus. Em 1960, eminente educador que era, fundou o Ginásio Diocesano que se tornaria o Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus, uma das maiores referências educacionais da sociedade sergipana⁹³.

De matriz religiosa, o Arquidiocesano jamais poderia descuidar do equilíbrio necessário entre “corpo e espírito”, o que resultou na oferta constante de educação física no seu currículo. Tendo em vista o crescimento da visibilidade esportiva, além de seu trabalho pedagógico, o colégio participou de todas as edições dos JES e dos Jogos da Primavera em sua 3ª fase. A representatividade social e educacional de seu diretor o faria protagonista da cena educacional e esportiva sergipana, principalmente no seio dos *Jogos*.

Já no retorno dos *Jogos* em 1979, o Padre Carvalho, na condição de presidente do “Sindicato dos Diretores dos Estabelecimentos Particulares de Ensino”, compôs a Comissão Geral dos “IV” Jogos da Primavera⁹⁴. O Arquidiocesano já assinalando a hegemonia que construiria, tornou-se “campeão geral” desta edição dos *Jogos*.

Côncio da capacidade educativa do esporte e alerta ao crescimento da oferta do mercado educacional em Sergipe, o Padre Carvalho defendia uma concepção de escolarização do esporte:

Os Jogos da Primavera representam uma oportunidade muito boa para os alunos participantes das diversas competições desenvolverem suas habilidades esportivas que não são apenas físicas, mas um conjunto de qualidades necessárias ao desenvolvimento harmônico e integral da personalidade humana. Por isso considero uma maratona esportiva como a que atualmente está se desenvolvendo da mais importância para a educação da juventude. Por esta razão, como diretor do Colégio Arquidiocesano, sempre dei o máximo de apoio às atividades desportivas porque vejo nelas um excelente meio para o desenvolvimento completo dos alunos⁹⁵.

Todavia, tal concepção ficaria restrita à retórica e, paulatinamente, perder-se-ia na oferta do esporte, sublimando a educação física, adquirindo centralidade mercadológica no projeto “educacional” do Arquidiocesano.

⁹³ FIGUEIREDO, A. **História política de Sergipe 5: 1962-1975**. op. cit.

⁹⁴ VALADARES cria Comissão dos IV Jogos da Primavera. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**, Aracaju, p. 10, 13 jul. 1979.

⁹⁵ CÔNEGO Carvalho elogia a organização. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 22 out. 1982.

Ganha vulto a participação, ao longo de toda a década de 1980, do Padre Carvalho como conselheiro do CEE. Em 1986, o então Cônego, conselheiro José Carvalho de Souza emitiu um parecer sobre a “realização dos Jogos da Primavera”, conforme havia sido indicado, no ano anterior, pelo “IX Simpósio Educacional” do CEE, que o Conselho se debruçasse sobre a validade do evento. O parecerista indicou dois problemas na realização dos Jogos: a suspensão das aulas, durante nove dias letivos e o atropelo na conclusão do ano letivo, com as provas finais e recuperações, quando “[...] muitos pais desejam seus filhos liberados para viajar, por ocasião das festas natalinas”⁹⁶.

Diante desses “problemas”, a indicação do relator foi: primeiro, que os “XII” Jogos, que se realizariam em 1987, fossem abertos com um “desfile com características olímpicas”, sob a alegação do desconforto da avenida, do prejuízo da parca iluminação a partir das 18 horas, dos gastos desnecessários com carros alegóricos e bandas marciais, além de que parte da população não conseguia assistir aos aspectos essenciais da abertura, ou seja, a tocha e pira olímpica e juramento do atleta; segundo, a transferência da abertura para o Batistão com rituais olímpicos; terceiro, a realização das competições aos fins-de-semana. A conclusão do parecer é uma defesa do CEE como instância regulatória dos bons ventos educacionais de Sergipe:

[...] este Colegiado, cumprindo o seu dever de zelar pelo aprimoramento pedagógico do nosso Sistema Educacional e atendendo às ponderações dos educadores, participantes do IX Simpósio Educacional e aos reclames de outros educadores, que põem os fins da educação acima de quaisquer outros interesses, oferece sua colaboração no sentido de aprimorar e tornar verdadeiramente olímpicos os Jogos da Primavera e de compatibilizar a sua realização com a boa aprendizagem dos alunos e o transcorrer tranqüilo da vida das escolas⁹⁷.

É possível compreender que, diante dos problemas apresentados até aqui, os únicos óbices ao bom andamento dos *Jogos* fossem o "atropelo" do ano letivo e os obstáculos às viagens "natalinas e de férias" dos pais e alunos? A que pais e alunos, o CEE estava se referindo? As conclusões apontadas pelo parecer ratificavam o discurso dos jogos escolares em moldes olímpicos que, me parecem sintonizadas com a lógica espetacular que desconsiderava a realidade da escola pública e defendia a proposta de "esportivização", já em aperfeiçoamento pela escola privada.

⁹⁶ SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº 188/86/CEE**, de 16 de outubro de 1986. Indica normatização de realização dos Jogos da Primavera. Relator: José Carvalho de Souza.

⁹⁷ Id. Ibid. p. 5.

No mesmo ano deste parecer, o conselheiro Antônio Fontes Freitas travou um tenso debate com o conselheiro Cônego Carvalho. O conselheiro Antônio Freitas transmitindo uma compreensão da educação física como fundamental à formação dos jovens e afirmando que as escolas particulares, imersas na dinâmica dos *Jogos*, não estavam ofertando educação física, substituindo-a pela "prática esportiva", concluiu que:

[...] as escolas, a título de formação de equipes de diversas modalidades têm deixado de oferecer Educação Física, formam uma equipe de "handball" que congrega uma dezena de alunos, incluindo os reservas, e os demais não fazem Educação Física, e isso deveria ser uma preocupação do Conselho Estadual de Educação, porque fere frontalmente toda a legislação pertinente, inclusive com prejuízos físicos para o desenvolvimento da criança e do adolescente. [...] O ideal em termos de formação do educando, seria que a Educação Física levasse à descoberta de valores nas práticas que realiza, mas não selecionar um grupo, formando uma elite dentro da própria escola, deixando de fazer Educação Física, inclusive criando um mercado de profissionais dentro das instituições de ensino em termos desportivos⁹⁸.

Em contrapartida, segundo o secretário-redator da ata, o Cônego Carvalho afirmou que:

[...] acredito que as escolas que levam a sério os esportes, estão fazendo um bem imenso aos atletas, pelo fato do mérito enorme de modalidades que oferecem, inclusive pelo fato de estarem sendo a base das seleções estaduais, quando participa de jogos interestaduais, como é o caso do Colégio Arquidiocesano, onde as equipes do Estado estão tendo suas bases com os atletas daquele Colégio e disse, que não é uma coisa que o estabelecimento faz só por si, também o faz para o Estado que se beneficia e, os alunos que não estão integrados em nenhuma equipe têm sua Educação Física normal. Agora é sabido, acrescenta, que antes do aluno entrar na quadra do Ginásio para jogar 'volley-ball', 'handball', etc. só o aquecimento que faz, substitui de longe qualquer aula de Educação Física sistemática, e depois, essas aulas de treinamento por semana, estão indo muito além que aquelas três aulas regulamentares⁹⁹.

O debate é ilustrativo da função de um órgão público como o CEE. Enquanto uns conselheiros defendiam a legislação como meio de garantia à formação dos estudantes, ainda que pela via meramente burocrática, outros defendiam as brechas da legislação como legitimidade às práticas mercantis da escola particular. Reportar-se aos alunos como atletas, garantindo aos excluídos a "educação física normal", que o "aquecimento" substituíria qualquer aula de educação física, bem como que o Arquidiocesano estaria prestando um grande serviço ao estado de Sergipe, quando seus "atletas" o representavam nacionalmente, me parecem

⁹⁸ SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. ATA da sétima sessão plenária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1986. 11 p. Datilografado. p. 9-10.

⁹⁹ Id. Ibid. p. 10.

demonstrar o que o CEE era (ou continua sendo?): um órgão público legitimador e garantidor dos benefícios da rede privada de ensino.

O Arquidiocesano, assim como o Unificado e outros colégios particulares, tornaram-se grandes vencedores dos *Jogos* por montarem uma estrutura profissional para o trato com o esporte escolar: grandes ginásios e piscinas; material esportivo de alta qualidade; professores especialistas em cada modalidade esportiva (e o sujeito não era contratado como professor de educação física, mas técnico de voleibol, basquetebol, futsal); contratação de "alunos-atletas" de escolas públicas em troca de bolsas de estudo e facilidades no aproveitamento escolar. Afora essa estrutura, a dinâmica interna da escola sustentou a segregação entre alunos de educação física e alunos das "escolinhas esportivas". Estes pagavam taxas-extras para praticarem as modalidades escolhidas que, por lei e sensibilidade educacional, deveriam compor o currículo da educação física. Tais taxas seriam canceladas se os alunos conseguissem ascender às "turmas de treinamento" para integrarem as equipes da escola. As aulas de educação física, além da segregação financeira, eram "aulas de punição", desagradáveis e sem objetivos claros, a não ser a prática rotineira e obrigatória do "fazer pelo fazer". Toda a organização da educação física de 1ª à 4ª série do ensino fundamental era montada de maneira a que os alunos fossem "iniciados" nas modalidades mediante um "rodízio" de práticas esportivas. Impunha-se, de modo sub-reptício, que o aluno deveria procurar (entenda-se pagar) os esportes ou as "escolinhas" que melhor lhe aprouvesse.

Após o fim dos *Jogos* em 1995, o Arquidiocesano, assim como outros colégios, incentivaram o funcionamento do esporte amador, tomando por referência, vínculos com federações esportivas a fim de realizarem eventos que substituíssem os Jogos da Primavera. Com isso, em 1999, o Arquidiocesano fundou o "Arquiclube", instituição que se utilizava dos próprios alunos, professores e estrutura física e material da escola, inclusive a própria aula de educação física, para seleção e preparação de futuros "atletas". Estes "atletas" passaram a disputar as competições estaduais promovidas pelas federações esportivas situadas na capital¹⁰⁰.

As escolas particulares de Aracaju, desconsiderando a educação física como componente curricular, sob a fachada do esporte como fundamento da formação dos jovens, mercantilizaram a oferta do esporte, tornando-o, ao lado dos resultados do Vestibular, o grande chamariz de consumidores dos seus serviços educacionais. Carlos Castro Junior

¹⁰⁰ SANTANA, A. J.; RIBEIRO, S. D. D. As influências mercadológicas num determinado fenômeno esportivo - basquetebol - alterando sua forma e conteúdo, na realidade escolar sergipana. **Caderno do Estudante**, São Cristóvão, v. 3, p. 83-96, 2003.

investigou o uso mercantil da educação e do esporte em Sergipe, por meio de discursos e imagens publicitárias. Detectou que a oferta de esportes, através da exibição das estruturas físicas esportivas, dos seus campeões e resultados, funcionando com os princípios mercadológicos de rendimento e produtividade, disseminavam no imaginário e associavam na memória social a imagem e a idéia da "escola vencedora"¹⁰¹.

A ação da rede privada de ensino em Aracaju proporcionou uma interpenetração entre escola e clube, reconstruindo as tradições que demarcavam ambas. Para Peter Burke, quando estes "encontros culturais" acontecem, podem ser saltares em benefício mútuo. O grande problema é quando uma das instituições excede os limites de suas tradições e passa a absorver toda a lógica da outra¹⁰².

Por este prisma, as escolas absorveram os princípios que regem os clubes esportivos e, tão somente, deram vazão ao receituário espetacular do capitalismo internacional. A escola assumiu-se de vez, uma empresa de serviços educacionais. As estratégias utilizadas, similares a uma "esportivização", revelaram como se definem ações competitivas para se firmar nos seus "nichos" de mercado. Entendo, com base em Pablo Gentili, que a "esportivização" da escola se assemelha ao que se denomina de "mcdonaldização" da escola¹⁰³: sistemas de controle e premiação (quem mais produz, mais ganha); oferta com publicidade em profusão; treinamento rápido e eficiente; ambiente limpo e produtivo; pessoas felizes e satisfeitas. As semelhanças não são coincidências, nem são forçadas: há um controle na oferta e seleção do melhor "produto" ou melhor "atleta"; existem prêmios para quem melhor "produz" para a escola (os "alunos-atletas" ganham notas, os "professores-treinadores" ganham uma sobrevida e se asseguram mais um ano no emprego); executa-se um treinamento rápido e eficiente do "atleta" baseando-se na seleção inicial, nas "escolinhas", e do "treinador", já que muitas escolas contratavam leigos com "experiência esportiva" para serem técnicos (treinar um professor é tão simples quanto treinar um "preparador de hambúrguer"); existem piscinas e ginásios irrepreensíveis, limpos, saudáveis e eficientes, onde os alunos ("compradores") podem ser "felizes"; finalmente, a publicidade:

¹⁰¹ CASTRO JUNIOR, C. A. S. **Esporte e espetáculo**: as imagens dessa união nas escolas particulares de Aracaju/SE. 2005. 117 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

¹⁰² BURKE, P. Cultura, Tradição, Educação. op. cit.

¹⁰³ GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: _____; SILVA, T. T. (Org.). **Escola S. A.** Brasília: CNTE, 1996. p. 9-49.

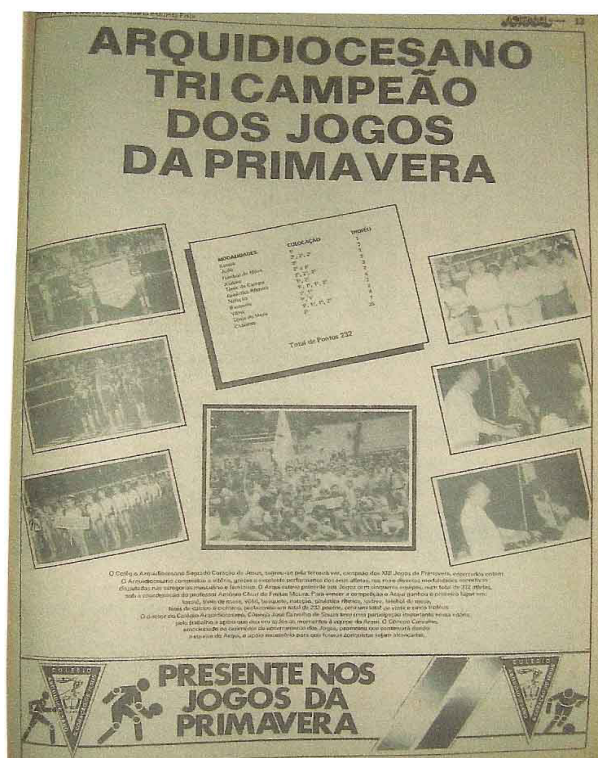


Figura 16 - Cartaz publicitário do *Colégio Arquidiocesano*, glorificando seu tricampeonato nos *Jogos da Primavera*.

1988. 1 gravura, cartaz, p&b.

Fonte: Jornal da Cidade, Aracaju, 2 nov. 1988.



Figura 17: Cartaz publicitário do *Colégio Arquidiocesano*, referente ao oitavo título dos *Jogos da Primavera*

1994. 1 gravura, cartaz, p&b.

Fonte: Jornal da Manhã, 1 nov. 1994.

O pôster do tricampeonato dos Jogos da Primavera explicita em imagens a felicidade da equipe de alunos, professores e familiares com as vitórias, os jovens atletas perfilados e os resultados conseguidos. De igual modo, a publicidade do oitavo título dos *Jogos* ressalta o resultado, mas em ambos se personifica a vitória esportiva como vitória educacional (e mesmo "sagrada") com as fotos do Cônego Carvalho recebendo e erguendo o troféu de campeão.

A "esportivização" da escola é a síntese educacional da sociedade do espetáculo. Como o espetáculo é a afirmação de toda a existência humana como simples aparência, os

Jogos da Primavera e as escolas assumindo-se como "clubes" ratificaram a aparência como ápice da mistificação do real, limitando a possibilidade de pedagogização do esporte voltado à formação dos jovens, impingindo-lhes o papel de "consumidores" da oferta esportiva e "trabalhadores" do marketing esportivo-educacional da escola.

6.4 Quais os rumos?

Em meio à hegemonia das escolas particulares nos *Jogos* e a utilização do esporte como principal “produto educacional” das mesmas, qual a direção dada à educação física e às perspectivas de escolarização do esporte em Sergipe?

Após o fim dos *Jogos* em 1995, o governo de Albano Franco tentou incrementar a educação e a área de educação física. Pela primeira vez, foram abertas turmas do Ensino Médio em todos os municípios sergipanos. Instituiu-se, em convênio com a UFS, o Projeto de Qualificação Docente (PQD) que objetivava conceder formação superior aos professores de educação básica do interior que somente possuíam habilitação técnica. Desenvolveu-se um projeto de construção de quadras esportivas e cobertura das quadras existentes nas escolas públicas que modificaram a paisagem da capital. São avanços pequenos, contudo significativos que ainda precisam ser analisados em seus impactos sociais.

A partir de 1997, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a COEF/SEC, sob a coordenação do professor Gilson Dória Leite Filho, tentou dinamizar a área e dar conseqüência ao texto da LDB que decretou a educação física como componente curricular da educação básica, inserida no projeto pedagógico da escola. A equipe da COEF tentou elaborar uma proposta de educação física para a rede estadual. Tal proposta resultou na Portaria n.º 1.251/99, normatizando a educação física, definindo a cultura corporal como seu objeto, mesmo mesclando-a com a proposta do esporte educacional¹⁰⁴. Além da Portaria, publicaram o livro “*Subsídios aos Conteúdos da Educação Física*” visando à orientação dos professores acerca das múltiplas possibilidades do acervo da cultura corporal a serem escolarizados¹⁰⁵. Propuseram e realizaram os “*Encontros Estaduais de Educação Física*” que promoveram profícuos debates, mini-cursos e produziram coletâneas de trabalho

¹⁰⁴ SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. **Portaria n.º 1.251**, de 17 de maio de 1999. Normatiza o ensino de Educação Física na Rede Estadual de Ensino. Arquivo particular do autor.

¹⁰⁵ SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação, Desporto e Lazer. Coordenadoria de Educação Física. **Subsídios aos conteúdos da Educação Física**. Organização Gilson Dória Leite Filho *et al.* Aracaju: J. Andrade, 1998.

que veicularam artigos e ensaios de professores da rede, socializando o conhecimento, produzido com base nas experiências pedagógicas¹⁰⁶.

Não obstante a superficialidade dos documentos, a miscelânea de concepções teóricas antagônicas, as iniciativas da COEF demonstraram existir condições de se pensar a educação física em Sergipe para além dos *Jogos*, tentando inclusive reorganizar jogos escolares sob outras bases. Contudo, as mudanças de governo, novamente, solaparam as propostas em curso e o retorno do governador João Alves Filho trouxe consigo, mais um retorno dos Jogos da Primavera, desta feita, como Lei a ser seguida pelos executivos vindouros¹⁰⁷.

Essa nova fase dos *Jogos* (4ª?) não é o foco desse trabalho, tendo em vista que o objetivo aqui era demonstrar o avanço da “esportivização” da escola, em meio aos jogos escolares. De igual modo, é notório que tal processo não sofreu alteração, dado que os últimos resultados dos Jogos da Primavera, entre 2004 e 2007, marcaram novas quatro vitórias do Colégio Arquidiocesano.

Somada a este quadro, a partir de 2003, a TV Sergipe, afiliada da Rede Globo de Televisão, descobriu o filão do esporte e passou a promover campeonatos envolvendo escolares: a “Copa TV Sergipe de Handebol” e as “Olimpíadas Escolares TV Sergipe”. A entrada de emissoras de TV, não mais como noticiadores do espetáculo esportivo, mas agenciadores do espetáculo, estreitou uma nova relação entre política, educação e cultura. Esse novo tipo de apoio ao esporte continua dando fôlego à “esportivização” da escola, conforme se observa no slogan do Colégio Amadeus em 2007: “o campeão do vestibular agora é campeão das Olimpíadas Escolares TV Sergipe”.

Em meio a essa fase de “treinamento”, as condições de “preparação” dos que erigiram a “esportivização” da escola foram e são mais sólidas e parecem consolidar a compreensão do esporte como somente rendimento, somente mercadoria. Por essas questões, entendo que continuamos, no século XXI, sob a vigência da sociedade do espetáculo, gerada no século anterior, na qual o esporte e a escola são geridos pelos ditames da produtividade e eficiência e os homens são consumidores, não cidadãos. Contudo, os professores

¹⁰⁶ Como parte da análise desse processo em Sergipe e dos esforços da COEF no período, indico a leitura de: NERY, M. A. A. M. **Políticas educacionais em Educação Física na década de 1990**: uma análise do contexto sergipano. 2002. 81 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.; e SANTOS, R. C. F. A. **Teoria e prática na educação física**: o que se (re)produz na educação física em Sergipe (1998-2003). 2003. 85 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

¹⁰⁷ SERGIPE. **Lei n.º 5.493**, de 21 de dezembro de 2004. Institui os "Jogos da Primavera", como evento desportivo a ser realizado anualmente, e dá providências correlatas. Disponível em: <<http://www.seed.se.gov.br>>. Acesso em: 5 jan. 2005.

conseguiram, baseados em suas experiências, e ao longo das últimas décadas, demarcar suas posições, construir suas práticas e, ainda que, em esforços isolados, mostraram que é possível permanecer em tensão constante, lutando todos os dias pela dimensão da escola, que pedagogiza o esporte e o torna fundamental à formação da juventude.

7 CONSIDERAÇÕES ... **DA "ESPORTIVIZAÇÃO DA ESCOLA" À "EDUCAÇÃO ESPORTIVA"**

*"Eu vejo a vida melhor no futuro,
eu vejo isto por cima de um muro
de hipocrisia
que insiste em nos rodear"¹*

Século XX, imagético por excelência, esportivo ao extremo, espetacular em todas as suas contradições. O século que consubstanciou a sociedade do espetáculo, revelou a materialidade visível do capital por meio de imagens que veiculam os valores e determinações vigentes: os mercantis. Valores estes os quais limitam a liberdade à selvageria da concorrência, que estimulam o cálculo de vantagens sociais, que insuflam ao desenvolvimento e ao progresso com a destruição da vida, que estabelecem como marco regulatório das relações sociais o sistema econômico, que induzem a transformação de cidadãos em consumidores, destituídos de direitos exceto o "direito de consumir", inclusive a educação e o esporte.

Imerso, contudo, nesses valores é mister compreender que a sociabilidade moderna não é regulada somente pelo econômico e, por conseguinte, pelo espetáculo. Os valores formados mediante a religião, a família, a educação, as relações sociais mais comezinhas estipulam, cotidianamente, novas formas de olhar e interagir com o mundo. Entendo, portanto, que a vigência da sociedade do espetáculo só é real se impactada, em relações de tensão permanente, pela organização da vida que os sujeitos empreendem em sua classe social, em seus movimentos de resistência e desobediência civil, em seu acúmulo de conhecimento, seja na escola ou fora dela.

Considero que o processo de formação humana, o qual orienta toda a nossa reflexão acerca das direções que foram apontadas e apontamos para a juventude, tem estado à mercê do espetáculo que constrói, inventa, reconstrói e reinventa tradições, para manter uma coesão em seus projetos históricos. Tem sido assim em todo o planeta. Linguagens limitadas

¹ SANTOS, L. Tempos modernos. Intérprete: Lulu Santos. In: SANTOS, L. **MTV ao vivo**. São Paulo: BMG Brasil; Ariola, 2004. 1 CD. Faixa 9. Remasterizado em digital.

não mais existem, principalmente as corporais, tendo em vista que os limites humanos parecem ser rompidos todos os dias graças às tecnologias de treinamento e doping. Por conseguinte, o esporte, enquanto maior expressão da cultura corporal dos últimos séculos, tem se constituído por estas contradições que orientam a vida moderna. Assim foi e está sendo, na construção e solidificação do que denominei de "esportivização" da escola.

Ao longo do último século, a escola foi erigida como o centro da formação educativa dos jovens, sendo que os conhecimentos passariam por uma filtragem à sua lógica organizacional e seriam, portanto, escolarizados. O esporte, desde seu nascedouro moderno nas *public schools* inglesas, foi um elemento que se assumiu como relevante à formação e passou a ser escolarizado. Todavia, nesse processo, os choques culturais entre tradições distintas, a escola e o esporte — principalmente após sua apropriação pelos clubes e reorganização pelas federações — resultou em absorção daquela pela dinâmica autônoma deste. Não sem resistências, esse processo de "esportivização" da escola teve como um dos seus notórios sustentáculos, sobretudo na memória social, os jogos escolares.

Ao me propor investigar os Jogos da Primavera em Sergipe não pretendia narrar sua história, realizações, resultados, sujeitos e feitos históricos. A intenção foi compreender os *Jogos* nas mediações entre tradição e espetáculo como cerne da "esportivização" da escola, buscando suas dimensões, representações e contradições.

Resgatando as categorias thompsonianas, é possível entender que tal processo se sustentou em "*mudanças involuntárias*", próprias do avanço histórico, mediante o desenvolvimento científico e tecnológico das comunicações, das formas de organização do conhecimento escolar, fundamentalmente da força imagética refletida pelos avanços do esporte, do ponto de vista material ao humano. Tornou-se impossível, a partir de fins do século XIX, ser indiferente à educação escolarizada e ao esporte, que formataram todos os afazeres cotidianos da humanidade.

Durante os 30 anos em que os Jogos da Primavera se desenvolveram, se fortaleceram, se enfraqueceram, se reergueram e se enraizaram na memória social sergipana, quais as "*congruências*" palpáveis? Os *Jogos* surgiram em meio à ditadura, com um caráter festivo e uma concepção de esporte como fundamental à formação dos jovens, tanto em seus aspectos utilitaristas da saúde quanto moralistas da formação do caráter com cores nacionalistas. Suas transformações na década de 1970 corroboraram o anseio pelo "*Brasil Grande*" que deveria se destacar, inclusive, nos palcos esportivos. Com a criação dos JEBs instituiu-se uma "esportivização" da escola que não logrou êxito, especialmente em Sergipe, com os "Jogos Estudantis Sergipanos", devido à falta de estrutura física e de recursos

humanos qualificados. Essa proposição oficial transmutou-se, a partir de 1979, em instrumentalização e personalização política dos Jogos da Primavera, ampliou e contribuiu, visivelmente, com o alargamento do abismo entre escolas públicas e privadas, bem como resultou na "esportivização" da escola, que mercantiliza a educação e advoga vitórias esportivas (inclusive na "corrida" do vestibular) como parâmetro para a "boa escola".

Que "*contradições*" foram geradas na tensão entre as normas e interesses oficiais e a experiência dos professores, alunos, diretores e dirigentes? Da prática pedagógica baseada na experiência como "atleta" à prática pensada, refletida e assentada em preceitos pedagógicos, sólidos ou em ebulição, a ação dos *professores* de educação física foi cindida entre "treinadores" e "professores". Estes, em meio à euforia dos *Jogos*, construíram práticas pedagógicas que dão sustentação para continuarmos pensando, hoje, nas possibilidades de "escolarização" do esporte. Os *alunos* — que vivenciaram os *Jogos* em todas as suas contradições; da escolha à exclusão, das quadras às arquibancadas, dos sonhos aos pesadelos — souberam inserir-se na prática e vivenciar experiências que os guiaram à profissionalização (no caso dos que se tornaram atletas de alto nível ou professores de educação física) ou mesmo à simples vivência feliz da prática esportiva. Os *diretores* souberam vincular suas imagens de "incentivadores do esporte" à escola, principalmente quando "campeões" dos *Jogos*, estabelecendo medalhas e troféus como parâmetros da formação da juventude sadia, disciplinada e pronta aos desafios da sociedade competitiva.

As proposições do Estado, quanto à instrumentalização política, e do mercado, quanto à lógica do comercializável, estiveram sempre em confronto com as ações dos indivíduos e as resistências construídas. As interpretações do uso da educação física, como "razão de Estado", observaram a área por lentes externas à sua dinâmica interna, bem como assentaram-se em vínculos ideológicos os quais fizeram a crítica mais política que científica ou histórica. As ações oficiais engendradas pela ditadura para a educação física, mais atenderam a demandas da sociedade e anseios dos professores do que representaram políticas de acomodação e dominação. Longe de querer pintar com "cores suaves" e abrandar as intencionalidades e ações perversas da ditadura, busco ressaltar seu entorno nebuloso, sua violência e irracionalidade sem, contudo, obscurecer os avanços notáveis provocados na sociedade brasileira. De igual modo, pretendo não incorrer na dicotomia das "trevas" da ditadura e o momento "colorido" (sem trocadilhos) da redemocratização nacional. Entulhos da ditadura continuam a ocupar espaço social, mas também avanços continuam a existir. Na educação física não tem sido diferente.

As ações dos professores foram ações de resistência, de oposição a uma direção que não se pretendia seguir. Não entendo que os professores conseguiram ter um papel vital na sua construção como classe social, como afirmou Thompson ao analisar os trabalhadores ingleses dos séculos XVIII e XIX. Contudo, à luz do historiador inglês, concordo que o julgamento das ações dos homens não se justifica pela evolução posterior, mesmo porque não estamos no final da "evolução social". As ações dos professores foram conscientes de que seu "trabalho" não estava restrito ao início e fim de uma competição esportiva, que sua prática não se encerrava nos limites dados pelo apito do árbitro ou pelo cronômetro (esse instrumento humano que se arvora em tentar aprisionar o mundo de Cronos). Seu trabalho foi determinado pelo ritmo da existência, que pode ser lento ou acelerado, mas que tem como "produto" a formação dos homens e que ratificou uma compreensão da vida a qual tencionava, com muita dor e agonia, com o ritmo frenético da sociedade do espetáculo.

Entendo que os Jogos da Primavera — graças à seletividade da memória que guarda suas cerimônias e resultados, mas oculta ou naturaliza as problemáticas — retornaram em 2004, reforçando toda uma dimensão de "esportivização" da escola que tão somente sustenta a submissão da rede escolar aos princípios espetaculares. Por estarmos sujeitos à espetacularidade vigente não podemos esquecer, entretanto, que não há unilateralidade nessa relação: existem determinações, mas existem oposições. Ao longo do processo de "esportivização" da escola, em meio ao fortalecimento dos *Jogos* em Sergipe, os sujeitos materializaram as múltiplas tensões e a pluralidade de intenções dessa relação. As tensões são reais e estão em curso, conseqüentemente o processo histórico não se encerrou.

Essa Tese localiza-se como uma interseção. O ponto de partida foi as ações políticas e mercadológicas dos políticos e dirigentes e as ações de resistência e acomodação que os professores construíram ao longo da história dos *Jogos*. Na Tese, tentei desvendar as problemáticas que geraram o ponto de partida, e apontar possibilidades de reconstrução histórica, de reconstrução de tradições e tensões com os ritmos do espetáculo. O ponto de chegada é uma alegoria pois, o processo de formação humana não se encerra, reorganiza-se cotidianamente diante dos desafios que a história nos apresenta. Portanto, entendo que a "esportivização" da escola está consolidada, mas plena de contradições. O esporte é a manifestação da cultura corporal, por excelência, e é com o esporte que podemos dimensionar a formação, e tencionar o espetáculo.

Entendo que a cultura é um campo/arena de conflitos, não um espaço de acomodação de saberes que possa ser arrumado em séries, anos ou ciclos, sem os embates necessários da experiência histórica. Isso posto, entendo que os professores sabem quais os

elementos culturais a aplicar, ou saberes a escolarizar. Todavia é preciso discutir como selecionar e organizar a intervenção pedagógica; é preciso reconhecer a capacidade de autonomia do professor na definição do conhecimento a ser tratado; reconhecê-lo como criador da prática. Precisamos decidir se nos acomodaremos à legitimidade superficial que a educação física vem conseguindo, pela via exclusiva das atividades extracurriculares, ou seja, precisamos questionar se a organização de desfiles, gincanas, jogos escolares contribuem para a formação dos alunos ou somente para a nossa aceitação na escola e na sociedade.

É sempre mais fácil demonstrar o nosso papel na escola quando levamos nossas equipes aos jogos estudantis, posto que a visibilidade é o epicentro da lógica espetacular, mas o que isso tem contribuído para a formação dos nossos jovens? Tal questionamento serve para que reflitamos acerca da única condição de legitimidade de nossa inserção escolar, a pedagogização da cultura corporal. De igual modo, frente à situação da escola hoje, é imperioso questionarmos se esta compreensão mesma de escola como espaço de formação humana e socialização do conhecimento historicamente acumulado, não tem sido uma idealização ou não se sustenta mais, diante dos rumos históricos.

Se as representações da modernidade têm se pautado em imagens, e as expressões corporais, que tomam forma na escola, submetem-se a esse direcionamento, a "esportivização" da escola é irreversível? Ou podemos compreendê-la como esse campo de tensão que possibilite novas experiências? Diante dessas questões, defendo que o fundamento de nossa legitimidade perpassa por uma "*Educação Esportiva*", não como substituta da educação física, mas uma nova frente de embates culturais para diálogo com a lógica imagética da contemporaneidade, uma perspectiva de formação criativa pautada no direito à cidadania cultural. Conforme defende Marilena Chauí, é preciso construir políticas culturais voltadas para a educação do povo. Políticas que estejam voltadas ao direito à cultura: direito de produzir (criar, ampliar, transformar) ações culturais; direito de fruir bens culturais (sem exclusão social ou política); direito à informação e comunicação de modo produtivo, não apenas receptivo; e direito à diferença na expressão das formas da cultura².

A proposição da "educação esportiva" se sustenta em algumas argumentações. *Primeiro*, os conteúdos clássicos da educação física, ou os saberes a serem escolarizados, tais como jogo, dança, lutas, ginásticas já foram todos esportivizados. Nenhum deles existe sob sua forma pura. A ginástica que se divulga são as "ginásticas esportivas": rítmica, artística, acrobática, aeróbica. As danças estão sendo subsumidas pelos parâmetros de concursos

² CHAUI, M. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

competitivos. As lutas, desde as milenares artes marciais à regional capoeira, seguem preceitos e cânones esportivos. Percebendo que tais práticas já obedecem aos códigos esportivos e são apresentados sob tal forma às crianças, entendo ser preciso traçar um diálogo tenso e problematizador sobre o que é esporte e as formas de sua apropriação histórica. Acessar esporte é, portanto, compreendê-lo, recriá-lo e fruí-lo.

Segundo, a organização do currículo, no que tange à área, é regida pelo ápice do espetáculo, sejam nos jogos escolares, nos jogos internos ou nas gincanas esportivas. Tais eventos hoje são a única via de legitimação e justificativa de existência da educação física na escola. Torna-se premente, em primeira instância, radicalizar o processo de formação escolar, de modo que os alunos compreendam como se constrói o conhecimento, do "fazer" atividade ao "construir" a atividade, o que urge a necessidade de reconstruir os Jogos escolares sob novas bases em que os sujeitos organizem sua "festa".

Alguns estudos vêm sendo elaborados para diagnosticar problemáticas e repensar a dinâmica dos jogos escolares³. Defendo, todavia, que os jogos poderiam ser concebidos como "festivais". Em seu sentido antropológico, a "festa" significa *celebrar*, ou seja, mesmo que livre e destoante da vida cotidiana, o ato de *celebrar* tem seus limites no espaço e tempo, tem uma historicidade, regras, e é o ápice de um processo. Nos seus aspectos sagrados é um rito de passagem, a celebração coletiva de uma conquista. Todo processo formativo, por seu turno, é um rito de contínuas passagens, de avanços intermináveis. No caso do aprendizado sobre esporte, concebo que a celebração seja o apogeu das experiências vivenciadas, ao longo do ano letivo, resultando nos "festivais" em que as múltiplas formas de fazer e ver esporte, se interpenetram e os alunos podem ser atletas, árbitros, organizadores e torcida. A "educação esportiva" pressupõe, portanto: que sejam vivenciadas todas as possibilidades de prática esportiva, pois, quanto melhor jogamos, mais prazer temos em jogar; que se compreenda o esporte em suas minúcias técnicas, táticas e normativas, pois, quanto mais domino esses

³ O LEPEL/UFBA analisou os Jogos Escolares da Bahia (JEBAs) no ano de 2007 e verificou problemas crônicos de base na escola pública, que se assemelham ao restante do país: inexistência de aulas de educação física para o Ensino Fundamental, limitado às práticas esportivas; grande incidência de professores sem qualificação, "treinando equipes" o que, por conseguinte, revela um "treinamento" sem base científica ou pedagógica; a ausência de material didático-esportivo e de instalações físicas adequadas limitando a organização do trabalho pedagógico. Cf. UNIVERSIDADE Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Linha de Estudo e Pesquisa Educação Física, Esporte e Lazer. **Relatório Avaliativo dos Jogos Escolares da Bahia**, novembro de 2007. mimeo. Apresentação Celi Nelza Zulke Taffarel. No âmbito das propostas, está em curso a proposição de novas organizações para os JEBAs, Cf. UNIVERSIDADE Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Linha de Estudo e Pesquisa Educação Física, Esporte e Lazer. **Proposta preliminar para os Jogos Escolares da Bahia 2008: jogos construídos pela base**, novembro de 2007. mimeo. Apresentação Celi Nelza Zulke Taffarel. De igual modo, cabe conferir as experiências traçadas em outros estados da Federação e relatadas em: MELO, V. A.; NASCIMENTO, M. A. **Repensando as "olimpíadas escolares"**: uma proposta. Rio de Janeiro: Edição dos Autores, 1995.; e SILVEIRA, G. C. F.; PINTO, J. F. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 137-150, maio 2001.

códigos, mais prazeroso se torna assistir a uma competição; que se domine as formas de organização do esporte, pois, quanto mais dominamos esses preceitos, melhor organizamos a nossa prática, a nossa "festa".

Terceiro, sob a égide de uma civilização imagética, as expressões corporais com as quais nossos alunos sonham e se manifestam, são as manifestações esportivizadas que, subsumidas aos ditames das múltiplas interfaces de imagens da modernidade, são mais sedutoras que as aulas presas ao espaço restrito da quadra. Esse bombardeio de imagens e informações não se manifesta sem interferências. O espetáculo esportivo vem, ao lado da glorificação e glamourização de suas estrelas, sofrendo abalos sensíveis nas suas estruturas de sedução. O discurso moralista do esporte vem ruindo ante a violência de atletas e torcidas⁴, ante a burla bioquímica dos "códigos limpos" do olimpismo⁵, assim como o discurso da saúde cai por terra a cada falecimento de atletas, em pleno gramado de futebol e com transmissão via satélite, nos últimos anos⁶. Diante dessas contradições, assim como as que abalavam os Jogos da Primavera e seu discurso de congraçamento, é preciso que o professor saiba dialogar com os elementos chaves da vida cotidiana dos alunos: a televisão, o cinema, os videogames, os jogos em rede, a música. A construção de orientações didático-pedagógicas de uso destes meios, inclusive com a crítica própria a estas expressões culturais, é algo pelo qual se justifica uma "educação esportiva" que problematize o esporte e a sociedade, que acesse estas produções culturais e que tencione com as formas e conteúdos da informação e comunicação. Tal construção de diálogo pedagógico com essas manifestações imagéticas vem sendo formulada por intelectuais da educação física, a exemplo de Mauro Betti, Giovani Pires, Victor Melo e Alfredo Feres Neto.

Não quero aqui, encerrar essa contenda, assumindo que trabalharemos esporte conforme o ambiente espetacular nos exige e/ou impõe; ou que o fato de admitir que a "esportivização" da escola é hegemônica, estejamos condenados à lógica de jogos estudantis que se repetem por todo o país. Proponho que tematizemos os conteúdos clássicos em tensão com sua lógica eminentemente esportiva; que os nossos jogos escolares ou gincanas

⁴ Podemos pensar nos constantes problemas de violência entre torcidas organizadas, desde o caso clássico dos *hooligans* ingleses até as torcidas brasileiras. No âmbito dos atletas, basta lembrar dos notórios casos com a justiça em que se envolveram os atletas O. J. Simpson, Mike Tyson e Edmundo.

⁵ Nos diversos casos mais notáveis enquadram-se Ben Johnson, Maradona, Marion Jones, o recente caso de Rebeca Gusmão, além das suspeitas sobre Florence Griffith-Joyner, que estipulou recordes até o momento inalcançáveis por vias humanas naturais, e que "inexplicavelmente" faleceu aos 40 anos de idade.

⁶ Nos últimos anos, cenas dramáticas nos campos de futebol foram usadas de modo a alimentar uma nova estética de violência: o falecimento, via satélite, de atletas de futebol. Em 2003, o camaronês Marc-Vivien Foe em jogo de sua seleção. Em 2004, o húngaro Miklós Féher em jogo pelo seu clube, o Benfica de Portugal. No mesmo ano, o zagueiro Serginho, do São Caetano, em pleno gramado do Morumbi. Finalmente em 2007, o espanhol Antonio Puerta em jogo pelo seu clube, o Sevilla.

esportivas incorporem o sentido antropológico de festa, como celebração do que se viveu e aprendeu ao longo de um ciclo da vida; que trabalhem com as múltiplas possibilidades da mídia, de modo a ampliar o leque de olhares sobre o esporte, de vivências estéticas sobre o esporte como arte, como criação. Finalmente, que pensem a reorganização cotidiana de nossas experiências, voltando-nos para a dinâmica cultural que permita a cidadania plena de nossos jovens, sintonizando suas experiências com a capacidade intelectual de recriar novas práticas sociais e novas organizações sociais.

Criação, recriação, formação, transformação e experimentação. É possível pensarmos o esporte, enquanto elemento fecundo, ao forjar de uma humanidade plena na vivência de suas produções culturais. Proponho a construção de utopias festivas possíveis, nas quais as aulas de educação física e mesmo as peladas do fim-de-semana sejam o conagraçamento supremo das possibilidades de existência dos homens, enquanto sujeitos brincantes. Para tanto recorro ao poeta Thiago de Mello, para propor sonharmos com um "futebol (ou voleibol, basquetebol, natação) de trinta (ou quarenta, cinqüenta, sessenta)", no qual não existam limites numéricos, nem de idades.

Somos trinta meninos
 maduros brincando
 de bola: encantamento
 puro, o sol nos pés.
 Pelejam em baile
 fraternal, porém duro.
 Desvairados olímpicos
 somos ao suportar
 a fortuna ou a desgraça
 das artes que inventamos:
 o arabesco do corpo,
 a vala devassada,
 o arremesso recurvo
 de enganoso destino,
 o tiro desferido
 em doce geometria,
 a mão que se espadana
 desvencida e grotesca
 no vértice rasteiro,
 a frente que desvia
 um rumo inexorável,
 o músculo empenhado
 na intenção cristalina
 o arabesco perfeito
 riosamente inútil.

Futebol: dor e festa,
 a perfeição dormida
 sobre um peito de pé

de repente se ergue
 e se cumpre e floresce:
 é o coração viajando
 no percurso que faz
 dentro do sol no vento
 a esfera delicada,
 a indomável, a rosa.

Somos trinta brincando
 concentrados de véspera.
 Frequentemente chove,
 quando é a tarde dos sábados:
 mas sempre é sol no campo.
 Sentados sobre a Gávea,
 os anjos se divertem
 com essa arquitetura
 de lances impecáveis
 no entanto malogrados.

Os trinta somos um
 menino atrás da infância
 rolando rebrilhada
 levando a nossa alma
 pela relva da tarde.
 Somos humildes: não temos
 os nossos nomes na boca
 da multidão. Mas a mão
 de nossos filhos encontra
 mais confiante e mais suave
 a nossa mão, mão de trinta,
 quando, olímpicamente
 fatigados, voltamos
 a ser os homens que somos⁷.

Imaginar tal possibilidade, implica reconhecer que o processo de formação humana é uma luta cotidiana pela construção da história, sem receitas, sem manuais, na qual os professores enfrentam dia a dia os desafios impostos. Encerro esta tese, aceitando os desafios postos, todavia acenando com a alegoria exposta no filme iraniano "*O jarro*" (1992), de Ebrahim Forouzesh⁸.

Seja no deserto iraniano, no paraíso educacional de Estocolmo, passando pelo Rio de Janeiro, Salvador até o interior de Sergipe, as problemáticas educacionais convergem à própria natureza do ato educativo: uma relação entre pessoas diferentes no limiar entre a objetividade que se pretende e a subjetividade que resiste no fluir da vida, da vivência das

⁷ MELLO, T. Futebol trinta por trinta. In: _____. **Os estatutos do homem**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 48-50.

⁸ O filme retrata uma escola no interior do Irã, na qual um professor e seus alunos lutam para consertar ou substituir o jarro que servia para armazenar água potável para todos na escola. O jarro trincara e vazava água sem parar, o rio ficava a uma enorme distância gerando uma série de problemas.

experiências dos homens. Toda escola esbarra nos esforços do professor em ensinar, dos alunos em aprenderem, da comunidade em interagir no processo almejando um futuro para as crianças, das autoridades educacionais em suprir ou não (este o caso mais comum na realidade iraniana e nossa) as necessidades objetivas da escola para seu pleno funcionamento.

Nessa construção histórica da vida, objetivando a formação humana, as tradições orais, escritas, imagéticas são fundamentais à mediação do processo pedagógico. Mesmo diante de um mundo globalizado, pautado no espetáculo, em que a informação tem mais força que o conhecimento, a tradição de transmissão da memória, do saber, deve continuar ao encargo das esferas educacionais. Daí a metáfora do "*jarro*", o recipiente que guarda a água, que a distribui de modo equitativo sob a mediação do professor, que guarda a própria existência, pode ser concebido como a escola, o lugar que trata pedagogicamente do saber historicamente acumulado, que o socializa pela mediação entre professor e aluno, que deveria orientar as próprias experiências dos homens em suas relações sociais.

Seja no trato com a matemática, com as línguas, com a história ou com o esporte, o desafio da formação humana continuará sendo travado cotidianamente pelos homens, a cada nova experiência. E essas, são outras histórias...

FONTES

1 Arquivos pesquisados:

Arquivo do Colégio Estadual Atheneu Sergipense;

Arquivo Geral da Inspeção Escolar;

Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES);

Arquivo Público do Município de Aracaju (APMA);

Biblioteca Central da UFS (BICEN/UFS);

Biblioteca Pública Epiphânio Dória (BPED);

Conselho Estadual de Educação (CEE/SE);

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS);

Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura (ITBEC);

2 Fontes Bibliográficas:

CORRÊA, A. L. Esporte e desenvolvimento. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportiva**, Brasília, n. 9, p. 6-11, 1970.

COSTA, L. P. **Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil**. Brasília: Centro Nacional de Recursos Humanos/Ministério do Planejamento; Divisão de Educação Física/Ministério da Educação e Cultura, 1971.

FERREIRA NETO, A. Esporte escolar e oligarquia em Sergipe. **Revista Motrivivência**, São Cristóvão, n. 2, p. 76-80, jun. 1989.

FRANCO, C. S. L. Jogos Estudantis Brasileiros. **Revista Brasileira de Educação Física**, Brasília, n. 21, p. 22-28, maio/jun.1974.

GOVERNALI, P. O professor de Educação Física e a função de treinador. **Revista Brasileira de Educação Física**, Brasília, n. 20, p. 6-11, mar./abr.1974.

LIMA, T. M. C. **Análise das influências sociais do desporto escolar em Aracaju e das que sobre ele incidem**. 1987. 86 f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

LISTELLO, A. **Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer: organização do ensino: do esporte para todos ao esporte de alto nível.** Tradução Antônio Boaventura da Silva, Laércio Elias Pereira e Nestor Soares Públio. São Paulo: EPU, 1979.

MAHEU, R. Desporto e Cultura. **Revista Brasileira de Educação Física**, Brasília, n. 13, p. 48-55, jan./fev.1973.

_____. Desporto e Educação. **Revista Brasileira de Educação Física**, Brasília, n. 16, p. 6-23, jul./ago.1973.

SEURIN, P. Educação física e desportos: cooperação ou conflito? **Revista Brasileira de Educação Física**, Brasília, n. 13, p. 6-13, jan./fev. 1973.

TUBINO, M. J. G. As tendências internacionais da Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, n. 26, p. 6-11, abr./jun. 1975.

3 Documentos Oficiais:

ARACAJU. Secretaria da Educação do Município de Aracaju. **Plano Diretor para a Educação Física nas Escolas da Rede Municipal de Aracaju**, 1986. mimeo. Arquivo Público do Município de Aracaju.

BRASIL. **Constituição Federal**. Coordenação Maurício Antônio Ribeiro Lopes. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2000.

_____. **Decreto nº 40.296**, de 6 de novembro de 1956. Aprova Regimento da Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Decreto nº 43.177**, de 5 de fevereiro de 1958. Institui a Campanha Nacional de Educação Física. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Decreto nº 49.639**, de 30 de dezembro de 1960. Aprova Novo Regimento da Divisão de Educação Física, do Departamento Nacional de Educação. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Decreto nº 53.741**, de 18 de março de 1964. Dispõe sobre execução do Plano Diretor de Educação Física e dos Desportos. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Decreto nº 69.450**, de 1 de novembro de 1971. Regulamenta o art. 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e a alínea “c” do art. 40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 5-12.

_____. **Decreto nº 81.454**, de 17 de março de 1978. Dispõe sobre a Organização Administrativa do Ministério da Educação e Cultura e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Decreto nº 91.452**, de 19 de julho de 1985. Institui Comissão para realizar estudos sobre o desporto nacional. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Decreto-Lei nº 705**, de 25 de julho de 1969. Altera a redação do art. 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Lei n.º 4024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Lei nº 5.540**, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Lei n.º 6.251**, de 8 de outubro de 1975. Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 14-25.

_____. **Lei n.º 6.503**, de 13 de dezembro de 1977. Dispõe sobre a Educação Física em todos os graus e ramos de ensino. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 13.

_____. **Lei n.º 7.752**, de 14 de abril de 1989. Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda e outros tributos, concedidos ao desporto amador. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. **Lei n.º 8.672**, de 6 de julho de 1993 - Institui normas gerais sobre o desporto, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

_____. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n.º 02**, de 24 de janeiro de 1985. Fixa condições básicas para que as associações do desporto estudantil possam participar das competições oficiais do desporto comunitário. Disponível em: <<http://www.prolei.inep.gov.br>>. Acesso em: 13 nov. 2006.

_____. _____. **Instrução Normativa n.º 02**, de 2 de janeiro de 1990. Conceituação do Desporto e suas manifestações. Disponível em: <<http://www.prolei.inep.gov.br>>. Acesso em: 13 nov. 2006.

_____. _____. **Instrução Normativa n.º 04**, de 2 de janeiro de 1990. Atividades desportivas complementares. Disponível em: <<http://www.prolei.inep.gov.br>>. Acesso em: 13 nov. 2006.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do século XX**. Brasília: IBGE, 2004. 1 CD-ROM.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Divisão de Educação Física. **Portaria n.º 29**, de 22 de maio de 1969 - Institui os Jogos Estudantis Brasileiros e baixa seu Regulamento geral. In: _____. **Jogos Estudantis Brasileiros: Regulamento geral**. Brasília: [s.n.], 1969.

_____. _____. _____. **Portaria n.º 62**, de 30 de dezembro de 1969 - Designa Coordenador Geral do Curso Básico de Atualização em Educação Física, a realizar-se em janeiro de 1970, em Aracaju-SE. Arquivo particular de Luiz Carlos Vieira Tavares.

_____. _____. _____. **Portaria n.º 63**, de 30 de dezembro de 1969 - Designa professores para ministrarem o Curso Básico de Atualização em Educação Física, a realizar-se em janeiro de 1970, em Aracaju-SE. Arquivo particular de Luiz Carlos Vieira Tavares.

_____. _____. _____. **Jogos Estudantis Brasileiros: Regulamento geral**. Brasília: [s.n.], 1969.

_____. _____. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Jogos Estudantis Brasileiros. Jogos Escolares Brasileiros. Campeonatos Escolares Brasileiros: retrospecto geral**. Brasília: [s. n.], 1981.

_____. _____. _____. **Portaria n.º 001**, de 7 de abril de 1982. Estabelece normas para organização e funcionamento do Desporto Escolar. Disponível em: <<http://www.prolei.inep.gov.br>>. Acesso em: 13 nov. 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982.

SERGIPE. Constituição Estadual de Sergipe. **Diário Oficial do Estado**. Aracaju, p. 1-10. 16 jul. 1947.

_____. **Decreto-lei n.º 6**, de 16 de abril de 1969. Cria na rede escolar oficial do estado 14 (quatorze) Unidades de Ensino Primário e dá outras providências. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

_____. **Lei n.º 1.396**, de 14 de setembro de 1966. Dispõe sobre o Sistema Estadual de Ensino. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

_____. **Lei n.º 1.408**, de 27 de setembro de 1966. Reestrutura a Secretaria de Educação e Cultura e dá outras providências. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

_____. **Lei n.º 2.214**, de 18 de junho de 1979. Dispõe sobre a constituição do Fundo de Promoção e Desenvolvimento de Esportes e dá providências correlatas. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

_____. **Lei n.º 3.621**, de 9 de junho de 1995. Dispõe sobre as diretrizes orçamentárias do Estado de Sergipe para o exercício de 1996 e dá providências correlatas. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

_____. **Lei n.º 3.636**, de 11 de julho de 1995. Dispõe sobre a organização da Fundação Estadual do Desporto - FUNDESP. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

_____. **Lei n.º 5.493**, de 21 de dezembro de 2004. Institui os "Jogos da Primavera", como evento desportivo a ser realizado anualmente, e dá providências correlatas. Disponível em: <<http://www.seed.se.gov.br>>. Acesso em: 5 jan. 2005.

_____. Conselho de Desenvolvimento Econômico do Estado de Sergipe. **Problemas de base do estado de Sergipe**. v. II. Aracaju: FIES; CONDESE, 1965. Arquivo da Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea.

_____. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. **Portaria n.º 1.251**, de 17 de maio de 1999. Normatiza o ensino de Educação Física na Rede Estadual de Ensino. Arquivo particular do autor.

_____. _____. Conselho Estadual de Educação. Ata da trecentésima décima nona sessão plenária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1971. p. 74. Manuscrito. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. Ata da décima segunda sessão plenária ordinária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1978. p. 183. Manuscrito. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. Ata da décima quinta sessão plenária ordinária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1978. p. 196. Manuscrito. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. Ata da quarta sessão plenária ordinária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1979. 7 p. Datilografado. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. Ata da sétima sessão plenária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1986. 11 p. Datilografado. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. **Parecer n.º 010/85/CEE**, de 7 de março de 1985. Aprova projetos de apoio e/ou desenvolvimento na área de Educação Física para o exercício de 1985. Relatora: Cacilda de Oliveira Barros. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. **Parecer n.º 112/86/CEE**, de 22 de maio de 1986. Aprova projeto de desenvolvimento do esporte para todos no estado. Relatora: Maria Anete de Figueiredo Santos. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. **Parecer n.º 113/86/CEE**, de 22 de maio de 1986. Aprova projeto de Apoio ao Desenvolvimento do Esporte Escolar no estado de Sergipe. Relatora: Maria Anete de Figueiredo Santos. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. **Parecer n.º 114/86/CEE**, de 22 de maio de 1986. Aprova projeto de melhoria da qualidade do Ensino da Educação Física na rede estadual de ensino. Relatora: Maria Anete de Figueiredo Santos. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. **Parecer n.º 188/86/CEE**, de 16 de outubro de 1986. Indica normatização de realização dos Jogos da Primavera. Relator: José Carvalho de Souza. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. **Parecer nº 312/86/CEE**, de 23 de dezembro de 1986. Aprova projeto de Desenvolvimento da Prática Esportiva. Relator: Antônio Fontes Freitas. Arquivo do CEE.

_____. _____. _____. **Parecer nº 152/88/CEE**, de 20 de outubro de 1988. Aprova projetos para melhoria da Educação Física. Relatora: Maria Anete de Figueiredo Santos. Arquivo do CEE.

_____. _____. Coordenadoria de Educação Física. **Relação de atividades desenvolvidas pela Coordenadoria de Educação Física (1987-1990) e Plano de Trabalho (1991)**. 1990. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

_____. _____. _____. **Subsídios aos conteúdos da Educação Física**. Organização Gilson Dória Leite Filho *et al.* Aracaju: J. Andrade, 1998.

_____. _____. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju. **Regimento do Colégio Estadual "Atheneu Sergipense"**. Aprovado pela Resolução n.º 125/88/CEE, de 29 de dezembro de 1988. Arquivo do Colégio Estadual Atheneu Sergipense.

_____. Secretaria de Estado do Bem-estar Social e Trabalho. **Portaria n.º 64**, de 25 de julho de 1990. Institui os "Jogos Escolares da Rede Pública do Estado de Sergipe". Arquivo Público do Estado de Sergipe.

UNIVERSIDADE Federal de Sergipe. Conselho do Ensino e da Pesquisa. **Resolução n.º 01/72/CONEP**, de 21 de janeiro de 1972. Aprova regulamentação para a prática de Educação Física. Arquivo da Biblioteca Central/UFS.

_____. _____. **Resolução n.º 26/74/CONEP**, de 5 de julho de 1974. Aprova realização de Curso de Ginástica, promovido pelo Centro de Civismo, Educação Física e Desportos. Arquivo da Biblioteca Central/UFS.

_____. _____. **Resolução n.º 15/75/CONEP**, de 18 de abril de 1975. Aprova currículo de Curso de Licenciatura de I e II Graus em Educação Física e Técnico de Desportos. Arquivo da Biblioteca Central/UFS.

_____. _____. **Resolução n.º 37/75/CONEP**, de 10 de outubro de 1975. Aprova Testes Práticos de Condicionamento Físico e seus valores para o Curso de Licenciatura em Educação Física (Masculina e Feminina). Arquivo da Biblioteca Central/UFS.

_____. _____. **Resolução n.º 11/76/CONEP**, de 2 de julho de 1976. Faz considerações sobre a prática da Educação Física. Arquivo da Biblioteca Central/UFS.

_____. _____. **Resolução n.º 12/76/CONEP**, de 13 de julho de 1976. Aprova currículo das Licenciaturas em Ciências Biológicas (II Grau) e em Educação Física e Técnico de Desportos (Masculina e Feminina). Arquivo da Biblioteca Central/UFS.

_____. Reitoria. **Regimento interno do Centro de Educação Física e Desportos**. Aprovado em 22 de agosto de 1970. Arquivo da Biblioteca Central/UFS.

4 Diários de Classe:

SERGIPE. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju. **Diários de Classe do Colégio Estadual de Sergipe**. Disciplina: Educação Física. 1964-1967. Arquivo Geral da Inspeção Escolar.

_____. _____. _____. **Diários de Classe do Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. Disciplina: Educação Física. 1970-1975. Arquivo Geral da Inspeção Escolar.

_____. _____. _____. **Diários de Classe do Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. Disciplina: Educação Física. 1982-1988. Arquivo Geral da Inspeção Escolar.

_____. _____. _____. **Diários de Atividades de Educação Física (Modalidades esportivas) do Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. 1982-1988. Arquivo Geral da Inspeção Escolar.

5 Manifestos e Cartas:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Esporte na escola: os XVIII Jogos Escolares Brasileiros como marco reflexivo**. Brasília: MEC/SEED, 1989.

CARTA Brasileira do Esporte na Escola. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Esporte na escola: os XVIII Jogos Escolares Brasileiros como marco reflexivo**. Brasília: MEC/SEED, 1989. p. 1.

CARTA de Belo Horizonte, em julho de 1984. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 9-17, set. 2001.

CARTA de Carpina, em 14 de março de 1986. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 33-40, set. 2001.

CARTA de Sergipe, em 15 de dezembro de 1994. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 55-66, set. 2001.

CONSEIL INTERNATIONALE D'EDUCACIÓN PHYSIQUE. *Manifesto do Esporte*, de outubro de 1964. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 93-110.

FEDERATIÓN INTERNATIONALE D'EDUCACIÓN PHYSIQUE. *Manifesto Mundial de Educação Física*, de janeiro de 1971. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 73-91.

UNITED NATIONS EDUCATION, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. *Carta Internacional da Educação Física e Desportos*, de 21 de novembro de 1978. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 129-137.

6 Jornais/Periódicos (Coleção):

DIÁRIO Oficial do Estado de Sergipe. Aracaju, 1964-1995. Diário.

GAZETA de Sergipe. Aracaju, 1964-1995. Diário.

JORNAL da Cidade. Aracaju, 1972-1995. Diário.

JORNAL da Manhã. Aracaju, 1985-1995. Diário.

JORNAL de Sergipe. Aracaju, 1979-1992. Diário.

SERGIPE Jornal. Aracaju, 1964-1965. Diário.

7 Jornais/Periódicos (Artigos e Matérias):

7.1 1ª Fase (1964-1969):

ANULADO encontro dos "IV Jogos". **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 14 out. 1967.

AUTORIDADES e comércio prestigiam os "Jogos". **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 23 set. 1964.

CARVALHO, F. II Jogos da Primavera. **Sergipe Jornal**, Aracaju, p. 2, 25 ago. 1965.

CHEGADA dos professores paulistas. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 14 fev. 1963.

CLUBE fechado não permite jogo. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 24 out. 1967.

COLÉGIO Estadual de Sergipe: nota de esclarecimento. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 4, 22 set. 1965.

COLÉGIO Estadual de Sergipe: nota de esclarecimento. **Sergipe Jornal**, Aracaju, p. 2, 23 set. 1965.

COLÉGIO Estadual de Sergipe: II Jogos da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 19 set. 1965.

CURSO de Educação Física continua no Charles Moritz. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 26 jul. 1969.

DESFILE abre hoje Jogos Universitários. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 21 out. 1967.

DESFILE inaugural dos "I Jogos da Primavera": festa do futuro. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 4 out. 1964.

ELIAS, W. De primeira. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 15 set. 1966.

_____. I Jogos Universitários. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 4, 21 out. 1967.

ESTADUAL inicia ciclo dos recursos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 11 out. 1967.

GRANDE número de fiéis reza pela libertação do Brasil. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 28 abr. 1964.

II Jogos da Primavera empolgam. **Sergipe Jornal**, Aracaju, p. 3, 19 set. 1965.

INAUGURAÇÃO do “Batistão”: Brasil 8 x 2 Sergipe. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 9 jul. 1969.

JOGOS da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 4 jul. 1967.

JOGOS da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 24 set. 1967.

JOGOS da Primavera já têm o seu hino. **Sergipe Jornal**, Aracaju, p. 6, 19 set. 1965.

"JOGOS no Egito e atletismo na Grécia", tema da IERB. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 19 set. 1965.

JURAMENTO do atleta abre "Jogos da Primavera". **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 18 set. 1966.

LIMA, Z. Desfile da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 24 set. 1965.

MARQUES, J. C. Jogos Olímpicos antigos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 7, 9 set. 1964.

_____. O esporte como meio de educação. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 11 set. 1964.

NOVAS casas aderem aos Jogos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 24 set. 1964.

O que são os Jogos da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 4, 4 set. 1964.

1ºs. Jogos Universitários. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 17 out. 1967.

RECURSO contra o Estadual. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 30 set. 1966.

REGULAMENTO dos Jogos da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 1 set. 1964.

7.2 2ª Fase (1970-1978):

ANGÉLICA, C. Jogos estudantis. Coluna "Vida social". **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 16 ago. 1970.

BAGUNÇADOS Jogos Estudantis foram encerrados. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 23 out. 1972.

COMEÇA 2.ª feira Curso Internacional de Educação Física. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 27 jul. 1975.

CURSO Internacional de Educação Física encerra-se hoje de manhã. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 9 ago. 1975.

CURSO Internacional de Esporte em Aracaju. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 5, 12 ago. 1978.

Curso Internacional de esportes chega ao final. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 25 ago. 1978.

DESFILÉ abre Jogos Estudantis. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 12 out. 1974.

DIRETOR de Educação Física do MEC ensinará na UFS. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 25 ago. 1970.

DISCURSO de abertura dos "I Jogos Estudantis Sergipanos". **Diário Oficial do Estado de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 19 out. 1970.

DOIS Cursos para professores de Educação Física em Aracaju. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 12 dez. 1970.

EDITORIAL. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 30 jul. 1970.

EDITORIAL. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 15 set. 1970.

EDUCAÇÃO Física é ruim. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 15 fev. 1970.

FALTA de policiamento suspende Jogos Estudantis. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 21 out. 1972.

GINÁSIO visa integração social da juventude. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 7 jul. 1978.

INICIADO Curso Internacional de Educação Física, ontem. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 17 ago. 1976.

INICIADO Curso Internacional de Educação Física promovido pela Universidade. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 30 jul. 1975.

JOGOS da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 21 set. 1971.

JOGOS da Primavera: Piva fez convite. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 29 jul. 1970.

JOGOS Estudantis começam hoje. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 7, 27 set. 1973.

JOGOS Estudantis não serão em Sergipe. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 29 jan. 1971.

JOGOS Estudantis serão abertos com atletas do Flu. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 10 out. 1974.

POLÍCIA não comparece aos Jogos Estudantis. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 1, 18 out. 1972.

PRESIDENTE: jogos estudantis acaba desfile oneroso. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 7 ago. 1970.

PÚBLICO pequeno no Batistão. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 13 out. 1974.

SERGIPE será sede dos III Jogos Estudantis. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 19 ago. 1970.

SOMENTE campeões receberam troféus. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 23 out. 1973.

TERCEIRO Jogos Estudantis: inscrições segunda-feira. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 13 set. 1972.

UFS promove Cursos Internacionais. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 4 ago. 1974.

7.3 3ª Fase (1979-1995):

ABERTURA dos Jogos será no Constâncio. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 7, 17 nov. 1995.

ANITA levará a tocha olímpica. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 11, 20 set. 1986.

APMESE e Secretarias disputam Jogos. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 2, 19 set. 1987.

ARQUIDIOCESANO campeão da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 11, 2 out. 1979.

ARQUIDIOCESANO campeão dos Jogos da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 14, 26 set. 1990.

CAMPEÕES olímpicos hoje no desfile da primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 12, 20 set. 1980.

COLÉGIO Murilo Braga não participa este ano dos JP. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 15, 14 set. 1991.

CÔNEGO Carvalho elogia a organização. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 22 out. 1982.

DESFILE abre os Jogos da Primavera. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 1, 23 out. 1988.

ESCOLAS públicas terão apoio. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 7, 21 nov. 1995.

FESTA de abertura dos Jogos da Primavera no Batistão. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 15, 21 set. 1991.

INSTITUTO apreende carteiras falsas em poder de jovens. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 8, 26 ago. 1986.

JOGOS da Primavera. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 14, 5 maio 1979.

JOGOS da Primavera, a festa do estudante. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 14, 22 out. 1988.

JOGOS da Primavera: conquista de todos. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 12, 16 set. 1987.

JOGOS Escolares da Rede Pública iniciam no dia 15. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 13, 8 nov. 1990.

- JOGOS Estudantis. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 4, 22 set. 1990.
- JOGOS iniciam com grande apoteose. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 16, 20 a 21 set. 1987.
- JUVENTUDE faz os Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 1, 20 e 21 set. 1992.
- MAGNO Brasil acredita no Atheneu. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 24 e 25 out. 1982.
- MARATONA estudantil da Primavera é encerrada com festa no Vieirão. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 16, 5 nov. 1993.
- MENSAGEM do Governador. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 16 out. 1982.
- MENSAGEM do Governador. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 13, 15 set. 1990.
- "MORTO" elimina Murilo Braga dos Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 10, 26 set. 1986.
- PEREIRA, C. A. S. Jogos da Primavera - reflexão. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 12, 20 out. 1983.
- _____. Jogos da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 11 out. 1984.
- PRESIDENTE Vargas com força total para os Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 11, 30 ago. 1986.
- PRIMAVERA inicia com show e monumental desfile. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 20, 15 out. 1989.
- PRIMAVERA teve início festivo. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 18, 23 out. 1988.
- PROFESSORES não boicotam XII Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 12, 11 set. 1987.
- PUNIÇÃO. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 10, 14 out. 1983.
- RODRIGUES, C. Jogos da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 17, 23 out. 1988.
- SANTOS, J. Umas e outras. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 15, 20 set. 1991
- SEC quer voltar Jogos da Primavera. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 13, 15 e 16 abr. 1979.
- SECRETÁRIO destaca disciplina nos Jogos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 1 out. 1980.
- UNIFICADO, com raça, é o campeão da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 16, 25 out. 1989.
- UNIFICADO e Arqui perto do título da Primavera. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, p. 14, 1 nov. 1988.

UNIFICADO usa cambalacho nos Jogos da Primavera. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 10, 26 set. 1986.

UNIFICADO volta a fazer cambalacho. **Jornal da Manhã**, Aracaju, p. 12, 27 set. 1986.

VALADARES anuncia volta do futebol nos Jogos. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p.13, 5 maio 1979.

VALADARES cria Comissão dos IV Jogos da Primavera. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**, Aracaju, p. 10, 13 jul. 1979.

8 Entrevistas:

ALMEIDA, Lígia Menezes. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe. Professora das Redes Públicas Municipal (Aracaju) e Estadual, desde meados da década de 1980. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 17 de outubro de 2007.

BARRETO, Luiz Antônio. Pesquisador da história cultural de Sergipe e do folclore brasileiro. Emérito pesquisador da obra do filósofo sergipano Tobias Barreto. Jornalista da "Gazeta de Sergipe" ao longo da década de 1960. Foi Secretário de Educação do Município de Aracaju (1979-1981) e Secretário de Educação do Estado de Sergipe (1995-1999). Proprietário do "Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura". Entrevista concedida, na sede do Instituto, ao autor em 1 de novembro de 2007.

CAMILO, Maria Consuelo. Professora Primária formada pela Escola Normal de Sergipe. Qualificou-se em Educação Física em Curso Intensivo para Normalistas na ENEFD, no Rio de Janeiro. Lecionou Educação Física na rede pública estadual e particular de ensino de Sergipe, em toda a sua vida profissional. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 04 de outubro de 2002.

LIMA, Thaís Mansur da Costa. Licenciada em Educação Física pela Universidade de Volta Redonda (RJ). Professora das Redes Públicas Municipal (Aracaju) e Estadual, desde o final da década de 1970. Participou de algumas edições dos Jogos da Primavera como "treinadora". Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 19 de dezembro de 2007.

MONTE, Raimundo da Costa. Bacharel em Direito. Presidente da FAES na década de 1960. Fundador dos Jogos da Primavera e dos Jogos Universitários Sergipanos (1967). Membro da Comissão Organizadora de várias edições dos Jogos. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 8 de novembro de 2007.

PEREIRA, Cândido Augusto Sampaio. Professor de Educação Física pela ENEFD. Membro fundador do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Conselho Estadual de Educação na década de 1970. Entrevista concedida, em sua residência, a Marco Arlindo Amorim de Melo Nery em 22 de fevereiro de 2004.

_____. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 21 de novembro de 2007.

SANTOS, José Robson. Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da Rede Pública Estadual desde meados da década de 1980. Participou de algumas edições dos Jogos da Primavera como professor. Atualmente também leciona no

Curso de Educação Física-Licenciatura da Universidade Tiradentes. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 12 de dezembro de 2007.

SANTOS, Rosália Bispo. Professora Primária, formada pela Escola Normal de Sergipe. Qualificou-se em Educação Física em Curso Intensivo para Normalistas na ENEFD, no Rio de Janeiro. Lecionou Educação Física até 1955. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 03 de outubro de 2002.

SILVA, Margarida Maria Rodrigues da. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe. Professora da Rede Pública Estadual desde meados da década de 1980. Leciona na Escola Normal e é Orientadora pedagógica no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-SE). Entrevista concedida, em sua sala no CEFET-SE, ao autor em 05 de dezembro de 2007.

VIEIRA, Curt. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Sergipe. Diretor do Departamento de Educação da Secretaria de Educação e Cultura de Sergipe entre 1963 e 1967. Fundador dos Jogos da Primavera. Entrevista concedida, em seu escritório de advocacia, ao autor em 26 de novembro de 2007.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, I. **A metade arrancada de mim**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ALMEIDA, M. H. T.; WEIS, L. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 319-409.
- ALMEIDA, M. L. **Práticas esportivas em Aracaju no início do século XX: um estudo sobre a participação da mulher**. 2004. 74 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- ALMEIDA, M. J. A liturgia olímpica. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 79-108.
- ALTUVE, E. Surgimiento de la globalización deportiva. **Lecturas - Revista digital de educación física y deportes**, Buenos Aires, n. 86, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 30 out. 2005.
- ANTUNES, F. M. R. F. "**Com brasileiro, não há quem possa!**": futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- AZEVEDO, S. C. S. **Regime militar: entre tapas e beijos - uma análise das peças publicitárias na era Médici**. São Cristóvão: Editora Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2006.
- AZEVEDO, F. **Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser**. 3. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- BARROS, J. D. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BATALHA, C. H. M. Pra frente Brasil: o retorno do cinema político. In: SOARES, M. C.; FERREIRA, J. (Org.). **A História vai ao Cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 135-145.
- BATALHA, J. **As peripécias do esporte sergipano**. Aracaju: [s.n.], 2002.
- BELTRAMI, D. M. **A Educação Física no âmbito da política educacional no Brasil pós-64**. 1992. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BERCITO, S. D. R. Educação física e construção nacional (1932-1945). In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física brasileira**. Vitória: CEFD/UFES, 1996. p. 145-160.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de Sociologia do Conhecimento. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BOBBIO, N. **A teoria das formas de governo**. Tradução Sérgio Bath. 10. ed. Brasília: UNB, 2001.

BOCCARDO, L. M. **Representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva**: da segregação à democratização. 1998. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

BORGES, E. C.; BUONICORE, A. **Memória do esporte educacional brasileiro**: breve história dos Jogos Universitários e Escolares. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude; Brasília: Ministério do Esporte, 2007.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Tradução Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-163.

BOURG, J.-F.; GOUGUET, J.-J. **Economia do esporte**. Tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2005.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: CEFD/UFES, 1997.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, n. 12, p. XIV-XXIV, jul. 2000.

BRANCO, C. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R. P. (Org.). **Memória social dos esportes 2**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2006. p. 187-227.

BRITO, M. Z. B. **Em tempos de rebeldia e sombras**: o movimento estudantil universitário sergipano em descompasso com o regime autoritário (1964-1968). 1999. 126 f. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

BROHM, J.-M. 20 tesis sobre el deporte. In: _____ *et al.* **Materiales de sociologia del deporte**. Traducción Toñi Suaiz Rodríguez e José Ignacio Barbero. Madrid: Ediciones de la Piqueta, [198-]. p. 47-56.

_____. **Sociologia política del deporte**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da Mitologia**: a idade da fábula: histórias de deuses e heróis. Tradução David Jardim Júnior. 11. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa na historiografia. Tradução Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. Cultura, Tradição, Educação. In: GATTI JÚNIOR, D.; PINTASSILGO, J. (Org.). **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2007. p. 13-22.

CAMARGO, E. A. S. P. **A militância de Fernando de Azevedo na educação brasileira**: a educação física (1915). 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Tradução Maurício Santana Dias. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CANNADINE, D. Contexto, execução e significado do ritual: a monarquia britânica e a "invenção da tradição". In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 111-174.

CARDOSO, C. F.; MAUAD, A. M. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.

CARDOSO, I. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93-107, nov. 2005.

CARDOSO, M. **Os arquivos das Olimpíadas**. São Paulo: Panda Books, 2000.

CASTANHO, S. Questões teórico-metodológicas de História Cultural e Educação. In: LOMBARDI, J. C.; CASIMIRO, A. P. B. S.; MAGALHÃES, L. D. R. (Org.). **História, Cultura e Educação**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 137-168.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.

CASTRO JUNIOR, C. A. S. **Esporte e espetáculo**: as imagens dessa união nas escolas particulares de Aracaju/SE. 2005. 117 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

CAVALCANTI, K. B. **Esporte para todos**: um discurso ideológico. São Paulo: IBRASA, 1984.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. Introdução. In: _____ (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução Regina Thompson. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 17-29.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuel Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

CODATO, A. N.; OLIVEIRA, M. R. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 271-302, 2004.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Tradução Maria Manuela Rocha. 2. ed. Oeiras: Celta, 1999.

CORBISIER, R. **Raízes da violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

COSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

CRUZ, J. V. A juventude estudantil em Aracaju: trilhando seus primeiros passos. **Revista de Aracaju**, Aracaju, n. 10, p. 65-83, 2002.

CUNHA, L. A. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Niterói, UFF; Brasília, FLACSO do Brasil, 2001.

DANTAS, I. **A tutela militar em Sergipe**: 1964-1984. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS JUNIOR, H. S. **Estado, Educação e Hegemonia**: reflexos da Pedagogia Experimental na Educação Física em Sergipe (1947-1951). 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

_____. A pesquisa histórico-educacional e a construção dos princípios teórico-metodológicos: diálogos com as tradições do materialismo histórico. **Revista HISTEDBR On-Line**, Campinas, n. 23, p. 143-162, set. 2006. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>>. Acesso em: 03 out. 2006.

_____. Jogos da Primavera do estado de Sergipe: a esportivização entre a tradição e o espetáculo (1964-1967). **Revista Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-24, jul.-out. 2007. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espoc>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

_____. Rebeldia juvenil e cinema: uma tradição inventada no século do espetáculo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: Oikos; ANPUH, 2007. 1 CD-ROM.

_____. Educação Física na Educação Básica: a legalidade e a legitimidade da prática pedagógica. In: ARAÚJO, M. I. O.; OLIVEIRA, L. E. (Org.). **Desafios da formação de professores para o século XXI: o que deve ser ensinado? O que é aprendido?** São Cristóvão: Editora Universidade Federal de Sergipe, 2008. p. 102-115.

_____. A esportivização da educação física no século do espetáculo: reflexões historiográficas. **Revista HISTEDBR On-Line**, Campinas, n. 29, p. 215-232, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>>. Acesso em: 18 abr. 2008.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

ECHEVARRÍA, R. F. S. Enfoque dialéctico-materialista de la evolución del deporte olímpico en Cuba en la etapa revolucionaria 1960-2004. **Lecturas - Revista digital de educación física y deportes**, Buenos Aires, n. 90, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 9 out. 2006.

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: _____. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 187-221.

ELIODORIO, E. S. **As práticas corporais no tempo de lazer no processo de urbanização da cidade de Aracaju (1900-1920)**. 2004. 67 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

ERBACH, G. Cultura física e desporto na planificação social. In: ADAM, Y. *et al.* **Desporto e desenvolvimento humano**. Tradução Maria da Graça Sarmento. Lisboa: Seara Nova, 1977. p. 79-91.

FAJARDO, J. A. T. Superación de los conflictos de orden internacional por parte del Movimiento Olímpico de la era moderna a lo largo del siglo XX. **Lecturas - Revista digital de educación física y deportes**, Buenos Aires, n. 59, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 16 ago. 2006.

FARIA FILHO, L. M. Fazer História da Educação com E. P. Thompson: trajetórias de um aprendiz. In: _____ (Org.). **Pensadores sociais e História da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 239-256.

FAZENDA, I. C. A. **Educação no Brasil anos 60: o pacto do silêncio**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

FERREIRA NETO, A. **A formação política do professor de Educação Física**. 1989. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

FIGUEIREDO, A. **História política de Sergipe 5: 1962-1975**. Aracaju: [s.n.], [198-].

_____. **História política de Sergipe 6: 1975-1982**. Aracaju: [s.n.], 2000.

_____. **História política de Sergipe 7: 1982-1990**. Aracaju: [s.n.], 1996.

FREIRE, E. (Org.). **Cinform - História dos municípios sergipanos**. Aracaju: Globo Cochrane Gráfica, 2002.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutivo: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GABEIRA, F. **O que é isso, companheiro?** 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: _____; SILVA, T. T. (Org.). **Escola S. A.** Brasília: CNTE, 1996. p. 9-49.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil: 1964-1985**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOELLNER, S. V. O método francês e militarização da educação física na escola brasileira. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física brasileira**. Vitória: CEFD/UFES, 1996. p. 123-143.

GOMES, D. **Campeões do mundo: mural dramático em dois painéis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere 2**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.

_____. **Cadernos do cárcere 3**. Tradução Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b.

GRUNENVALDT, A. C. R. **Europa, Brasil e Sergipe**: desvendando as trilhas da educação física. 2005. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GRUNENVALDT, J. T. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos**: o projeto de uma época. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: o caso da Copa de 70. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

HABERT, N. **A década de 70**: apogeu e crise da ditadura militar brasileira. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas do cotidiano. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil 4**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 439-487.

HAUG, W. F. **Crítica da estética da mercadoria**. Tradução Erlon José Paschoal. São Paulo: UNESP, 1997.

HILDEBRANDT, R. Experiência: uma categoria central na teoria didática das aulas abertas. In: VALENTE, M. C. (Org.). **Pedagogia do movimento**: diferentes concepções. Maceió: EDUFAL, 1999. p. 17-29.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Sobre História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Introdução: a invenção das tradições. In: _____; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a. p. 9-23.

_____. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: _____; RANGER, T. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b. p. 271-316.

_____. **Nações e nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002c.

_____. **A era dos impérios**: 1875-1914. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

ISTO É. THE SUNDAY TIMES. **1000 maiores esportistas do século 20**. São Paulo: Três, 2000.

JAPPE, A. **Guy Debord**. Tradução Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. O reino da contemplação passiva. In: NOVAES, A. (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 254-275.

KAYE, H. J. **Los historiadores marxistas británicos**: un análisis introductorio. Traducción Maria Pilar Navarro Errasti. Zaragoza: Universidad; Prezas Universitarias, 1989.

KLEIN, A. J. **Contra-ataque**. Tradução Marilena Moraes e Iva Sofia Gonçalves Lima. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

LE BOULCH, J. **Rumo a uma ciência do movimento humano**. Tradução Jeni Wolff. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Suzana Borges e Bernardo Leit. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEHER, R. **Da ideologia do desenvolvimento à ideologia da globalização**: a educação como estratégia do Banco Mundial para "alívio" da pobreza. 1998. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEITE, I. A. **Eu te darei o céu**: e outras promessas dos anos 60. São Paulo: Editora 34, 2004.

LENHARO, A. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986.

LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. Introdução. In: _____ (Org.). **História dos Jovens 1**: da antiguidade à era moderna. Tradução Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-17.

LINHALES, M. A. **A trajetória política do esporte no Brasil**: interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. 288 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para a historiografia da educação física brasileira. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 93-110.

_____. **A escola, o esporte e a "energização do caráter"**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LÍRIO, A. P. S. **A natação nos clubes esportivos de Aracaju e seus pioneiros**: dos rios às piscinas. 2007. 92 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

LUBISCO, N. M. L. e VIEIRA, S. C. **Manual de estilo acadêmico**: monografias, dissertações e teses. 2. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2003.

LUCENA, R. F. **Quando a lei é a regra**: um estudo da legislação da educação física escolar brasileira. Vitória: CEFD/UFES, 1994.

LUZZATTO, S. Jovens rebeldes e revolucionários: 1789-1917. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Org.). **História dos Jovens 2**: a época contemporânea. Tradução Nilson Moulin, Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 195-258.

MACHADO, M. C. G. **Rui Barbosa**: pensamento e ação: uma análise do projeto modernizador para a sociedade brasileira com base na questão educacional. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

MALVANO, L. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Org.). **História dos Jovens 2**: a época contemporânea. Tradução Nilson Moulin, Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259-290.

MANHÃES, E. D. **Política de esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MARTINEZ, C. H. M. **Auguste Roger Listello**: uma contribuição para a Educação Física brasileira. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília.

MARX, K. **O Capital**. Livro 1, v. 1. Tradução Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas).

_____. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: _____. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Tradução Leandro Konder e Renato Guimarães. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-159.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MATOS, M. C. **O contexto da produção de um objeto geográfico na cidade do Rio de Janeiro e sua centralidade**: o estádio de São Januário. 2004. 75 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MATVÉEV, L. **Fundamentos del entrenamiento deportivo**. Traducción Elsa Cherniavski-Bogdan. Moscou: Editorial Raduga, 1983.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História oral**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2005.

MELINS, M. **Aracaju romântica que vi e vivi**. 3. ed. ampl. e rev. Aracaju: Unit, 2007.

MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil 4**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 559-658.

MELLO, T. **Os estatutos do homem**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MELO, A. C. P. **História e ficção**: na minissérie Anos Rebeldes. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

MELO, V. A. Educação física nas escolas brasileiras do século XIX: esporte ou ginástica? In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física 3**. Aracruz: FACHA, 1998. p. 48-68.

_____. Jogos Olímpicos e arte: Olympia. In: _____; PERES, F. F. (Org.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2005. p. 53-64.

_____. **Cinema & Esporte**: diálogos. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

_____. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, 2007.

_____; NASCIMENTO, M. A. **Repensando as "olimpíadas escolares"**: uma proposta. Rio de Janeiro: Edição dos Autores, 1995.

_____; PERES, F. F. (Org.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2005.

_____; ALVITO, M. (Org.). **Futebol por todo o mundo**: diálogos com o cinema. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MENDES, M. I. B. S. **Mens sana in corpore sano**: compreensões de corpo, saúde e educação. 2006. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MENEZES, J. A. S. **Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe**: uma possível história. 1997. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

MICHAUD, E. Soldados de uma idéia: os jovens sob o Terceiro Reich. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Org.). **História dos Jovens 2**: a época contemporânea. Tradução Nilson Moulin, Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 291-317.

MOURA, M. C. B. **Os mercadores, o templo e a filosofia**: Marx e a religiosidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira**: utopia e massificação (1950-1980). São Paulo; Contexto, 2001.

_____. Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS, D. A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R. P. S. (Org.). **O golpe e a ditadura militar**: 40 anos depois (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004. p. 203-216.

NASCIMENTO, C. C. **Inezil Penna Marinho**: o tempo de uma história. 1997. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, J. C. **Memórias do Aprendizado**: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió: Edições Catavento, 2004.

NERY, M. A. A. M. **Políticas educacionais em Educação Física na década de 1990**: uma análise do contexto sergipano. 2002. 81 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

NEVES, F. C. Armadilhas nordestinas: "O homem que virou suco". In: SOARES, M. C.; FERREIRA, J. (Org.). **A História vai ao Cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 87-96.

NOGUEIRA, M. P. **Universiade de 63**: reconstrução da memória através da perspectiva dos jornais. 2004. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NOVAES, A. (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

OLIVEIRA, F. F. **Contribuições de Pierre Bourdieu para a história do voleibol em Sergipe (1920-1930)**. 2006. 70 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da Educação Física brasileira**. Campinas: Papyrus, 1994.

OLIVEIRA, S. A. **A reinvenção do esporte**: possibilidades da prática pedagógica. 1999. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PAGNI, P. A. **Fernando de Azevedo**: educador do corpo. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PARTISANS. **Deporte, cultura y represión**. Traducción Alberto Szpunberg. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

PASSERINI, L. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Org.). **História dos Jovens 2**: a época contemporânea. Tradução Nilson Moulin, Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 319-382.

PAULA SILVA, M. C. **O esporte na prática pedagógica de educação física do Colégio Granbery**: uma compreensão histórica. 1998. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

PAULO NETTO, J. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Org.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas: Autores Associados, 1998. p. 50-64.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PORTER, R. História do corpo. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 291-326.

REIS, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: _____. RIDENTI, M.; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 29-52.

RIBEIRO, J. A política dos costumes. In: NOVAES, A. (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 128-143.

RIBEIRO, S. D. D. **Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo: tecendo os fios da história de um “casamento feliz”**. 2005. 304 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Curso de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RIDENTE, M. **Em busca do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RIGO, L. C. **A pseudoconcreticidade da esportivização escolar ou ... a educação física fora de forma**. 1992. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Curso de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Santa Maria, Santa Maria.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil: 1930/1973**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SADER, E. **Século XX – uma biografia não autorizada: o século do imperialismo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANFELICE, J. L. A problemática do público e do privado na história da educação no Brasil. In: LOMBARDI, J. C.; JACOMELI, M. R. M.; SILVA, T. M. T. (Org.). **O público e o privado na história da educação brasileira: concepções e práticas educativas**. Campinas: Autores Associados; Americana: UNISAL, 2005. p. 177-185.

SANTANA, A. J.; RIBEIRO, S. D. D. As influências mercadológicas num determinado fenômeno esportivo - basquetebol - alterando sua forma e conteúdo, na realidade escolar sergipana. **Caderno do Estudante**, São Cristóvão, v. 3, p. 83-96, 2003.

SANTOS, J. A. **Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)**. 2000. 274 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, J. T. V. **Os primeiros passos do basquetebol em Sergipe: o que dizem os jornais?** 2004. 38 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS, O. **Memórias de políticos de Sergipe no século XX**. Organização Afonso Nascimento. Aracaju: J. Andrade, 2002.

SANTOS, R. C. **Jogos da Primavera na década de 80: o que dizem os jornais sergipanos**. 2004. 60 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS, R. C. F. A. **Teoria e prática na educação física: o que se (re)produz na educação física em Sergipe (1998-2003)**. 2003. 85 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS NETO, J. M. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

_____. É possível uma História da Educação latino-americana? In: _____ (Org.). **Para uma História da Educação latino-americana**. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 1-16.

_____. **Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino**. 4. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. O legado educacional do "longo século XX" brasileiro. In: _____ *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 9-57.

SCHMOLINSKY, G. **Atletismo**. Tradução Manuel Ruas. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

SÉRGIO, M. **Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?** 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. **Algumas teses sobre o desporto**. 2. ed. Lisboa: Compendium, 2003.

SÉRGIO, R. **Maracanã: 50 anos de glória**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, F. C. T. Futebol e política: Pra frente Brasil. In: MELO, V. A.; PERES, F. F. (Org.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2005. p. 21-30.

SILVEIRA, G. C. F.; PINTO, J. F. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 137-150, maio 2001.

SIMPLÍCIO, K. B. **Conteúdos da Educação Física: o que priorizaram os professores de Educação Física nas décadas de 70 e 80, no Colégio Atheneu Sergipense**. 2002. 72 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Tiradentes, Aracaju.

SIRKIS, A. **Os carbonários**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SITTON, T.; MEHAFFY, G. L. e DAVIS JUNIOR, O. L. **História oral: um guia para profesores (y otras personas)**. Cidade do México: Fondo de Cultura Economica, 1995.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Prefácio. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M.A. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. ix-xiv.

SOARES, M. C.; FERREIRA, J. (Org.). **A História vai ao Cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, R. F. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos CEDES**, Campinas, n. 52, p. 14-24, nov. 2000.

_____. Lições da escola primária. In: _____ *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 109-161.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003a.

_____. Práticas pedagógicas da Educação Física nos tempos e espaços escolares: a corporalidade como termo ausente? In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (Org.). **A Educação**

Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Prosul, 2003b. p. 155-177.

_____. Sobre a experiência e a história: a busca pela consolidação acadêmica da Educação Física brasileira. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 27-44.

TAFFAREL, C. N. Z. **A formação do profissional da Educação:** o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no Curso de Educação Física. 1993. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Desporto educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. **Movimento**, Porto Alegre, n. 13, p. xv-xxxv, dez. 2000.

_____. Educação física e esporte escolar: construindo referências para a política pública. In: SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE ESCOLAR: construindo referências para a política pública, II, 2007, Salvador: [s.n.], 2007. mimeo.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Senhores e caçadores:** a origem da lei negra. Tradução Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Organização Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: UNICAMP, 2001.

_____. **Os românticos:** a Inglaterra na era revolucionária. Tradução Sérgio Moraes Rego Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **A formação da classe operária inglesa 1:** A árvore da liberdade. Tradução Denise Bottmann. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Costumes em comum.** Tradução Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

THOMPSON, P. **A voz do passado:** história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOURTIER-BONAZZI, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 233-245.

UNIVERSIDADE Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Linha de Estudo e Pesquisa Educação Física, Esporte e Lazer. **Relatório Avaliativo dos Jogos Escolares da Bahia**, novembro de 2007. mimeo. Apresentação Celi Nelza Zulke Taffarel.

_____. _____. _____. **Proposta preliminar para os Jogos Escolares da Bahia 2008:** jogos construídos pela base, novembro de 2007. mimeo. Apresentação Celi Nelza Zulke Taffarel.

VAGO, T. M. **Cultura escolar, cultivo de corpos:** educação física e ginástica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. A Educação Física na cultura escolar: discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa. In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (Org.). **A Educação Física no Brasil e na Argentina:** identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Prosul, 2003. p. 197-221.

VAINFAS, R. História das Mentalidades e História Cultural. In: _____ ; CARDOSO, C. F. (Org.). **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.

VALENTE, E. F. **Esporte para Todos:** a desescolarização da Educação Física e do Esporte e o universalismo olímpico. 1996. 186 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia e circunstâncias.** Tradução Luiz Cavalcanti de M. Guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VENTURA, Z. **1968:** o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VERONEZ, L. F. C. **Quando o Estado joga a favor do privado:** as políticas de esporte após a Constituição Federal de 1988. 2005. 386 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-graduação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestionares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura.** Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOOD, E. M. **Democracia contra capitalismo:** a renovação do materialismo histórico. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Jogos da Primavera pelo Brasil (relação de fontes digitais na World Wide Web)

1.1. BAHIA:

- "*Jogos Olímpicos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas.
 - Disponível em: <http://ibahia.globo.com/plantao/noticia>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Itabuna e Associação dos Professores de Educação Física (APEF/Itabuna);
 - Disponível em: <http://www.censocultural.ba.gov.br>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Jeremoabo;
 - Disponível em: <http://www.jeremoabo.com.br/noticias>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Colégio Estadual "Antônio Carlos Magalhães" - Município de Ibirataia;
 - Disponível em: <http://www.censocultural.ba.gov.br>

1.2. ESPÍRITO SANTO:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Centro Educacional Leonardo da Vinci (Vitória-ES)
 - Disponível em: <http://www.davinci.g12.br>

1.3. GOIÁS:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Anápolis;
 - Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/noticias>

1.4. MATO GROSSO DO SUL:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Aquidauana;
 - Disponível em: <http://www.aquidauananews.com/index>

1.5. MINAS GERAIS:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Montes Claros;
 - Disponível em: <http://www.montesclaros.mg.gov.br/news/jornalonline>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Universidade Federal de Itajubá;
 - Disponível em: <http://www.unifei.edu.br/jornal>

1.6. PARÁ:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Colégio Jardim França (Tucuruí-PA);
 - Disponível em: <http://www.colegiojardimfranca.com.br>

1.7. PARAÍBA:

- "*Jogos Escolares Municipais da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de João Pessoa;
 - Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias>

1.8. PARANÁ:

- "*Jogos Estudantis da Primavera de Ponta Grossa*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e Universidade Estadual de Ponta Grossa;
 - Disponível em: <http://www.uepg.br/primavera>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: União dos Gakusseis de Curitiba;
 - Disponível em: <http://www.ugc.org.br/jogos>
- "*Jogos da Primavera do Paraná Clube*"
 - Organização: Paraná Clube;
 - Disponível em: <http://www.paranaclube.com.br/jogodaprimavera>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Colégio Bom Jesus da Aldeia (Curitiba-PR);
 - Disponível em: <http://www.bomjesus.br/aldeia>

1.9. RIO GRANDE DO SUL:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Uruguaiana;
 - Disponível em: <http://www.uruguaiana.rs.gov.br>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Horizontina;
 - Disponível em: <http://ww3.banrisul.com.br/prefeitu.nsf>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Colégio Unificado (Porto Alegre-RS);
 - Disponível em: <http://www.unificado.com.br>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Colégio Marista Champagnat (Porto Alegre-RS);
 - Disponível em: <http://www.maristas.org.br/colegios>

1.10. SANTA CATARINA:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Blumenau;
 - Disponível em: <http://www.turismoblumenau.com.br/bra/internas>

1.11. SÃO PAULO:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Campos do Jordão;
 - Disponível em: <http://www.camposonline.com.br/calendario>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Sub-Prefeituras da Casa Verde e Cachoeirinha (São Paulo-SP);
 - Disponível em: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/noticias/sec/esportes>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto;
 - Disponível em: <http://www.jogodaprimavera.com.br>

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Araraquara;
 - Disponível em: <http://www.araraquara.sp.gov.br/visualizar.asp>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Diadema;
 - Disponível em: <http://www.diadema.sp.gov.br/csp>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Pompéia;
 - Disponível em: <http://www.pompeia.sp.gov.br/>
- "*Jogos da Primavera de Karatê*"
 - Organização: Prefeitura Municipal de Barretos;
 - Disponível em: <http://www.karatebarretos.com.br/eventosepromocoas>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Escola Comunitária de Campinas;
 - Disponível em: http://www.ecc.br/galeria/img_jogosp
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Colégio Pio XII (São Paulo-SP);
 - Disponível em: <http://pioxiicolegio.locaweb.com.br/apm.asp>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Colégio Marista (Ribeirão Preto-SP);
 - Disponível em: <http://www.marista.prg.br/index>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Colégio UNITAU (Taubaté-SP);
 - Disponível em: http://www.unitau.br/colégio_unitau
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Instituto Mairiporã Thomas Cruz; Faculdades Mairiporã;
 - Disponível em: http://www.im.br/eventos/jogos_da_primavera
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Clube da Terceira Idade de Atibaia;
 - Disponível em: <http://www.atibaia.com.br/clube3i>
- "*Jogos da Primavera de Xadrez*"
 - Organização: Clube de Xadrez de Mairiporã;
 - Disponível em: <http://www.clubedexadrez.com.br/portal>
- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Associação dos Profissionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Pindamonhangaba;
 - Disponível em: <http://www.pindavale.com.br/apeaap>
- "*Jogos da Primavera do Sesi*"
 - Organização: Serviço Social da Indústria (São Paulo-SP);
 - Disponível em: <http://www.sesisp.org.br>

1.12. SERGIPE:

- "*Jogos da Primavera*"
 - Organização: Governo do Estado de Sergipe;
 - Disponível em: <http://www.seed.se.gov.br>

APÊNDICE B - Estabelecimentos educacionais participantes das Edições dos Jogos da Primavera de Sergipe e dos Jogos Estudantis Sergipanos*

I Jogos da Primavera (1964):

1. Colégio Agrícola Benjamin Constant (São Cristóvão);
2. Colégio Estadual de Sergipe;
3. Colégio Senhor do Bomfim;
4. Colégio Tiradentes;
5. Colégio Tobias Barreto;
6. Escola de Química;
7. Escola de Serviço Social;
8. Escola Técnica de Comércio;
9. Faculdade de Ciências Econômicas;
10. Faculdade de Filosofia;
11. Faculdade de Medicina;
12. Ginásio Pio X;
13. Ginásio Presidente Vargas;
14. Ginásio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
15. Ginásio Simeão Sobral;
16. Ginásio Walter Franco;
17. Instituto Educacional Ruy Barbosa;

II Jogos da Primavera (1965):

1. Colégio Agrícola Benjamin Constant (São Cristóvão);
2. Colégio Dom José Thomaz;
3. Colégio Estadual de Sergipe;
4. Colégio Jackson de Figueiredo;
5. Colégio Tiradentes;
6. Colégio Tobias Barreto;
7. Escola de Química;
8. Escola de Serviço Social;
9. Escola Técnica de Comércio;
10. Faculdade de Ciências Econômicas;
11. Faculdade de Direito;
12. Faculdade de Filosofia;
13. Faculdade de Medicina;
14. Ginásio Pio X;
15. Ginásio Presidente Vargas;
16. Ginásio Simeão Sobral;
17. Ginásio Walter Franco;
18. Instituto Educacional Ruy Barbosa;

III Jogos da Primavera (1966):

1. Colégio Agrícola Benjamin Constant (São Cristóvão);
2. Colégio Estadual de Sergipe;

* As escolas relacionadas localizam-se no município de Aracaju, capital do estado de Sergipe. Os nomes colocados em parênteses, após os nomes de algumas escolas, aludem ao seu município de origem, localizados no interior do estado.

3. Colégio Senhor do Bomfim;
4. Colégio Tobias Barreto;
5. Escola de Química;
6. Escola de Serviço Social;
7. Escola Industrial;
8. Escola Técnica de Comércio;
9. Faculdade de Ciências Econômicas;
10. Faculdade de Direito;
11. Faculdade de Filosofia;
12. Faculdade de Medicina;
13. Ginásio Presidente Vargas;
14. Ginásio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
15. Ginásio Simeão Sobral;
16. Ginásio Walter Franco;
17. Instituto Educacional Ruy Barbosa;

IV Jogos da Primavera (1967):

1. Colégio Agrícola Benjamin Constant (São Cristóvão);
2. Colégio Estadual de Sergipe;
3. Colégio Tobias Barreto;
4. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
5. Ginásio Pio X;
6. Ginásio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
7. Ginásio Simeão Sobral;
8. Ginásio Walter Franco;
9. Instituto Educacional Ruy Barbosa;
10. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;

I Jogos Estudantis Sergipanos (1970):

1. Centro Educacional Nossa Senhora da Salette (Lagarto);
2. Colégio Agrícola Benjamin Constant (São Cristóvão);
3. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
4. Colégio de Aplicação;
5. Colégio do Salvador;
6. Colégio Dom José Thomaz;
7. Colégio Estadual de Sergipe;
8. Colégio Jackson de Figueiredo;
9. Colégio Nossa Senhora de Lourdes;
10. Colégio Patrocínio de São José;
11. Colégio Pio X;
12. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
13. Colégio Senhor do Bomfim;
14. Colégio Tiradentes;
15. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
16. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
17. Escola de 1º Grau Presidente Costa e Silva;
18. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
19. Escola Técnica Federal de Sergipe;

20. Ginásio do Serviço Social da Indústria - SESI;
21. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
22. Ginásio Simeão Sobral;
23. Ginásio Walter Franco;
24. Instituto Educacional Ruy Barbosa;

II Jogos Estudantis Sergipanos (1971):

1. Centro Educacional Nossa Senhora da Salete (Lagarto);
2. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
3. Colégio de Aplicação;
4. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
5. Colégio Jackson de Figueiredo;
6. Colégio Nossa Senhora de Lourdes;
7. Colégio Patrocínio de São José;
8. Colégio Pio X;
9. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
10. Colégio Senhor do Bomfim;
11. Escola de 1º Grau Murilo Braga (Itabaiana);
12. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
13. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
14. Escola de 1º Grau Presidente Costa e Silva;
15. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
16. Ginásio da Escola Normal Nossa Senhora da Piedade (Lagarto);
17. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
18. Ginásio Simeão Sobral;
19. Ginásio Walter Franco;
20. Instituto Educacional Ruy Barbosa;

III Jogos Estudantis Sergipanos (1972):

1. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
2. Colégio de Aplicação;
3. Colégio do Salvador;
4. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
5. Colégio Jackson de Figueiredo;
6. Colégio Patrocínio de São José;
7. Colégio Pio X;
8. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
9. Colégio Senhor do Bomfim;
10. Colégio Tiradentes;
11. Escola de 1º Grau Murilo Braga (Itabaiana);
12. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
13. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
14. Escola de 1º Grau Presidente Costa e Silva;
15. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
16. Escola Técnica Federal de Sergipe;
17. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
18. Ginásio Simeão Sobral;
19. Ginásio Walter Franco;

20. Instituto Educacional Ruy Barbosa;
21. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC;
22. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;

IV Jogos Estudantis Sergipanos (1973):

1. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
2. Colégio de Aplicação;
3. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
4. Colégio Jackson de Figueiredo;
5. Colégio Patrocínio de São José;
6. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
7. Colégio Senhor do Bomfim;
8. Complexo de Ensino Leandro Maciel;
9. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
10. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
11. Escola de 1º Grau Presidente Costa e Silva;
12. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
13. Escola Técnica Federal de Sergipe;
14. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
15. Ginásio Walter Franco;
16. Instituto Educacional Ruy Barbosa;
17. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;

V Jogos Estudantis Sergipanos (1974):

1. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
2. Colégio de Aplicação;
3. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
4. Colégio Jackson de Figueiredo;
5. Colégio Lourenço Filho;
6. Colégio Patrocínio de São José;
7. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
8. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
9. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
10. Escola de 1º Grau Presidente Costa e Silva;
11. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
12. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
13. Escola Técnica Federal de Sergipe;
14. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
15. Instituto Educacional Ruy Barbosa;

VI Jogos Estudantis Sergipanos (1975):

1. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
2. Colégio de Aplicação;
3. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
4. Colégio GCM;
5. Colégio Jackson de Figueiredo;
6. Colégio Patrocínio de São José;

7. Colégio Pio X;
8. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
9. Colégio Senhor do Bomfim;
10. Colégio Tiradentes;
11. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
12. Escola de 1º Grau Murilo Braga (Itabaiana);
13. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
14. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
15. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
16. Escola de 1º Grau Presidente Costa e Silva;
17. Escola de 1º Grau Prof. Almeida Junior;
18. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
19. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
20. Escola Integrada de 1º Grau John Kennedy;
21. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
22. Instituto Educacional Ruy Barbosa;
23. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;

VII Jogos Estudantis Sergipanos (1976):

1. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
2. Colégio de Aplicação;
3. Colégio Dom José Thomaz;
4. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
5. Colégio Patrocínio de São José;
6. Colégio Pio X;
7. Colégio Prof.^a Possidônia Bragança (Laranjeiras);
8. Colégio Professor Dondal (Nossa Senhora do Socorro);
9. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
10. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
11. Escola de 1º Grau 15 de Outubro
12. Escola de 1º Grau 17 de Março;
13. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
14. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
15. Escola de 1º Grau General Valadão;
16. Escola de 1º Grau Murilo Braga (Itabaiana);
17. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
18. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
19. Escola de 1º Grau Presidente Costa e Silva;
20. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
21. Escola de 1º Grau Prof. Almeida Junior;
22. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
23. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
24. Escola Integrada de 1º Grau John Kennedy;
25. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
26. Instituto Educacional Ruy Barbosa;
27. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;

VIII Jogos Estudantis Sergipanos (1977):

1. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
2. Colégio de Aplicação;
3. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
4. Colégio GCM;
5. Colégio Pio X;
6. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
7. Educandário Nossa Senhora Menina;
8. Educandário Roberto Simonsen - SESI;
9. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
10. Escola de 1º Grau 15 de Outubro
11. Escola de 1º Grau 17 de Março;
12. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
13. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
14. Escola de 1º Grau General Siqueira;
15. Escola de 1º Grau General Valadão;
16. Escola de 1º Grau Governador Lourival Baptista;
17. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
18. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
19. Escola de 1º Grau Murilo Braga (Itabaiana);
20. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
21. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
22. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
23. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
24. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
25. Escola Integrada de 1º Grau John Kennedy;
26. Ginásio Estadual Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
27. Ginásio Municipal Presidente Vargas,
28. Instituto Educacional Ruy Barbosa;

IX Jogos Estudantis Sergipanos (1978):

1. Centro Educacional Presidente Vargas;
2. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
3. Colégio de Aplicação;
4. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
5. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
6. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
7. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
8. Colégio GCM;
9. Colégio Integrado Tobias Barreto;
10. Colégio Pio X;
11. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
12. Educandário Nossa Senhora Menina;
13. Educandário Roberto Simonsen - SESI;
14. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
15. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
16. Escola de 1º Grau 17 de Março;
17. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
18. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
19. Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz;

20. Escola de 1º Grau General Siqueira;
21. Escola de 1º Grau General Valadão;
22. Escola de 1º Grau Governador Lourival Baptista;
23. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
24. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
25. Escola de 1º Grau Monteiro Lobato;
26. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
27. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
28. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
29. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
30. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
31. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
32. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
33. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
34. Escola Integrada de 1º Grau John Kennedy;
35. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
36. Grupo Escolar General Siqueira;
37. Instituto de Educação Ruy Barbosa;

IV Jogos da Primavera (1979):

1. Centro Educacional Presidente Vargas;
2. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
3. Colégio de Aplicação;
4. Colégio de Ciências Puras e Aplicada - CCPA;
5. Colégio Dinâmico;
6. Colégio Dom José Thomaz;
 - a. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
7. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
8. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
9. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
10. Colégio Integrado GCM;
11. Colégio Integrado Tobias Barreto;
12. Colégio Integrado Visão;
13. Colégio Patrocínio de São José;
14. Colégio Pio X;
15. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
16. Colégio Tiradentes;
17. Educandário Nossa Senhora Menina;
18. Educandário Roberto Simonsen;
19. Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (São Cristóvão);
20. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
21. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
22. Escola de 1º Grau 17 de Março;
23. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
24. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
25. Escola de 1º Grau Alfredo Montes (Nossa Senhora do Socorro);
26. Escola de 1º Grau Bilac Pinto;
27. Escola de 1º Grau Cícero Bezerra;
28. Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz;

29. Escola de 1º Grau General Freitas Brandão;
30. Escola de 1º Grau General Valadão;
31. Escola de 1º Grau Ivo do Prado;
32. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
33. Escola de 1º Grau José da Silva Ribeiro Filho;
34. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
35. Escola de 1º Grau Lourival Fontes;
36. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
37. Escola de 1º Grau Padre Gaspar Lourenço (São Cristóvão);
38. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
39. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
40. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
41. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
42. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
43. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
44. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
45. Escola Integrada de 1º Grau John Kennedy;
46. Escola Nobre de Sergipe;
47. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
48. Grupo Escolar General Siqueira;
49. Grupo Escolar Prof. Artur Fortes;
50. Grupo Escolar Ruy Elói;
51. Instituto de Educação Ruy Barbosa;
52. Instituto Sagrado Coração de Jesus;
53. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;

V Jogos da Primavera (1980):

1. Centro Educacional Presidente Vargas;
2. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
3. Colégio de Aplicação;
4. Colégio de Ciências Puras e Aplicada - CCPA;
5. Colégio Dinâmico;
6. Colégio Dom José Thomaz;
7. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
8. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
9. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
10. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
11. Colégio Integrado GCM;
12. Colégio Integrado Tobias Barreto;
13. Colégio Integrado Visão;
14. Colégio Patrocínio de São José;
15. Colégio Pio X;
16. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
17. Colégio Tiradentes;
18. Educandário Roberto Simonsen;
19. Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (São Cristóvão);
20. Escola de 1º e 2º Graus Carvalho Neto;
21. Escola de 1º e 2º Graus Joana de Freitas Barbosa (Propriá);
22. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;

23. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
24. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
25. Escola de 1º Grau 17 de Março;
26. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
27. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
28. Escola de 1º Grau Alfredo Montes (Nossa Senhora do Socorro);
29. Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz;
30. Escola de 1º Grau General Valadão;
31. Escola de 1º Grau Gumercindo Bessa (Estância);
32. Escola de 1º Grau Ivo do Prado;
33. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
34. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
35. Escola de 1º Grau Lourival Fontes;
36. Escola de 1º Grau Marechal Henrique Teixeira Lott;
37. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
38. Escola de 1º Grau Olímpia Bittencourt;
39. Escola de 1º Grau Padre Gaspar Lourenço (São Cristóvão);
40. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
41. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
42. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
43. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
44. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
45. Escola de 1º Grau Santa Rita de Cássia;
46. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
47. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
48. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
49. Escola de 1º Grau Walter Franco;
50. Escola de Integrada de 1º Grau John Kennedy;
51. Escola Nobre de Sergipe;
52. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
53. Instituto de Educação Ruy Barbosa;
54. Instituto Sagrado Coração de Jesus;
55. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;

VI Jogos da Primavera (1981):

1. Centro Educacional Presidente Vargas;
2. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
3. Colégio de Aplicação;
4. Colégio de Ciências Puras e Aplicada - CCPA;
5. Colégio Dinâmico;
6. Colégio Dom José Thomaz;
7. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
8. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
9. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
10. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
11. Colégio Integrado GCM;
12. Colégio Integrado Tobias Barreto;
13. Colégio Integrado Visão;
14. Colégio Patrocínio de São José;

15. Colégio Pio X;
16. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
17. Colégio Tiradentes;
18. Educandário Nossa Senhora Menina;
19. Educandário Roberto Simonsen;
20. Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (São Cristóvão);
21. Escola Cenecista Arnaldo Dantas (Barra dos Coqueiros);
22. Escola de 1º e 2º Graus Carvalho Neto;
23. Escola de 1º e 2º Graus Francisco Rosa;
24. Escola de 1º e 2º Graus Joana de Freitas Barbosa (Propriá);
25. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
26. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
27. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
28. Escola de 1º Grau 17 de Março;
29. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
30. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
31. Escola de 1º Grau Alfredo Montes;
32. Escola de 1º Grau Dr. Francisco Leite (Riachuelo);
33. Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz;
34. Escola de 1º Grau General Freitas Brandão;
35. Escola de 1º Grau General Valadão;
36. Escola de 1º Grau Gumercindo Bessa (Estância);
37. Escola de 1º Grau Ivo do Prado;
38. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
39. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
40. Escola de 1º Grau Lourival Fontes;
41. Escola de 1º Grau Marechal Henrique Teixeira Lott;
42. Escola de 1º Grau Milton Dortas (Simão Dias);
43. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
44. Escola de 1º Grau Olímpia Bittencourt;
45. Escola de 1º Grau Padre Gaspar Lourenço (São Cristóvão);
46. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
47. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
48. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
49. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
50. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
51. Escola de 1º Grau Prof.^a Arabela Ribeiro (Estância);
52. Escola de 1º Grau Santa Rita de Cássia;
53. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
54. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
55. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
56. Escola de 1º Grau Walter Franco;
57. Escola Integrada de 1º Grau John Kennedy;
58. Escola Nobre de Sergipe;
59. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
60. Instituto de Educação Ruy Barbosa;
61. Instituto Sagrado Coração de Jesus;
62. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;
63. Serviço Social da Indústria - SESI;

VII Jogos da Primavera (1982):

1. Centro Educacional Presidente Vargas;
2. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
3. Colégio Brasília;
4. Colégio Cenecista Laudelino Freire (Lagarto);
5. Colégio de Aplicação;
6. Colégio de Ciências Puras e Aplicada - CCPA;
7. Colégio Dinâmico;
8. Colégio do Salvador;
9. Colégio Dom José Thomaz;
10. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
11. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
12. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
13. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
14. Colégio Integrado GCM;
15. Colégio Integrado Visão;
16. Colégio Pio X;
17. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
18. Colégio Santa Terezinha (Boquim);
19. Colégio Veja;
20. Escola Cenecista Arnaldo Dantas (Barra dos Coqueiros);
21. Escola de 1º e 2º Graus Francisco Rosa;
22. Escola de 1º e 2º Graus Gonçalo Rollemberg Leite;
23. Escola de 1º e 2º Graus Leandro Maciel;
24. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
25. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
26. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
27. Escola de 1º Grau 17 de Março;
28. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
29. Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz;
30. Escola de 1º Grau General Freitas Brandão;
31. Escola de 1º Grau General Valadão;
32. Escola de 1º Grau Ivo do Prado;
33. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
34. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
35. Escola de 1º Grau José Augusto Ferraz;
36. Escola de 1º Grau José de Alencar Cardoso;
37. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
38. Escola de 1º Grau Marechal Henrique Teixeira Lott;
39. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
40. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
41. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
42. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
43. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
44. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
45. Escola de 1º Grau Santa Rita de Cássia;
46. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
47. Escola de Integrada de 1º Grau John Kennedy;
48. Escola Nobre de Sergipe;

49. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
50. Fundação Estadual de Bem-estar do Menor - FEBEM;
51. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
52. Instituto de Educação Ruy Barbosa;
53. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;

VIII Jogos da Primavera (1983):

1. Centro Educacional Presidente Vargas;
2. Colégio Americano Batista;
3. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
4. Colégio Brasília;
5. Colégio Cenecista Cônego José Antônio Leal Madeira (Frei Paulo);
6. Colégio Cenecista Laudelino Freire (Lagarto);
7. Colégio de Aplicação;
8. Colégio de Ciências Puras e Aplicada - CCPA;
9. Colégio Dinâmico;
10. Colégio do Salvador;
11. Colégio Dom José Thomaz;
12. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
13. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
14. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
15. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
16. Colégio Integrado GCM;
17. Colégio Integrado Tobias Barreto;
18. Colégio Integrado Visão;
19. Colégio Patrocínio de São José;
20. Colégio Pio X;
21. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
22. Colégio Veja;
23. Educandário Nossa Senhora Menina;
24. Educandário Roberto Simonsen;
25. Escola Cenecista Arnaldo Dantas (Barra dos Coqueiros);
26. Escola de 1º e 2º Graus Francisco Rosa;
27. Escola de 1º e 2º Graus Leandro Maciel;
28. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
29. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Abelardo Romero Dantas (Lagarto);
30. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
31. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
32. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
33. Escola de 1º Grau 17 de Março;
34. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
35. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
36. Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz;
37. Escola de 1º Grau General Freitas Brandão;
38. Escola de 1º Grau General Siqueira;
39. Escola de 1º Grau General Valadão;
40. Escola de 1º Grau Governador Augusto Franco;
41. Escola de 1º Grau Ivo do Prado;
42. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);

43. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
44. Escola de 1º Grau José Augusto Ferraz;
45. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
46. Escola de 1º Grau Lourival Fontes;
47. Escola de 1º Grau Marechal Henrique Teixeira Lott;
48. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
49. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
50. Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte (São Cristóvão);
51. Escola de 1º Grau Presidente Castelo Branco;
52. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
53. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
54. Escola de 1º Grau Prof. Arício fortes;
55. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
56. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
57. Escola de 1º Grau Santa Rita de Cássia;
58. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
59. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
60. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
61. Escola de 1º Grau Valnir Chagas;
62. Escola de Integrada de 1º Grau John Kennedy;
63. Escola Nobre de Sergipe;
64. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
65. Fundação Estadual do Bem-estar do Menor (FEBEM);
66. Ginásio da Escola Normal Nossa Senhora da Piedade (Lagarto);
67. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
68. Instituto de Educação Ruy Barbosa;
69. Unificado Curso e Colégio;

IX Jogos da Primavera (1984):

1. Centro de Assistência Social São Judas Tadeu;
2. Centro Educacional General Freitas Brandão;
3. Centro Educacional Nossa Senhora da Salete (Lagarto);
4. Centro Educacional Presidente Vargas,
5. Clube Escolar 17 de Março;
6. Clube Escolar Governador Augusto Franco;
7. Clube Escolar José Rollemberg Leite;
8. Clube Escolar Olavo Bilac;
9. Clube Escolar Presidente Castelo Branco;
10. Clube Escolar Presidente Costa e Silva;
11. Clube Escolar Prof. Acrísio Cruz;
12. Clube Escolar Prof. Arício Fortes;
13. Clube Escolar Ruy Barbosa;
14. Clube Escolar Santos Dumont;
15. Colégio Americano Batista;
16. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
17. Colégio Brasília;
18. Colégio Cenecista Cônego José Antônio Leal Madeira (Frei Paulo);
19. Colégio Cenecista Laudelino Freire (Lagarto);
20. Colégio de Aplicação;

21. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
22. Colégio Dinâmico;
23. Colégio do Salvador;
24. Colégio Dom José Thomaz;
25. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
26. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
27. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
28. Colégio Objetivo;
29. Colégio Patrocínio de São José;
30. Colégio Pio X;
31. Colégio Pueri Pax;
32. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
33. Colégio Tiradentes;
34. Colégio Unificado;
35. Colégio Veja;
36. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Francisco Rosa;
37. Escola de 1º e 2º Graus Gonçalo Rollemberg Leite;
38. Escola de 1º e 2º Graus Leandro Maciel;
39. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
40. Escola de 1º e 2º Graus Padre Gaspar Lourenço (São Cristóvão);
41. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Abelardo Romero Dantas (Lagarto);
42. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
43. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
44. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
45. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
46. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
47. Escola de 1º Grau Alcides Pereira (Maruim);
48. Escola de 1º Grau Dr. Manuel Luiz;
49. Escola de 1º Grau Fernando Azevedo (Nossa Senhora das Dores);
50. Escola de 1º Grau Florentino Menezes;
51. Escola de 1º Grau General Valadão;
52. Escola de 1º Grau Ivo do Prado;
53. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
54. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
55. Escola de 1º Grau José Augusto Ferraz;
56. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
57. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
58. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
59. Escola de 1º Grau Prof. Gentil Tavares da Mota (Itabaiana);
60. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
61. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
62. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
63. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
64. Escola Nobre de Sergipe;
65. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
66. Fundação Estadual de Bem-estar do Menor - FEBEM;
67. Ginásio da Escola Normal Nossa Senhora da Piedade (Lagarto);
68. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
69. Instituto Lourival Fontes;
70. Unidade Integrada do Ensino de 1º Grau Roberto Simonsen - SESI;

71. Visão - Colégio Integrado;

X Jogos da Primavera (1985):

1. Associação de Ensino e Cultura Pio X;
2. Centro de Assistência Social São Judas Tadeu - Colégio Santa Rita de Cássia;
3. Centro Educacional General Freitas Brandão;
4. Centro Educacional Nossa Senhora da Salete (Lagarto);
5. Centro Educacional Presidente Vargas,
6. Colégio Americano Batista;
7. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
8. Colégio Brasília;
9. Colégio Cenecista Cônego José Antônio Leal Madeira (Frei Paulo);
10. Colégio Cenecista Laudelino Freire (Lagarto);
11. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
12. Colégio Dinâmico;
13. Colégio do Salvador;
14. Colégio Dom Bosco (Itabaiana);
15. Colégio Dom José Thomaz;
16. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
17. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
18. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
19. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
20. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
21. Colégio Nossa Senhora Menina;
22. Colégio Patrocínio de São José;
23. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
24. Colégio Veja;
25. Educandário Roberto Simonsen (SESI);
26. Escola Cenecista Arnaldo Dantas (Barra dos Coqueiros);
27. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Francisco Rosa;
28. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Leandro Maciel;
29. Escola de 1º e 2º Graus Governador Augusto Franco;
30. Escola de 1º e 2º Graus Joana de Freitas Barbosa (Propriá);
31. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
32. Escola de 1º e 2º Graus Padre Gaspar Lourenço (São Cristóvão);
33. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Abelardo Romero Dantas (Lagarto);
34. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
35. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
36. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
37. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
38. Escola de 1º Grau 17 de Março;
39. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
40. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
41. Escola de 1º Grau Alfredo Montes (Nossa Senhora do Socorro);
42. Escola de 1º Grau Coronel João Fernandes de Brito (Propriá);
43. Escola de 1º Grau Dr. Manuel Luiz;
44. Escola de 1º Grau Florentino Menezes;
45. Escola de 1º Grau General Valadão;
46. Escola de 1º Grau Ivo do Prado;

47. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
48. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
49. Escola de 1º Grau José Augusto Ferraz;
50. Escola de 1º Grau José de Alencar Cardoso;
51. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
52. Escola de 1º Grau Marechal Henrique Teixeira Lott;
53. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
54. Escola de 1º Grau Nossa Senhora da Purificação;
55. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
56. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
57. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
58. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
59. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
60. Escola de 1º Grau Prof. Joaquim Vieira Sobral;
61. Escola de 1º Grau Prof. Manoel Franco Freire;
62. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
63. Escola de 1º Grau Rogaciano Magno Leão Brasil (Santo Amaro);
64. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
65. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
66. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
67. Escola Nobre de Sergipe;
68. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
69. Fundação Estadual de Bem-estar do Menor - FEBEM;
70. Ginásio da Escola Normal Nossa Senhora da Piedade (Lagarto);
71. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
72. Grupo Escolar Coronel Francisco de Souza Porto;
73. Instituto de Educação Ruy Barbosa;
74. Instituto Dom Fernando Gomes;
75. Instituto Lourival Fontes;
76. Pueri Pax Colégio;
77. Unificado Curso e Colégio;
78. Visão - Colégio Integrado;

XI Jogos da Primavera (1986):

1. Associação de Ensino e Cultura Pio X;
2. Centro Educacional General Freitas Brandão;
3. Centro Educacional Nossa Senhora da Salete (Lagarto);
4. Centro Educacional Presidente Vargas;
5. Colégio Americano Batista;
6. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
7. Colégio Brasília;
8. Colégio Cenecista Cônego José Antônio Leal Madeira (Frei Paulo);
9. Colégio Cenecista Laudelino Freire (Lagarto);
10. Colégio de Aplicação;
11. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
12. Colégio Dinâmico;
13. Colégio do Salvador;
14. Colégio Dom José Thomaz;
15. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;

16. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
17. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
18. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
19. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
20. Colégio Nossa Senhora Menina;
21. Colégio Patrocínio de São José;
22. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
23. Colégio Santa Rita de Cássia;
24. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Francisco Rosa;
25. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Leandro Maciel;
26. Escola de 1º e 2º Graus Governador Augusto Franco;
27. Escola de 1º e 2º Graus Joana de Freitas Barbosa (Propriá);
28. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
29. Escola de 1º e 2º Graus Padre Gaspar Lourenço (São Cristóvão);
30. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Abelardo Romero Dantas (Lagarto);
31. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
32. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
33. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
34. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
35. Escola de 1º Grau 17 de Março;
36. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
37. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
38. Escola de 1º Grau Coronel João Fernandes de Brito (Propriá);
39. Escola de 1º Grau Dr. Alcides Pereira (Maruim);
40. Escola de 1º Grau Dr. Carvalho Neto;
41. Escola de 1º Grau Dr. Manuel Luiz;
42. Escola de 1º Grau General Valadão;
43. Escola de 1º Grau Ivo do Prado;
44. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
45. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
46. Escola de 1º Grau José Augusto Ferraz;
47. Escola de 1º Grau José de Alencar Cardoso;
48. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
49. Escola de 1º Grau Marechal Henrique Teixeira Lott;
50. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
51. Escola de 1º Grau Nossa Senhora da Purificação;
52. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
53. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
54. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
55. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
56. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
57. Escola de 1º Grau Prof. Joaquim Vieira Sobral;
58. Escola de 1º Grau Prof. Manoel Franco Freire;
59. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
60. Escola de 1º Grau Rogaciano Magno Leão Brasil (Santo Amaro);
61. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
62. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
63. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
64. Escola Nobre de Sergipe;
65. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;

66. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
67. Grupo Escolar Coronel Francisco de Souza Porto;
68. Instituto de Educação Ruy Barbosa;
69. Instituto Lourival Fontes;
70. Pueri Pax Colégio;
71. Unidade Integrada de Ensino de 1º Grau Roberto Simonsen - SESI;
72. Unificado Curso e Colégio;
73. Visão - Colégio Integrado;

XII Jogos da Primavera (1987):

1. Centro Educacional Castro Alves;
2. Centro Educacional Nossa Senhora da Salete (Lagarto);
3. Centro Educacional Presidente Vargas,
4. Colégio Americano Batista;
5. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
6. Colégio Brasília;
7. Colégio de Aplicação;
8. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
9. Colégio Dinâmico;
10. Colégio do Salvador;
11. Colégio Dom José Thomaz;
12. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
13. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
14. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
15. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
16. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
17. Colégio Patrocínio de São José;
18. Colégio Pio X;
19. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
20. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Francisco Rosa;
21. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Leandro Maciel;
22. Escola de 1º e 2º Graus Governador Augusto Franco;
23. Escola de 1º e 2º Graus José Rollemberg Leite;
24. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Marco Maciel;
25. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
26. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Abelardo Romero Dantas (Lagarto);
27. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
28. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
29. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
30. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
31. Escola de 1º Grau 17 de Março;
32. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
33. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
34. Escola de 1º Grau Alfredo Montes (Nossa Senhora do Socorro);
35. Escola de 1º Grau Dr. Carvalho Neto;
36. Escola de 1º Grau Dr. Manuel Luiz;
37. Escola de 1º Grau Ernesto Muniz Barreto (General Maynard);
38. Escola de 1º Grau General Valadão;
39. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);

40. Escola de 1º Grau José de Alencar Cardoso;
41. Escola de 1º Grau Milton Dortas (Simão Dias);
42. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
43. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
44. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
45. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
46. Escola de 1º Grau Prof. Joaquim Vieira Sobral;
47. Escola de 1º Grau Prof. Ruy Eloy;
48. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
49. Escola de 1º Grau Rogaciano Magno Leão Brasil (Santo Amaro);
50. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
51. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
52. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
53. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
54. Instituto Lourival Fontes;
55. Unidade Integrada de Ensino de 1º Grau Roberto Simonsen - SESI;
56. Unificado Curso e Colégio;
57. Visão - Colégio Integrado;

XIII Jogos da Primavera (1988):

1. Associação de Ensino e Cultura Pio X;
2. Centro Educacional Presidente Vargas;
3. Colégio Águia;
4. Colégio Americano Batista;
5. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
6. Colégio Brasília;
7. Colégio Cenecista Laudelino Freire (Lagarto);
8. Colégio de Aplicação;
9. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
10. Colégio Dinâmico;
11. Colégio do Salvador;
12. Colégio Dom José Thomaz;
13. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
14. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
15. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
16. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
17. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
18. Colégio Imaculada Conceição (Capela);
19. Colégio Patrocínio de São José;
20. Colégio Purificação;
21. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
22. Colégio Tiradentes;
23. Escola de 1º e 2º Graus Barão de Mauá;
24. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Francisco Rosa;
25. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Leandro Maciel;
26. Escola de 1º e 2º Graus Gov. João Alves Filho;
27. Escola de 1º e 2º Graus Milton Dortas (Simão Dias);
28. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Marco Maciel;
29. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;

30. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
31. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
32. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
33. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
34. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
35. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
36. Escola de 1º Grau Coronel João Fernandes de Brito (Propriá);
37. Escola de 1º Grau Dr. Carlos Firpo (Barra dos Coqueiros);
38. Escola de 1º Grau Dr. Leandro Maciel (Rosário do Catete);
39. Escola de 1º Grau Dr. Manuel Luiz;
40. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
41. Escola de 1º Grau José de Alencar Cardoso;
42. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
43. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
44. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
45. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
46. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
47. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
48. Escola de 1º Grau Ruy Elói;
49. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
50. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
51. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
52. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
53. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
54. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
55. Instituto Dom Fernando Gomes;
56. Instituto Lourival Fontes;
57. Pueri Pax Colégio;
58. Unidade Integrada de Ensino de 1º Grau Roberto Simonsen - SESI;
59. Unificado Curso e Colégio;
60. Visão - Colégio Integrado;

XIV Jogos da Primavera (1989):

1. Centro Educacional Presidente Vargas,
2. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
3. Colégio Brasília;
4. Colégio de Aplicação;
5. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
6. Colégio Dinâmico;
7. Colégio do Salvador;
8. Colégio Dom José Thomaz;
9. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
10. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
11. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
12. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
13. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
14. Colégio Nossa Senhora Menina;
15. Colégio Objetivo;
16. Colégio Patrocínio de São José;
17. Colégio Pio X;

18. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
19. Colégio Tiradentes;
20. Escola "O Mundo da Criança";
21. Escola de 1º e 2º Graus Presidente Emílio Garrastazu Médici;
22. Escola de 1º e 2º Graus Barão de Mauá;
23. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Carlos Firpo (Barra dos Coqueiros);
24. Escola de 1º e 2º Graus Governador João Alves Filho;
25. Escola de 1º e 2º Graus José Rollemberg Leite;
26. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Marco Maciel;
27. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
28. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
29. Escola de 1º e 2º Graus Prof.^a Glorita Portugal;
30. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
31. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
32. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
33. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
34. Escola de 1º Grau Dr. Manuel Luiz;
35. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
36. Escola de 1º Grau José de Alencar Cardoso;
37. Escola de 1º Grau Lourival Baptista;
38. Escola de 1º Grau Major João Teles de Menezes;
39. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
40. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
41. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
42. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
43. Escola de 1º Grau Prof.^a Olga Barreto;
44. Escola de 1º Grau Prof.^a Zizinha Guimarães;
45. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
46. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
47. Escola Nossa Senhora da Purificação;
48. Escola São Francisco de Assis;
49. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
50. Fundação Estadual de Bem-estar do Menor - FEBEM;
51. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
52. Instituto Dom Fernando Gomes;
53. Instituto Lourival Fontes;
54. Pueri Pax Colégio;
55. Unidade Integrada de Ensino de 1º Grau Roberto Simonsen - SESI;
56. Unificado Curso e Colégio;
57. Visão - Colégio Integrado;

XV Jogos da Primavera (1990):

1. Centro Educacional Dom Avelar Brandão Vilela;
2. Centro Educacional Freitas Brandão;
3. Centro Educacional Presidente Vargas;
4. Colégio Americano Batista;
5. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
6. Colégio Cenecista Laudelino Freire (Lagarto);
7. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;

8. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
9. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
10. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
11. Escola Cenecista Arnaldo Dantas (Barra dos Coqueiros);
12. Escola de 1º e 2º Graus Barão de Mauá;
13. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Carlos Firpo (Barra dos Coqueiros);
14. Escola de 1º e 2º Graus Governador Antônio Carlos Valadares;
15. Escola de 1º e 2º Graus Governador Augusto Franco;
16. Escola de 1º e 2º Graus Governador João Alves Filho;
17. Escola de 1º e 2º Graus Leandro Maciel;
18. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Marco Maciel;
19. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
20. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
21. Escola de 1º e 2º Graus Prof.^a Glorita Portugal;
22. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
23. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
24. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
25. Escola de 1º Grau Dr. Manuel Luiz;
26. Escola de 1º Grau General Valadão;
27. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
28. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
29. Escola de 1º Grau José de Alencar Cardoso;
30. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
31. Escola de 1º Grau Juscelino Kubitschek;
32. Escola de 1º Grau Lourival Baptista;
33. Escola de 1º Grau Major João Teles de Menezes;
34. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
35. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
36. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
37. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;
38. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
39. Escola de 1º Grau Prof. Ruy Eloy;
40. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
41. Escola de 1º Grau Prof.^a Olga Barreto (São Cristóvão);
42. Escola de 1º Grau Prof.^a Zizinha Guimarães;
43. Escola de 1º Grau Santa Rita de Cássia;
44. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
45. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
46. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
47. Escola São Francisco de Assis;
48. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
49. Fundação Estadual de Bem-estar do Menor - FEBEM;
50. Instituto Lourival Fontes;
51. Unidade Integrada de Ensino de 1º Grau Roberto Simonsen - SESI;

XVI Jogos da Primavera (1991):

1. Associação de Ensino e Cultura Pio X;
2. Centro Educacional Dom Avelar Brandão Vilela;
3. Centro Educacional Freitas Brandão;

4. Centro Educacional Objetivo;
5. Centro Educacional Presidente Vargas;
6. Colégio Americano Batista;
7. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
8. Colégio Brasília;
9. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
10. Colégio de Orientação e Estudos Integrados - COESI;
11. Colégio Dinâmico;
12. Colégio do Salvador;
13. Colégio Dom José Thomaz;
14. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
15. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
16. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
17. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
18. Colégio José Fernandes da Fonseca;
19. Colégio Módulo;
20. Colégio Nobel;
21. Colégio Nossa Senhora Menina;
22. Colégio Patrocínio de São José;
23. Colégio Purificação;
24. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
25. Colégio São Paulo;
26. Escola de 1º e 2º Graus Barão de Mauá;
27. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Carlos Firpo (Barra dos Coqueiros);
28. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Francisco Rosa;
29. Escola de 1º e 2º Graus Governador Antônio Carlos Valadares;
30. Escola de 1º e 2º Graus Governador Augusto Franco;
31. Escola de 1º e 2º Graus Governador João Alves Filho;
32. Escola de 1º e 2º Graus Leandro Maciel;
33. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Marco Maciel;
34. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
35. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Antônio da Costa Melo;
36. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
37. Escola de 1º e 2º Graus Prof.^a Glorita Portugal (São Cristóvão);
38. Escola de 1º e 2º Graus Prof.^a Zizinha Guimarães;
39. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
40. Escola de 1º Grau 17 de Março;
41. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
42. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
43. Escola de 1º Grau Dr. Manuel Luiz;
44. Escola de 1º Grau General Valadão;
45. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
46. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
47. Escola de 1º Grau José de Alencar Cardoso;
48. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
49. Escola de 1º Grau Lourival Baptista;
50. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
51. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
52. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
53. Escola de 1º Grau Prof. Arício Fortes;

54. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
55. Escola de 1º Grau Prof. Joaquim Vieira Sobral;
56. Escola de 1º Grau Prof. Ruy Eloy;
57. Escola de 1º Grau Prof.^a Judite Oliveira;
58. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Soares Freire;
59. Escola de 1º Grau Prof.^a Olga Barreto (São Cristóvão);
60. Escola de 1º Grau Rogaciano Magno Leão Brasil (Santo Amaro);
61. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
62. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
63. Escola São Francisco de Assis;
64. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
65. Faculdades Integradas Tiradentes;
66. Fundação Renascer do Estado de Sergipe;
67. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
68. Instituto Dom Fernando Gomes;
69. Instituto Lourival Fontes;
70. Instituto Sagrado Coração de Jesus;
71. Unidade Integrada de Ensino de 1º Grau Roberto Simonsen - SESI;
72. Visão - Colégio Integrado;

XVII Jogos da Primavera (1992):

1. Centro Educacional General Freitas Brandão;
2. Centro Educacional Objetivo;
3. Centro Educacional Presidente Vargas;
4. Centro Educacional Prof. José Sebastião Santos;
5. Colégio Americano Batista;
6. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
7. Colégio Brasília;
8. Colégio de Aplicação;
9. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
10. Colégio de Orientação e Estudos Integrados - COESI;
11. Colégio Dinâmico;
12. Colégio do Salvador;
13. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
14. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
15. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
16. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
17. Colégio José Fernandes da Fonseca;
18. Colégio Módulo;
19. Colégio Nobel;
20. Colégio Nossa Senhora da Purificação;
21. Colégio Pio X;
22. Colégio Pueri Pax;
23. Colégio Saint Louis;
24. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
25. Colégio São Paulo;
26. Colégio Tiradentes;
27. Colégio Visão;
28. Escola de 1º e 2 Graus Ministro Marco Maciel;

29. Escola de 1º e 2º Graus Barão de Mauá;
30. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Carlos Firpo (Barra dos Coqueiros);
31. Escola de 1º e 2º Graus Francisco Rosa;
32. Escola de 1º e 2º Graus Gov. Valadares;
33. Escola de 1º e 2º Graus Leandro Maciel;
34. Escola de 1º e 2º Graus Murilo Braga (Itabaiana);
35. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Abelardo Romero Dantas (Lagarto);
36. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Arício Fortes;
37. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
38. Escola de 1º e 2º Graus Prof.^a Glorita Portugal (São Cristóvão);
39. Escola de 1º e 2º Graus Severiano Cardoso;
40. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
41. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
42. Escola de 1º Grau 17 de Março;
43. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
44. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
45. Escola de 1º Grau Alfredo Montes;
46. Escola de 1º Grau Dr. Carvalho Neto;
47. Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz;
48. Escola de 1º Grau Dra. Maria do Carmo Alves;
49. Escola de 1º Grau Gov. Augusto Franco;
50. Escola de 1º Grau Gov. João Alves Filho;
51. Escola de 1º Grau Gov. Lourival Baptista;
52. Escola de 1º Grau João Ribeiro (Laranjeiras);
53. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
54. Escola de 1º Grau José Antônio da Costa Melo;
55. Escola de 1º Grau José Rollemberg Leite;
56. Escola de 1º Grau Ministro Petrônio Portela;
57. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
58. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
59. Escola de 1º Grau Presidente Emílio Garrastazu Médici;
60. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
61. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
62. Escola de 1º Grau Prof. Joaquim Vieira Sobral;
63. Escola de 1º Grau Prof. José de Alencar Cardoso;
64. Escola de 1º Grau Prof. Ruy Eloy;
65. Escola de 1º Grau Prof.^a Judite Oliveira;
66. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Freire;
67. Escola de 1º Grau Prof.^a Olga Barreto (São Cristóvão);
68. Escola de 1º Grau Prof.^a Zizinha Guimarães;
69. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
70. Escola de 1º Grau Valnir Chagas;
71. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
72. Escola São Francisco de Assis;
73. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
74. Fundação Renascer;
75. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
76. Instituto Dom Fernando Gomes;

XVIII Jogos da Primavera (1993):

1. Centro Educacional Cri'Arte;
2. Centro Educacional D. Avelar Brandão Vilela;
3. Centro Educacional General Freitas Brandão;
4. Centro Educacional Orlando Dantas;
5. Centro Educacional Presidente Vargas;
6. Centro Educacional Prof. José Sebastião Santos;
7. Colégio Águia;
8. Colégio Amadeus;
9. Colégio Americano Batista;
10. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
11. Colégio Brasília;
12. Colégio de Aplicação;
13. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
14. Colégio de Orientação e Estudos Integrados - COESI;
15. Colégio Dinâmico;
16. Colégio do Salvador;
17. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
18. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
19. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
20. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
21. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
22. Colégio Lavoisier;
23. Colégio Módulo;
24. Colégio Nobel;
25. Colégio Nossa Senhora Menina;
26. Colégio Objetivo;
27. Colégio Pio X;
28. Colégio Pueri Pax;
29. Colégio Purificação;
30. Colégio Saint Louis;
31. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
32. Colégio São Paulo;
33. Colégio Tiradentes;
34. Colégio Visão;
35. Educandário Frei Anselmo;
36. Escola de 1º e 2º Graus Frei Cristão de Santo Hilário;
37. Escola de 1º e 2º Graus Gov. Augusto Franco;
38. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Marco Maciel;
39. Escola de 1º e 2º Graus Presidente Juscelino Kubitschek;
40. Escola de 1º e 2º Graus Prof.^a Zizinha Guimarães;
41. Escola de 1º e 2º Graus Barão de Mauá;
42. Escola de 1º e 2º Graus Dr. Carlos Firpo (Barra dos Coqueiros);
43. Escola de 1º e 2º Graus Francisco Rosa;
44. Escola de 1º e 2º Graus Gov. João Alves Filho;
45. Escola de 1º e 2º Graus Gov. Valadares;
46. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
47. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Arício Fortes;
48. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
49. Escola de 1º e 2º Graus Prof.^a Glorita Portugal (São Cristóvão);

50. Escola de 1º e 2º Graus Severiano Cardoso;
51. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
52. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
53. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
54. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
55. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
56. Escola de 1º Grau Alfredo Montes;
57. Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz;
58. Escola de 1º Grau Eulina Vasconcelos;
59. Escola de 1º Grau Francisco Leite;
60. Escola de 1º Grau General Valadão;
61. Escola de 1º Grau Gov. José Rollemberg Leite;
62. Escola de 1º Grau Jornalista Paulo Costa;
63. Escola de 1º Grau Major João Teles de Menezes;
64. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
65. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
66. Escola de 1º Grau Presidente Tancredo Neves;
67. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
68. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
69. Escola de 1º Grau Prof. Joaquim Vieira Sobral;
70. Escola de 1º Grau Prof. Ruy Eloy;
71. Escola de 1º Grau Prof.^a Judite Oliveira;
72. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Freire;
73. Escola de 1º Grau Prof.^a Olga Barreto (São Cristóvão);
74. Escola de 1º Grau Santos Dumont;
75. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
76. Escola de 1º Grau Sérgio Francisco da Silva;
77. Escola de 1º Grau Thialine;
78. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
79. Escola Pequeno Universo;
80. Escola São Francisco de Assis;
81. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
82. Fundação Renascer;
83. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
84. Instituto Dom Fernando Gomes;
85. Instituto Lourival Fontes;
86. Instituto Sagrado Coração de Jesus;

XIX Jogos da Primavera (1994):

1. Centro Educacional Atlântico;
2. Centro Educacional Cri'Arte;
3. Centro Educacional D. Avelar Brandão Vilela;
4. Centro Educacional General Freitas Brandão;
5. Centro Educacional Orlando Dantas;
6. Centro Educacional Presidente Vargas;
7. Centro Educacional Prof. José Sebastião Santos;
8. Centro Educacional São Joaquim;
9. Colégio Águia;
10. Colégio Amadeus;

11. Colégio Americano Batista;
12. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
13. Colégio Brasil;
14. Colégio Brasília;
15. Colégio Coroa do Meio;
16. Colégio de Aplicação;
17. Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA;
18. Colégio de Orientação e Estudos Integrados - COESI;
19. Colégio Dinâmico;
20. Colégio do Salvador;
21. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
22. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
23. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
24. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
25. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
26. Colégio Gauss Orientação de Ensino;
27. Colégio Lavoisier;
28. Colégio Módulo;
29. Colégio Nobel;
30. Colégio Nossa Senhora Menina;
31. Colégio Objetivo;
32. Colégio Patrocínio de São José;
33. Colégio Pio X;
34. Colégio Pueri Pax;
35. Colégio Purificação;
36. Colégio Saint Louis;
37. Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora;
38. Colégio São Paulo;
39. Colégio Tiradentes;
40. Colégio Unificado;
41. Colégio Universo;
42. Colégio Visão;
43. Educandário Frei Anselmo;
44. Escola de 1º e 2º Graus Abelardo Romero Dantas (Lagarto);
45. Escola de 1º e 2º Graus Santos Dumont;
46. Escola de 1º e 2º Graus Gov. Augusto Franco;
47. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Marco Maciel;
48. Escola de 1º e 2º Graus Presidente Juscelino Kubitscheck;
49. Escola de 1º e 2º Graus Barão de Mauá;
50. Escola de 1º e 2º Graus Francisco Rosa;
51. Escola de 1º e 2º Graus Gov. João Alves Filho;
52. Escola de 1º e 2º Graus Gov. José Rollemberg Leite;
53. Escola de 1º e 2º Graus Gov. Valadares;
54. Escola de 1º e 2º Graus José Sampaio;
55. Escola de 1º e 2º Graus Leandro Maciel;
56. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
57. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Arício Fortes;
58. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
59. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
60. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;

61. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
62. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
63. Escola de 1º Grau Coração de Jesus;
64. Escola de 1º Grau Dr. Carvalho Neto;
65. Escola de 1º Grau Girassol;
66. Escola de 1º Grau Gov. João Alves Filho (Areia Branca);
67. Escola de 1º Grau José Augusto Ferraz;
68. Escola de 1º Grau Major João Teles de Menezes;
69. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
70. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
71. Escola de 1º Grau Presidente Tancredo Neves;
72. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz;
73. Escola de 1º Grau Prof. Francisco Portugal;
74. Escola de 1º Grau Prof. Joaquim Vieira Sobral;
75. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Freire;
76. Escola de 1º Grau Prof.^a Olga Barreto (São Cristóvão);
77. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
78. Escola de 1º Grau Sérgio Francisco da Silva;
79. Escola de 1º Grau Silvío Romero (Lagarto);
80. Escola de 1º Grau Valnir Chagas;
81. Escola Integrada do Ensino de 1º Grau John Kennedy;
82. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFS;
83. Fundação Renascer;
84. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
85. Instituto Dom Fernando Gomes;
86. Instituto Lourival Fontes;

XX Jogos da Primavera (1995):

1. Centro Educacional Atlântico;
2. Centro Educacional General Freitas Brandão;
3. Centro Educacional Olga Benário;
4. Centro Educacional Orlando Dantas;
5. Centro Educacional Presidente Vargas;
6. Centro Educacional Prof. José Sebastião dos Santos;
7. Colégio Amadeus;
8. Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;
9. Colégio Brasil;
10. Colégio Brasília;
11. Colégio Castro Alves;
12. Colégio Coroa do Meio;
13. Colégio de Aplicação;
14. Colégio Dom José Thomaz;
15. Colégio Elite;
16. Colégio Estadual Atheneu Sergipense;
17. Colégio Estadual Jackson de Figueiredo;
18. Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana);
19. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco;
20. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva;
21. Colégio Lavoisier;

22. Colégio Nossa Senhora Menina;
23. Colégio Objetivo;
24. Colégio Pio X;
25. Colégio Purificação;
26. Colégio Recanto do Pequeno Príncipe;
27. Colégio Santa Terezinha;
28. Educandário Duque de Caxias;
29. Educandário Frei Anselmo;
30. Educandário Nossa Senhora de Lourdes;
31. Escola de 1º e 2º Graus Barão de Mauá;
32. Escola de 1º e 2º Graus Francisco Rosa;
33. Escola de 1º e 2º Graus Gov. Augusto Franco;
34. Escola de 1º e 2º Graus Gov. João Alves Filho;
35. Escola de 1º e 2º Graus Gov. José Rollemberg Leite;
36. Escola de 1º e 2º Graus Gov. Valadares;
37. Escola de 1º e 2º Graus José Sampaio;
38. Escola de 1º e 2º Graus Leandro Maciel;
39. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Marco Maciel;
40. Escola de 1º e 2º Graus Ministro Petrônio Portela;
41. Escola de 1º e 2º Graus Presidente Emílio Garrastazu Médici;
42. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Abelardo Romero Dantas (Lagarto);
43. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Arício Fortes;
44. Escola de 1º e 2º Graus Prof. Gonçalo Rollemberg Leite;
45. Escola de 1º e 2º Graus Prof.^a Glorita Portugal (São Cristóvão);
46. Escola de 1º e 2º Graus Sagrado Coração de Jesus;
47. Escola de 1º e 2º Graus Santos Dumont;
48. Escola de 1º e 2º Graus Tobias Barreto;
49. Escola de 1º Grau 11 de Agosto;
50. Escola de 1º Grau 15 de Outubro;
51. Escola de 1º Grau 17 de Março;
52. Escola de 1º Grau 24 de Outubro;
53. Escola de 1º Grau 8 de Julho;
54. Escola de 1º Grau Jorge Amado (Nossa Senhora do Socorro);
55. Escola de 1º Grau José Augusto Ferraz;
56. Escola de 1º Grau Marechal Henrique Teixeira Lott;
57. Escola de 1º Grau Monsenhor Carlos Camélio Costa;
58. Escola de 1º Grau Olavo Bilac;
59. Escola de 1º Grau Prof. Acrísio Cruz.
60. Escola de 1º Grau Prof. Joaquim Vieira Sobral;
61. Escola de 1º Grau Prof. José de Alencar Cardoso;
62. Escola de 1º Grau Prof.^a Neyde Mesquita (São Cristóvão);
63. Escola de 1º Grau Prof.^a Ofenísia Freire;
64. Escola de 1º Grau Prof.^a Olga Barreto (São Cristóvão);
65. Escola de 1º Grau Senador Leite Neto;
66. Escola de 1º Grau Silvio Romero (Lagarto);
67. Escola Técnica Federal de Sergipe - ETFSE;
68. Grêmio Escolar Graccho Cardoso;
69. Instituto Dom Fernando Gomes;

APÊNDICE C - Estabelecimentos de ensino proclamados Campeões Gerais de cada edição dos Jogos da Primavera*

- **I Jogos da Primavera (1964)**
 - **Campeão:** *Colégio Tobias Barreto;*
 - **Diretor:** Alcebíades Melo Vilas-Boas;

- **II Jogos da Primavera (1965)**
 - **Campeão:** *Colégio Tobias Barreto;*
 - **Diretor:** Alcebíades Melo Vilas-Boas;

- **III Jogos da Primavera (1965)**
 - **Campeão:** *Colégio Tobias Barreto;*
 - **Diretor:** Alcebíades Melo Vilas-Boas;

- **IV Jogos da Primavera (1967)**
 - **Campeão:** *Colégio Estadual de Sergipe;*
 - **Diretor:** Rosália Bispo dos Santos;

- **IV Jogos da Primavera (1979)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

- **V Jogos da Primavera (1980)**
 - **Campeão:** *Colégio Estadual Atheneu Sergipense;*
 - **Diretor:** Leão Magno Brasil;

- **VI Jogos da Primavera (1981)**
 - **Campeão:** *Colégio Estadual Atheneu Sergipense;*
 - **Diretor:** Leão Magno Brasil;

- **VII Jogos da Primavera (1982)**
 - **Campeão:** *Colégio Estadual Atheneu Sergipense;*
 - **Diretor:** Leão Magno Brasil;

- **VIII Jogos da Primavera (1983)**
 - **Campeão:** *Colégio Estadual Atheneu Sergipense;*
 - **Diretor:** Leão Magno Brasil;

- **IX Jogos da Primavera (1984)**
 - **Campeão:** *Centro Educacional Presidente Vargas;*
 - **Diretor:** Cláudia Lima;

- **X Jogos da Primavera (1985)**
 - **Campeão:** *Unificado Curso e Colégio;*
 - **Diretor:** Augusto Bezerra;

- **XI Jogos da Primavera (1986)**

* No caso dos "Jogos Estudantis Sergipanos" (1970-1978) não havia a declaração de um campeão geral.

- **Campeão:** *Unificado Curso e Colégio;*
- **Diretor:** Augusto Bezerra;

- **XII Jogos da Primavera (1987)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

- **XIII Jogos da Primavera (1988)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

- **XIV Jogos da Primavera (1989)**
 - **Campeão:** *Colégio Unificado;*
 - **Diretor:** Augusto Bezerra;

- **XV Jogos da Primavera (1990)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

- **XVI Jogos da Primavera (1991)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

- **XVII Jogos da Primavera (1992)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

- **XVIII Jogos da Primavera (1993)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

- **XIX Jogos da Primavera (1994)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

- **XX Jogos da Primavera (1995)**
 - **Campeão:** *Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus;*
 - **Diretor:** Cônego José Carvalho de Souza;

APÊNDICE D - Carta de Cessão de Direitos sobre Entrevistas

**Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação**



**Universidade Federal de Sergipe
Departamento de Educação Física**

Cidade, data

Eu, _____ NOME _____, __EST. CIVIL__, CI n.º _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada e transcrita para leitura (_DATA_) a Hamilcar Silveira Dantas Junior, casado, CI n.º 750029 SSP/SE, para ser usada integralmente ou em partes com a devida citação como fonte para sua Tese de Doutorado, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

De igual modo, autorizo a audição e o uso de citações a terceiros, ficando vinculado o controle e a guarda da mesma ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, sob a salvaguarda do supracitado professor, a fim de que seja preservada como fonte da história da educação física brasileira, de modo destacado da educação física em Sergipe.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes sobre esta entrevista, subscrevo a presente carta de cessão.

APÊNDICE E - Roteiro de entrevistas

5.1 - Entrevista aos Dirigentes (Organizadores, Secretário de Educação):

5.1.1 - Vida escolar:

- A formação escolar;
- A Educação Física;
- A prática esportiva;
- Pessoas e fatos marcantes;

5.1.2 - A formação profissional e a gestão pública:

- Formação profissional: escolhas, realizações, frustrações;
- Gestão pública: escolhas, realizações, frustrações;

5.1.3 - Educação Física:

- Sentido e finalidade;
- Distinção Educação Física e Esporte;
- Democratização das práticas;

5.1.4 - A cena educacional e esportiva: Os Jogos da Primavera e os Jogos Estudantis Sergipanos:

- Idealização dos Jogos da Primavera (1ª fase): inspiração e objetivos;
- Ação política: objetivos e investimentos do Estado, premiação, situação das escolas públicas;
- Os desfiles, os símbolos olímpicos e os símbolos dos Jogos;
- Escolas participantes;
- Condições de preparação dos alunos para os Jogos;
- Definição das Comissões Organizadoras;
- Críticas da Imprensa;
- Os problemas: alunos irregulares, atletas profissionais, venda de resultados, fraude de documentos, contratação de alunos de escolas públicas;
- Esquecimento dos IV Jogos da Primavera em 1967;
- 1970 - Jogos Estudantis Sergipanos: diferenças, inspiração e objetivos;
- Aberturas no Batistão;
- Investimento do Estado e esvaziamento de escolas e modalidades esportivas nos Jogos Estudantis Sergipanos;
- Cursos de Educação Física e o apoio aos Jogos da Primavera e Jogos Estudantis;
- Jogos da Primavera (1979) - solução de continuidade com os Jogos Estudantis: motivações e diferenças;
- Desfile de abertura na Avenida Barão de maruim, posterior retorno ao Batistão;
- Comissões de Justiça e Disciplina;
- Críticas aos Jogos: professores e entidades sindicais;
- Proposições pedagógicas críticas;
- A estrutura das escolas públicas;
- Criação dos Clubes Escolares;
- Mudança de paradigma dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs, 1989): o esporte educacional;
- Representatividade dos Jogos da Primavera para a Educação Física em Sergipe e para o professor, especificamente;

5.2 - Entrevista aos Professores:

5.2.1 - Vida escolar:

- A formação escolar;
- A Educação Física;
- A prática esportiva;
- Pessoas e fatos marcantes;

5.2.3 - Formação profissional:

- Curso de formação em Educação Física: proposta, objetivos, bases teóricas, práticas cotidianas, debates da época, literatura trabalhada;
- Os Cursos de Atualização em Educação Física (SEC/SE) e os Cursos Internacionais de Educação Física (UFS);
- Apoio do Depto. Educação Física/UFS aos Jogos Estudantis Sergipanos e Jogos da Primavera;
- A inserção/ação da Associação dos Professores de Educação Física (APEF-SE);

5.2.4 - A cena educacional e esportiva: Os Jogos da Primavera e os Jogos Estudantis Sergipanos:

- Idealização dos Jogos da Primavera (1ª fase): inspiração e objetivos;
- Ação política: objetivos e investimentos do Estado, premiação, situação das escolas públicas;
- Os desfiles, os símbolos olímpicos e os símbolos dos Jogos;
- Escolas participantes;
- Definição das Comissões Organizadoras;
- Críticas da Imprensa;
- Os problemas: alunos irregulares, atletas profissionais, venda de resultados, fraude de documentos, contratação de alunos de escolas públicas;
- Esquecimento dos IV Jogos da Primavera em 1967;
- 1970 - Jogos Estudantis Sergipanos: diferenças, inspiração e objetivos;
- Aberturas no Batistão;
- Investimento do Estado e esvaziamento de escolas e modalidades esportivas nos Jogos Estudantis Sergipanos;
- Jogos da Primavera (1979) - solução de continuidade com os Jogos Estudantis: motivações e diferenças;
- Desfile de abertura na Avenida Barão de maruim, posterior retorno ao Batistão;
- Comissões de Justiça e Disciplina;
- Criação dos Clubes Escolares;
- Mudança de paradigma dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs, 1989): o esporte educacional;

5.2.4 - O cotidiano e a prática escolar:

- Prática pedagógica - objetivos, conteúdos, metodologias: o fazer escolar da Educação Física;
- Distinção Educação Física e Esporte;
- Democratização das práticas;
- Condições de preparação dos alunos para os Jogos: treinamento???
- Pressão das Secretarias e dos Diretores de Escola;
- Críticas aos Jogos: professores e entidades sindicais;
- Proposições pedagógicas críticas;

- A estrutura das escolas públicas;
- Representatividade social dos Jogos da Primavera para a Educação Física em Sergipe e para o professor, especificamente;